



CLARICE MOREIRA BRAGA SOARES

**REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE PROCESSOS
DE APRENDIZAGEM DE UNIVERSITÁRIOS**

LAVRAS – MG

2013

CLARICE MOREIRA BRAGA SOARES

**REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE PROCESSOS DE APRENDIZAGEM
DE UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Linguística Aplicada, para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora

Dra. Tânia Regina de Souza Romero

LAVRAS- MG

2013

**Ficha Catalográfica Elaborada pela Coordenadoria de Produtos e
Serviços da Biblioteca Universitária da UFLA**

Soares, Clarice Moreira Braga.

Reflexões críticas sobre processos de aprendizagem de
universitários / Clarice Moreira Braga Soares. – Lavras : UFLA,
2013.

224 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Lavras, 2013.

Orientador: Tânia Regina de Souza Romero.

Bibliografia.

1. Universitários. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Pesquisa. I.
Universidade Federal de Lavras. II. Título.

CDD – 378.00723

CLARICE MOREIRA BRAGA SOARES

**REFLEXÕES CRÍTICAS SOBRE PROCESSOS DE APRENDIZAGEM
DE UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Linguística Aplicada, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 4 de julho 2013.

Dr. José Antonio Andrade Júnior UFLA

Dra. Patrícia Vasconcelos Almeida UFLA

Dra. Tania Regina de Souza Romero
Orientadora

LAVRAS- MG

2013

Aos que vieram para dar sentido a minha existência, que justificam as lutas e engrandeceram as vitórias, meu por que, meu para quê. Meus filhos.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Tania Regina de Souza Romero, pela orientação, pelo exemplo de seriedade e competência, e por acreditar em meu potencial para desenvolver, sob sua orientação, uma pesquisa de tamanha relevância para o universo pedagógico. Por tudo.

À Profa. Dra. Claudia Maria Ribeiro, pelo acolhimento e respeito a minha formação anterior.

Aos demais Professores do Programa de Pós Graduação em Educação, por contribuírem significativamente para minha formação.

Ao Prof. Dr. José Antonio Araújo Andrade por sua disponibilidade em participar como membro da banca examinadora e pelas contribuições por ocasião do exame de qualificação e defesa.

À Profa. Dra. Patrícia Vasconcelos Almeida por sua participação na banca examinadora e suas pertinentes colaborações para este trabalho por ocasião do exame de qualificação e defesa.

Ao Prof. Dr. João Chrysostomo de Resende Junior, por sua disponibilidade em participar como membro da banca examinadora e por suas relevantes contribuições para minha pesquisa por ocasião da qualificação.

À Profa. Dra. Luciane Kern Junqueira por suas contribuições para esta pesquisa por ocasião do exame de qualificação.

À Profa. Jacqueline Magalhães Alves por ter aceitado participar como membro suplente da banca examinadora.

À Danielle de Oliveira Lellis Goring, pelo apoio e parceria constante.

À Lorena Kathyryne Vieira Saraiva pela gentil e competente assessoria digital.

À Profa. Dra. Helena Maria Ferreira, pelo profissionalismo, apoio e incentivo a novos caminhos.

Aos estudantes que gentilmente se voluntariaram para as entrevistas.

Aos colegas participantes do Programa de Pós Graduação em Educação, em especial àqueles com quem tive o privilégio de conviver além do espaço da sala de aula.

Àqueles que de alguma forma, me abriram portas ou me mostraram janelas.

Àqueles que com apoio e estímulo, fizeram parte desta trajetória.

Nenhuma palavra, por mais bela que fosse, poderia exprimir minha gratidão.

Professores ideais são aqueles que se transformam em pontes e que convidam os alunos a cruzá-la, depois de ter facilitado e intermediado sua passagem, incentivando-os a criar pontes a partir de suas próprias atitudes (Nikos Kazantzakis).

RESUMO

Frequentemente, constata-se grande preocupação por parte das universidades em geral, com a dificuldade de aprendizagem em qualquer área do Ensino Superior. Destaca-se o fato de que alguns estudantes aprendem com certa facilidade algumas disciplinas e, ao mesmo tempo, apresentam alto grau de dificuldade em relação à aprendizagem de outras. Presume-se que vários aspectos podem influenciar na aprendizagem, como experiências acadêmicas, imaturidade para ingresso na universidade, dificuldade de comunicação, entre outras. O objetivo do presente estudo é investigar alguns processos de aprendizagem de estudantes de uma universidade pública de Minas Gerais, visando à compreensão de tais processos e uma reflexão sobre possíveis ações pedagógicas para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem, com base na literatura da área de educação. Para desenvolver tal pesquisa, foi escolhida a abordagem qualitativa, uma vez que o significado que as pessoas dão às coisas e à vida é nosso foco de atenção especial. Também foi escolhida a abordagem de estudo de caso, pela sua contribuição para as pesquisas qualitativas e por enfatizar a interpretação em contexto, buscando retratar a realidade. A coleta de dados foi efetuada com estudantes da universidade foco e se desenvolveram por meio de entrevistas semi-estruturadas, com vinte estudantes de cursos diversos objetivando compreender quais são as ações dos estudantes para aprender e quais as possíveis ações pedagógicas para o desenvolvimento acadêmico. Os resultados desta pesquisa indicaram que as estratégias de aprendizagem, EA, utilizadas pelos estudantes foram as EA Diretas de Compensação e de Cognição e as EA Indiretas de Socialização e que as EA não utilizadas são as EA Indiretas de Metacognição. Estes resultados, bem como a discussão que se fez com base na literatura da área, poderão dar subsídios a professores de ensino superior para que se possa aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem em nível universitário.

Palavras-chave: Pesquisa. Ensino-aprendizagem. Universitários.

ABSTRACT

Universities in general have often shown great concern in regard to learning difficulty in High Education. The fact that a few students learn certain courses with ease and, at the same time, present a high degree of difficulty in regard to others is highlighted. It is assumed that various aspects may influence learning, such as academic experience, immaturity when entering a university, communication difficulties, among others. The objective of this study is to investigate a few of the learning process of students from a public university in Minas Gerais, Brazil, seeking the understanding of these process and a reflection on possible pedagogical actions to take in order to improve the teaching-learning process, based on the literature in the education field. To develop such research, a qualitative approach was chosen, since the meaning people give to things and life is the focus of our attention. We also chose a case study approach, for its contribution to qualitative research and for emphasizing contextual interpretation. The data collection was done with students of a focus university and developed through semi-structured interviews with twenty students from various majors, aiming at understand which actions they took in order to learn, and which are the possible pedagogical actions for their academic development. The results indicated that the learning strategies (LS) used by the students were the Direct Compensation SL and Cognition Strategies as well as Indirect Socialization Strategies, and that the strategies not used are the Indirect Recognition Strategies. These results, along with the literature based discussion, may subsidize high education teachers in order for them to optimize the teaching-learning process at a university level.

Keywords: Research. Teaching-Learning. University students.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Teorias de Aprendizagem	50
Quadro 2	Estratégias de Aprendizagem.....	56
Quadro 3	Fases do PAAA.....	58
Quadro 4	Entrevistas analisadas	75
Quadro 5	Perguntas de pesquisa.....	87

LISTA DE ABREVIATURAS

Cap.	Capítulo
Pag.	Página
Prof.	Professor
Profa.	Professora
Dr.	Doutor
Dra.	Doutora
AVA	Ambiente Virtual de aprendizagem
EA	Estratégias de aprendizagem
PAAA	Projeto Acompanhamento Acadêmico do Aluno
ECE	Escala de competências de estudo
EME	Escala de motivação de estudo

LISTA DE SIGLAS

PUC	Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas
UWF	Universidade do Oeste da Flórida
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
EJA	Educação de Jovens e Adultos
PET	Programa de Educação Tutorial
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos
CCUWUF	Código de conduta do estudante da Universidade do Oeste da Flórida.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LISTA DE SÍMBOLOS

E Entrevista

C Inicial do nome da pesquisadora

01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20

Número da entrevista realizada

J, F, N, L, D, M, A, R, K, P, E, G, H, Y, S, T, I, W, V, B

Iniciais dos nomes fictícios dos estudantes entrevistados.

01, 02, 03,04, 05, 06, 07, 08, 09, 10, 11, 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22, 23

24, 25, 26

Números das respostas dos estudantes entrevistados.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	ALGUMAS PESQUISAS SEMELHANTES REALIZADAS NA ÁREA	21
3	FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS	30
3.1	Pedagogia universitária	30
3.1.1	O bom professor	34
3.2	Reflexões críticas	37
3.3	Teorias de ensino–aprendizagem	41
3.3.1	Behaviorismo	42
3.3.2	Cognitivismo	45
3.3.3	Sócio construtivismo	47
3.4	Estratégias de aprendizagem	51
3.5	Autonomia	63
4	METODOLOGIA	68
4.1	Pesquisa qualitativa	68
4.2	Estudo de caso	71
4.3	Entrevista	72
4.4	O contexto da pesquisa	73
4.5	Caracterização dos participantes	74
4.6	Coleta de dados	83
4.7	Procedimentos de análise	84
5	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	88
5.1	Respostas às perguntas de pesquisa	88
5.2	Resumindo as respostas às perguntas de pesquisa	113
5.3	Outros aspectos relevantes	118
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS	132
	REFERÊNCIAS	137
	ANEXOS	142

1 INTRODUÇÃO

A entrada na universidade pode ser considerada como um marco na vida de adolescentes e jovens, mas as queixas frequentes de dificuldades de aprendizagem¹, tanto por parte deles próprios quanto por parte de seus professores muitas vezes ocasiona troca de cursos e evasão escolar, que são também, problemas que as universidades vêm apontando. Portanto, percebe-se que o levantamento e especificação dessas dificuldades, bem como uma reflexão embasada teoricamente para que se consiga desenvolver o potencial afetivo-cognitivo envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, são de fundamental importância quando se pretende pensar a formação universitária.

Incidindo sobre essa questão, Bastos e Keller (2011) e Cunha (2007, 2009), apontam alguns aspectos que influenciam a entrada dos estudantes na universidade, como a imaturidade cultural e psicológica, destacando que os estudantes chegam ao ensino superior com a mesma mentalidade com que cursam o ensino médio, sem aspirações ou objetivos definidos. Afirmam ainda que muitos estudantes ingressem na universidade por insistência de familiares ou amigos, mas não possuem certeza de que o curso escolhido responderá suas aspirações pessoais e profissionais. Os autores acreditam que este é um dos aspectos que explicam a insegurança e irresponsabilidade em suas atitudes, além de contribuir para as desistências e trancamentos de matrícula.

Bastos e Keller (2011), Ruiz (2005) e Saravale (2005) destacam ainda que tais fatores, entre outros, podem interferir de forma negativa no processo de aprendizagem, visto que afetam a atenção, a concentração e o interesse do

¹ As Dificuldades de Aprendizagem, neste estudo, são aquelas compreendidas como problemas referentes ao processo de aprendizagem do conteúdo de diversas disciplinas de graduação. Os aspectos psicológicos, não serão objeto de discussão neste trabalho.

estudante pela área de estudo, pontos relevantes para o desenvolvimento acadêmico.

Relevante também é a forma como ingressam os estudantes, as exigências dos processos seletivos e a forma como são selecionados, processo que tem sido repensado e alterado nos últimos anos, especialmente na universidade pública, que é o foco dessa investigação. Em 1998, o Ministério da Educação do Brasil lançou o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, propondo a avaliação da qualidade do ensino médio no Brasil. Esta iniciativa foi a primeira que objetivou a avaliação geral do sistema de ensino do país. A base do ENEM é a aplicação de uma prova anual padronizada que se diferenciados tradicionais vestibulares, que focam disciplinas isoladamente, pelo fato de priorizar não apenas a avaliação de conteúdos, mas a avaliação de competências e a interdisciplinaridade. Até o ano de 2008, a prova do ENEM, aplicada em um dia, com 63 questões, não era utilizada para ingresso em cursos superiores. No ano de 2009, um novo modelo de prova teve como proposta a unificação do processo seletivo (antes vestibular) nas universidades públicas. O número de questões da prova aumentou para 180 com mais uma questão de redação e esta passou a ser realizada em dois dias. Na formulação da prova, foi adotada a Teoria de Resposta ao Item - TRI, o que possibilita que a utilização de notas obtidas em edições diferentes do ENEM para ingresso nas universidades. Assim, as notas da prova passaram a ser utilizadas para ingresso em cursos de graduação nas universidades públicas por meio do Sistema de Seleção Unificada - SISU, embora a utilização desta nota para ingresso não seja obrigatória. É relevante ressaltar que o ENEM tem sido utilizado de três formas pelas instituições de ensino, sendo em substituição a alguma etapa do vestibular, completando a nota total do processo seletivo ou como critério de seleção com ou sem a utilização do Sistema de Seleção Unificada – SISU. Na universidade foco desta pesquisa, o ENEM é adotado como critério de seleção com a

utilização do sistema de Seleção Unificada – SISU, embora existam também outras formas de ingresso, como o processo de transferência externa para estudantes de outras universidades e a obtenção de novo título para aqueles que já possuem formação superior e desejam cursar outra graduação.

No bojo das mudanças implementadas no sistema público, destacou-se, no ano de 2012, a aprovação do sistema de cotas nas Universidades Federais. A aprovação da Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto de 2012, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. De acordo com a lei, metade das vagas oferecidas será de ampla concorrência, já a outra metade será reservada por critério de cor, rede de ensino e renda familiar. As universidades federais terão quatro anos para se adaptarem à lei. Atualmente, não existe cota social em 27 das 59 universidades federais. Além disso, apenas 25 delas possuem reserva de vagas ou sistema de bonificação para estudantes negros, pardos e indígenas. A lei também determina que a cota racial seja diferente em cada universidade ou instituto da rede federal. Estudantes negros, pardos e índios terão o número de vagas reservadas definido de acordo com a proporção dessas populações apontada no censo do IBGE de 2010 na unidade da federação em que está a instituição de ensino superior. As demais vagas reservadas serão distribuídas entre os alunos que cursaram o ensino médio em escola pública, sendo que no mínimo metade da cota (ou 25% do total de vagas) deverá ser destinada a estudantes que, além de ter estudado em escola pública, sejam oriundos de famílias com renda igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita. A proposta exige que as instituições ofereçam pelo menos 25% da reserva de vagas prevista na lei a cada ano.

De acordo com matéria publicada no jornal O Globo (KRAKOVICS, 2012), o ministro da Educação, Aloísio Mercadante esclareceu que a lei entra em

vigor a partir da data de sua publicação, mas que as universidades terão até 2016 para implantarem as novas regras de acesso. Ele declarou que a lei foi aprovada para entrar em vigência imediatamente, o que significa que 2013 será o primeiro dos quatro anos em que essas cotas serão implantadas, o que acontecerá progressivamente em quatro anos. O ministro afirmou ainda que os cotistas possam receber auxílio da universidade caso tenham dificuldade em determinadas matérias e que as instituições terão de adotar políticas de inclusão. O Ministro defendeu a manutenção da excelência do ensino, declarando que as universidades terão que ter cursos de nivelamento e tutoria, declarando que a regulamentação desse processo nos próximos quatro anos está sendo discutido com o Conselho de Reitores. Ele declarou que estão incluídas nessa discussão também “as medidas que serão necessárias para que esses alunos tenham bom desempenho quando ingressarem na universidade, porque, se nós queremos a inclusão social, nós queremos manter a excelência da universidade” (KRAKOVICS, 2012).

Assim sendo, compreendo que a aprovação da lei citada exigirá um cuidado ainda maior com as questões relacionadas ao ensino-aprendizagem, o que mostra a relevância de estudos e ações que respondam a esta necessidade.

Portanto, considerando tais informações, vê-se que esta pesquisa se alinha à preocupação expressa e torna-se relevante ao contemplar um aspecto do campo educacional brasileiro que tem repercussões, consequências e marcas que experiências positivas e ou negativas entre universidade, professores e alunos imprimem à trajetória escolar e à história de vida dos indivíduos.

Coerentemente, pretende-se neste estudo, como propósito geral, investigar os processos de aprendizagem de estudantes dos cursos de graduação de uma universidade pública de Minas Gerais, para que os dados possam servir de subsídios a possíveis ações de intervenção pedagógica por parte dos professores e ou da instituição.

Os objetivos específicos são:

- a) Fazer um levantamento sobre a forma como os universitários estudam os conteúdos das disciplinas de seu curso, especificamente identificando as estratégias que usam para aprendê-las;
- b) Compreender possíveis dificuldades no processo de aprendizagem enfrentadas pelos estudantes.

A partir dos resultados da pesquisa, teremos dados que poderão servir para subsidiar ações pedagógicas e formas de mudanças e/ou transformações em benefício de maior desenvolvimento discente e docente. Assim, os resultados contribuirão para a reflexão sobre abordagens pedagógicas que possam desenvolver o processo de ensino-aprendizagem na universidade.

As seguintes perguntas de pesquisa orientarão este estudo:

- 1-Quais são as ações dos estudantes para aprender?
- 2- Quais seriam as possíveis ações pedagógicas para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem?

Assim sendo, este estudo, tem como objetivo investigar os processos de aprendizagem de estudantes de uma universidade pública de Minas Gerais e sugerir possíveis ações pedagógicas que possam beneficiar este processo.

Deve-se salientar que esta pesquisa insere-se no programa de formação de professores, uma vez que busca compreender ações de aprendizagem de estudantes para refletir sobre ações docentes cabíveis no contexto, visando o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

O ponto de vista é o da Linguística Aplicada, que de acordo com Lopes (1998), além de investigar problemas reais em que a língua assume função

predominante, também se ocupa com contextos educacionais materializados na linguagem contribuindo para uma reflexão crítica dos participantes sobre os problemas estudados. Considerando sua característica transdisciplinar, portanto, coloca-se como “um modo de investigação que envolve uma forma de produção de conhecimento que corta várias disciplinas” (LOPES, 1998, p. 109), motivo pelo qual vem sendo cada vez mais utilizada para corroborar com pesquisas usuais nas ciências naturais e também nas ciências sociais e humanas. Portanto, entendo que a Linguística Aplicada, apoiando-se na linguagem e também em outras áreas do conhecimento, auxilia a compreensão dos dados coletados, colaborando com o pesquisador na análise de uma situação educacional específica. Assim, é na esfera desta concepção de pesquisa, característica da Linguística Aplicada que desenvolvi este estudo.

Nessa grande área, esse estudo insere-se especificamente no projeto Linguagem na Constituição do Educador que se ocupa em investigar representações em documentos escritos ou orais diversos no contexto escolar.

Esta dissertação está organizada em 06 capítulos. No primeiro, introduzo a pesquisa e no segundo apresento algumas pesquisas similares realizadas na área de educação. No terceiro, apresento os alicerces teóricos nos quais me embasei para desenvolver esta pesquisa; o quarto discorre sobre a metodologia utilizada para a coleta dos dados e o quinto capítulo apresenta a análise e interpretação dos dados coletados. Fechando o estudo, teço considerações sobre todo o processo.

A seguir, apresento algumas pesquisas semelhantes, que foram realizadas na área de educação.

2 ALGUMAS PESQUISAS SEMELHANTES REALIZADAS NA ÁREA

Visando compreender o processo de aprendizagem de estudantes universitários, Bartalo e Guimarães (2008), desenvolveram uma pesquisa a respeito de estratégias de estudo e aprendizagem de universitários. Por meio de investigações sobre o uso de estratégias de aprendizagem, a amostra conta com 109 estudantes universitários de cursos de graduação de 02 universidades públicas dos estados de São Paulo e Paraná. De acordo com os autores, os dados coletados e os resultados indicaram que os cursos são valorizados pelos estudantes e que são associados a metas futuras. Apontam que há uma dificuldade no que se refere ao gerenciamento do tempo e a utilização de métodos e estratégias de estudos, sendo que a aprendizagem de estratégias é apontada pela literatura como algo favorável para o bom desempenho acadêmico. Os pesquisadores propõem uma discussão em torno de uma possibilidade de intervenção pelo ensino do uso de estratégias de estudo e aprendizagem, proposta também evidente, por exemplo, nos trabalhos desenvolvidos pela PUC-Campinas e pela Universidade do Oeste da Flórida.

Silva e Ataíde (2010) pesquisaram a afetividade na relação professor-estudante e suas implicações na aprendizagem no contexto universitário. Para tanto, investigaram a postura do professor em sala de aula e a influência desta postura no processo de aprendizagem. O estudo foi desenvolvido em uma universidade pública situada na cidade de Recife - PE, com estudantes de graduação do curso de Pedagogia. As pesquisadoras explicam que foram realizadas observações em cada uma das turmas investigadas e feitas entrevistas semiestruturadas com professores e estudantes. Uma análise qualitativa foi realizada e os dados sistematizados em dois temas, sendo:

- a) Postura do professor em sala de aula e a experiência de aprendizagem do estudante;
- b) Aspectos positivos e negativos na relação afetiva entre professor-estudante em sala de aula.

Segundo as autoras, os resultados indicaram que uma experiência de aprendizagem favorável está claramente associada a uma relação afetiva positiva entre professores e estudantes. Apontam que, de acordo com as observações e com as entrevistas semi-estruturadas, foi possível constatar a importância dos aspectos afetivos nas relações entre professores e estudantes. Sugerem, portanto, que os professores se empenhem no sentido de propiciar a interação com os estudantes e dar uma maior importância aos aspectos afetivos no sentido de beneficiar, desta forma, o processo de aprendizagem.

Dias et al. (2011) desenvolveram um trabalho sobre as competências de estudo e pensamento crítico em estudantes universitários, considerando os modelos teóricos de auto-regulação. Os autores explicam que, para tanto, foi construída uma Escala de Competências de Estudo, na qual se consideram três grandes dimensões, sendo elas as escalas cognitivas, as escalas comportamentais e as escalas motivacionais auto-reguladoras do estudante ao longo de seu processo de aprendizagem e desenvolvimento acadêmico. A primeira inclui comportamentos de organização do estudo, gestão do tempo e participação nas aulas; a segunda está relacionada à aprendizagem dos conteúdos curriculares e monitoramento, assim como a sua aquisição e compreensão. A terceira dimensão refere-se aos aspectos motivacionais e avaliativos e aborda a maneira como o aluno regula seus interesses relacionados com o curso e as unidades curriculares. As conclusões são apresentadas evidenciando a relevância da cognição, motivação e auto regulação na aprendizagem de estudantes universitários,

objetivando um estudo ativo e eficiente do aluno, fazendo-se ainda uma aproximação com o pensamento crítico.

Também com grande interesse nas competências de estudos e na motivação para a aprendizagem de estudantes universitários, Prates e Joly (2011), desenvolveram um estudo baseado em pesquisas relacionadas a autonomia acadêmica dos estudantes. Os autores relatam que, segundo estudiosos da área, os estudantes ingressam na universidade com poucas competências reguladoras para um estudo eficaz. Apontam a motivação como uma dimensão fundamental da auto regulação, visto que há necessidade de que os estudantes façam uso de recursos próprios e específicos para se manterem interessados em suas atividades acadêmicas. Para desenvolver tal estudo, foi utilizada uma Escala de Competência de Estudo (ECE) com a Escala de Motivação Acadêmica (EMA), validada, que possibilita avaliar a motivação dos estudantes no contexto universitário. Como participantes desta pesquisa, os autores puderam contar com 815 universitários, 69,9% de duas universidades de São Paulo e 30,1% de Minas Gerais, com idades entre 17 e 62 anos, de ambos os sexos, regularmente matriculados em cursos de graduação nas áreas de conhecimento das ciências humanas e ciências sociais. Os pesquisadores afirmam que os resultados apontam evidências de validade para a ECE, tendo indicado também uma associação entre todos os fatores da Escala com os fatores desmotivação, motivação extrínseca por regulação externa de frequência às aulas, motivação extrínseca por recompensas sociais, motivação extrínseca por regulação identificada e motivação intrínseca da EMA. Os resultados, segundo os autores, evidenciam que a competência de estudo dos estudantes e a motivação acadêmica estão associados, uma vez que, os estudantes que não se sentem motivados são aqueles que demonstram competências ou capacidade de estudo.

Interessado nas atividades de estudantes universitários e nas condições em que estas acontecem, Mercuri (1992) desenvolveu uma pesquisa na qual investigou as condições (pessoais, materiais, espaciais e temporais) em que estas atividades são realizadas. Visando verificar as possíveis relações entre o desenvolvimento acadêmico dos universitários e essas condições, o pesquisador efetuou a coleta de dados com 467 estudantes e 22 professores de seis cursos de graduação de uma universidade brasileira. Para tanto, utilizou um questionário buscando identificar fatores que pudessem interferir, como ambiente físico e social e planejamento de tempo (condições temporais). Também procurou identificar habilidades e uso de estratégias de aprendizagem (condições pessoais). Segundo o autor, os resultados apontaram para a importância da qualidade das estratégias de estudo utilizadas, sendo estas mais significativas que a quantidade de tempo disponível para os estudos.

Evidenciando a preocupação com o processo de aprendizagem dos estudantes universitários também em outros países, igualmente interessados no uso de estratégias de aprendizagem para o bom desenvolvimento acadêmico de estudantes universitários, Antonio et al. (2007), na Universidade do Minho, em Portugal, desenvolveram um estudo com o objetivo de compreender as metas acadêmicas e as estratégias de aprendizagem de estudantes universitários. A pesquisa desenvolvida investigou a relação entre os tipos diferentes de orientações motivacionais (metas de aprendizagem e de rendimento) e o uso de estratégias para resolver problemas de aprendizagem. O estudo se desenvolveu com uma amostra de 632 estudantes universitários de diversos cursos de graduação. Os pesquisadores apontam que a análise dos dados obtidos, indica que existe um interesse para a discussão do problema investigado, visto que, geralmente, apenas os níveis mais altos de metas de aprendizagem são associados a uma maior utilização de estratégias de aprendizagem. Os autores explicam que, de acordo com os resultados de sua pesquisa, os estudantes que

anseiam por notas mais altas durante sua trajetória acadêmica são os que mais fazem uso de estratégias de aprendizagem. Por outro lado, puderam perceber que os estudantes que desconhecem e ou não colocam em práticas estratégias de aprendizagem que poderiam beneficiá-los em sua vida universitária são aqueles que se encontram frequentemente com dificuldades de aprendizagem.

Por entender ser de grande relevância para o universo acadêmico, considero importante citar também um trabalho desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica de Campinas em 2009. O Projeto foi uma iniciativa da Pró-Reitoria de Graduação da PUC-Campinas, visando o estímulo ao desenvolvimento de projetos com o estudante ingressante, preocupando-se com seu ingresso na Universidade e com o acompanhamento de sua trajetória acadêmica.

De acordo com Gonçalves, Junqueira e Plácido (2009), o Projeto Acompanhamento Acadêmico do Aluno envolveu professores, alunos e funcionários da PUC Campinas e teve como objetivo criar espaços para reflexão e discussão dos aspectos essenciais na trajetória acadêmica dos alunos. Assim, de acordo com Gonçalves, Junqueira e Plácido (2009, p. 29), o Projeto Acompanhamento Acadêmico do Aluno tem por objetivos gerais:

- (a) Contribuir para a inserção do aluno na universidade;
- (b) Criar condições para que o aluno desenvolva uma relação afetiva com seu curso e com a universidade;
- (c) Preparar o aluno, por meio de estratégias participativas, no sentido de que ele se responsabilize, também, pelo seu processo de formação;
- (d) Acompanhar a vida acadêmica do aluno, seu desempenho no curso e suas necessidades e expectativas;
- (e) Elaborar propostas de atividades para a superação de dificuldades, em especial no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem;
- (f) Colher subsídios para a avaliação do projeto Pedagógico;

(g) Contribuir para uma transição tranquila da vida acadêmica para o mundo do trabalho.

Os professores da PUC Campinas explicam que o Projeto foi desenvolvido em três fases, sendo que a primeira teve por objetivo o acolhimento e acompanhamento do estudante que inicia sua vida universitária, desenvolvendo uma relação de cumplicidade e afeto entre professores, alunos e o curso que escolheram. A segunda fase se preocupou com a avaliação do processo de aprendizagem, com a criação de estratégias e ações para enriquecimento do desempenho acadêmico, capacitando o estudante para lidar com as possíveis dificuldades que venham a surgir no decorrer do curso. A terceira e última fase do projeto foi realizada com alunos em final de curso com o objetivo de prepará-los para o momento de transição do universo acadêmico para a vida profissional.

Os autores explicam que ao longo do Projeto os professores foram criando dinâmicas inovadoras para atender os objetivos de cada uma das fases, assim como filmes e textos de apoio às dinâmicas. Os educadores destacam como fator relevante o envolvimento afetivo dos participantes, como uma forte contribuição para se atingir os objetivos propostos em cada uma das fases e em todo o desenvolvimento do Projeto. Posteriormente, esse projeto será discutido em maiores detalhes, dada sua relevância para esse estudo.

Ressaltando a preocupação com o desenvolvimento acadêmico também em outros países, conforme apontado anteriormente na pesquisa realizada na Universidade do Minho em Portugal, nos Estados Unidos, Santrock e Halonen (2013) escreveram o livro *A Experiência University of West Flórida: Seu Guia para o Sucesso Acadêmico*. Esta obra discute estratégias para o sucesso acadêmico e em seus capítulos estão incluídos itens como:

- a) O modelo de sucesso na universidade;

- b) Melhorar as habilidades de estudo e de memória;
- c) Expandir as habilidades de pensamento;
- d) Gerenciar o tempo com sabedoria;
- e) Alcançar boas notas;
- f) Obter sucesso em testes avaliativos;
- g) Navegar pelas diferenças;
- h) Expressar-se de forma clara;
- i) Assumir o controle de sua saúde física e mental;
- j) Explorar as possibilidades de carreira profissional.

Por este motivo, esta é referência básica para a disciplina Seminário de Fundamentação Acadêmica que acontece na Unversidad do Oeste da Flórida, que visa ajudar e estimular o estudante a desenvolver suas habilidades pessoais e acadêmicas. O seminário foi elaborado para servir de apoio aos estudantes ingressantes na universidade para cumprirem o currículo de Estudos Gerais, a ser completado nos dois primeiros anos da universidade. Desta forma, o estudante recebe ajuda e estímulo para ser bem sucedido em sua vida acadêmica e pós-acadêmica, aprendendo recursos para melhorar seu desempenho, como:

- a) Identificar e aplicar estratégias de aprendizagem;
- b) Utilizar a biblioteca e seus recursos de maneira adequada;
- c) Aprender a interagir com os outros estudantes com opiniões diferentes;
- d) articular padrões pessoais adequados em relação à integridade acadêmica;
- e) Desenvolver o pensamento crítico;
- f) Aprender a gerenciar projetos.

Ao final do seminário, espera-se que todos os estudantes concluintes tenham desenvolvido estas habilidades. Para participar, é exigido do estudante alguns requisitos, como presença nas aulas e nas reuniões do Seminário, sendo necessário avisar com antecedência caso precise realmente faltar, cumprimento das atividades acadêmicas propostas no início de cada semestre dentro do prazo de conclusão definido também no início do semestre. Existem ainda algumas expectativas, como a participação dos estudantes nas discussões nas aulas e nas atividades, leituras prévias atribuídas, cortesia em sala de aula e respeito aos colegas e professores. Durante as aulas e atividades não é permitido o uso de telefones celulares e nem conversas paralelas. As discussões em sala de aula são consideradas confidenciais e devem ser respeitadas pelos estudantes. Caso estas regras sejam desrespeitadas, as consequências para os estudantes poderão ser sua exclusão do seminário ou a redução de pontos ao longo das atividades, pois uma das características do seminário é a atribuição de notas. Para que isto não ocorra, é recomendado ao estudante que leia o Código de Conduta do Estudante, que estabelece normas, regulamentos e comportamento esperado de estudantes matriculados na universidade.

A busca por pesquisas realizadas na área de educação, referentes ao processo de aprendizagem de estudantes universitários foi de grande utilidade para este estudo. Tornou-se possível por meio das informações acima conhecer trabalhos a respeito do processo de aprendizagem, metas e estratégias, condições e motivação para a aprendizagem, competência de estudo e pensamento crítico e o papel da afetividade nas relações entre professores e alunos. Todos os trabalhos mencionados salientam a necessidade de se pesquisar a respeito dos aspectos que envolvem o processo de construção de conhecimento no sentido de se aprimorar o desenvolvimento acadêmico.

Este capítulo teve como objetivo mostrar outras pesquisas realizadas na área de educação, o que evidencia a importância do tema para o universo

educacional. Os estudos e ações brevemente mencionados aqui ratificam, assim, a relevância da questão em outros contextos, o que evidencia a relevância de estudos que visam entender os estudantes em seu processo de aprendizagem como pré-condição para que o professor possa intervir e auxiliá-los.

Passo a seguir a discorrer sobre as bases teórico-metodológicas que me auxiliaram a ver e compreender melhor o problema que se coloca.

3 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS

A seguir, discorro sobre Pedagogia Universitária e Reflexões Críticas, assim como discuto os principais conceitos e teorias de ensino-aprendizagem, estratégias de aprendizagem e o conceito de autonomia. De acordo com os objetivos deste estudo, são aspectos importantes a serem considerados no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e pertinentes para que eu possa responder as perguntas desta pesquisa.

3.1 Pedagogia universitária

Diante do propósito geral deste estudo, que é compreender o processo de aprendizagem de universitários e discutir as possíveis ações pedagógicas para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, é de grande relevância uma reflexão acerca dos aspectos pedagógicos do contexto universitário.

Pesquisadora, referência nacional na área de pedagogia universitária, Cunha (2007), aponta a pesquisa como uma das alternativas para possibilitar mudanças das práticas universitárias, ressaltando que, por meio de análise do contexto histórico e político de sua condição, as pesquisas tem se dedicado à compreensão das trajetórias docentes. Assim, são relevantes os estudos sobre as experiências de ensinar e aprender que diferem das práticas tradicionais e, de acordo com a educadora, mesmo que sejam ainda poucas, foram de grande utilidade no sentido de inspirar as bases de uma didática inovadora de educação superior, tecendo uma relação entre o campo da pedagogia e o caráter peculiar da área de conhecimento do docente de ensino superior.

Portanto, pode-se perceber a relevância da pesquisa no contexto pedagógico, sendo a busca por ampliação de conhecimentos algo essencial para a boa prática docente.

Freire (1996), também já ressaltava a importância da pesquisa para o ensino, pontuando que o ensino não pode ser concebido sem a pesquisa e que ambos se encontram no corpo um do outro. Apontava que, ao ensinar, o professor continua buscando conhecimento e que essa busca justifica o ensino, ao indagar, constatar e intervir. Para ele, ao educar, o Professor também se educa, pesquisando para adquirir um conhecimento que ainda não tem e dividi-lo com os educandos. Portanto, a consciência de suas limitações e necessidade de crescimento intelectual são fatores essenciais para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Compreende-se, porém, que não se pode valorizar a pesquisa em detrimento do ensino, ou seja, não basta conhecer, é preciso também que o professor seja capaz de aplicar na prática os conhecimentos adquiridos. Para tanto, o docente deve cuidar para não agir como detentor ou transmissor de conhecimentos, mas sim como aquele que estimula a sua produção.

Cunha (2007) descreve a docência como uma atitude complexa, que exige especificidade de saberes. Sendo assim, a docência é uma ação que exige sabedoria e ações justificadas por uma fundamentação e sustentação teórica. A autora resalta que é necessário que se reflita sobre a prática docente e que essas reflexões devem contribuir para uma análise mais rigorosa sobre a qualidade do ensino na universidade. Salienta ainda que as ações que visam beneficiar a docência universitária não devem ser individuais, de alguns professores, mas também devem ser responsabilidade das políticas públicas e das instituições. Portanto, é de suma importância que haja, por parte das universidades, o devido empenho em aperfeiçoar a prática docente e, conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem. Faz-se assim, necessário que as instituições se preocupem com a formação pedagógica dos professores. A autora destaca também que existe um consenso de que o professor universitário que não possui uma graduação em pedagogia deve aprender durante a prática, com parcerias, trocas e

sendo autodidata. Assim, a autora aponta a necessidade de um programa que vise esta formação, afirmando que esse programa de formação deve ser responsabilidade da instituição, como coletivo, e que esta deve se afastar de soluções tecnicistas e elucidar sua concepção de qualidade e formação pessoal e profissional. Enfatiza que o docente deve ser estimulado a falar de si mesmo no que se referem a sua vida, sua criatividade, seus desejos, seu repertório e do repertório de seus discentes (CUNHA, 2007).

Fica claro que o professor precisa estar ciente de suas ações, da mesma forma que precisa ser capaz de compreender o real significado dos termos ensinar e aprender. O verbo ensinar, do latim “insignare”, significa marcar com um sinal e tem como sinônimos as palavras educar, formar, doutrinar, instruir e orientar, entre outros. O verbo aprender, do latim “apprehendere”, por sua vez, significa compreender e assimilar mentalmente, tendo como sinônimos as palavras conhecer, entender, descobrir, perceber e saber, entre outras. Portanto, para que o professor possa dizer que ensinou, precisa antes saber se o estudante aprendeu, visto que para que o processo de ensino-aprendizagem se concretize não basta que o professor fale, explique o conteúdo das disciplinas ou escreva a matéria no quadro, antes precisa ser capaz de perceber o que é realmente o ato de ensinar. Assim, poderá identificar se o estudante se apropriou do que foi ensinado. Daí o foco desse estudo: Primeiramente entender como os estudantes aprendem para, então, refletir como melhor ensinar.

A educadora continua sua argumentação lembrando que o ato de aprender, por não se caracterizar pela passividade, exige dedicação e que o professor precisa ser capaz de mediar e facilitar o conhecimento, estimulando os estudantes a pensar de forma crítica, visando que adquiram condições de elaborar sínteses provisórias, o que possibilita ao estudante alcançar autonomia intelectual (CUNHA, 2007).

Entendo que, de fato, a aprendizagem em sala de aula se dá em meio a interações e trocas entre professores e estudantes, respeitando saberes e limitações, visto que os estudantes já trazem consigo uma gama de conhecimentos que precisa ser levado em consideração. Convergentemente, Freire (1996) apontava a necessidade de se respeitar os saberes dos estudantes, ao afirmar que este respeito a tudo que os estudantes trazem consigo é imprescindível ao ato de ensinar.

Cunha (2009) ressalta que entre estudantes e professores existem expectativas diversas relacionadas ao desempenho de ambos, mas que a maneira de ser e agir do professor demonstra seu grau de compromisso com a docência, o que aponta para o fato da não neutralidade da ação pedagógica. Assim, os estudantes aguardam o discurso do professor e acreditam que um ensino de qualidade depende da maneira como professor explica o conteúdo. Neste sentido, destaca-se a importância da palavra, uma vez que a linguagem é essencial, por ser a principal ferramenta de trabalho do professor. Dito de outro modo, o cotidiano do professor é feito com a palavra e pela palavra este cotidiano pode também ser analisado (CUNHA, 2009). A autora ressalta o fato de que o educador, ao crer na capacidade do estudante, demonstra preocupação com sua aprendizagem e com o seu nível de satisfação com a mesma, o que o leva a executar sua prática docente. Em consonância com estes apontamentos, Feltrin (2007) ressalta a necessidade dos professores conhecerem e se preocuparem com a aprendizagem de seus alunos, declarando que os estudantes são diferentes entre si e que trazem bagagens diferentes, sendo que “os professores na sala de aula devem estar preparados e capacitados para tratar e conviver com estas diferenças” (FELTRIN, 2007, p. 15). O autor evidencia em sua obra o fato de que a educação não deve ser apenas inclusiva, mas também transformadora e que os estudantes devem ser acolhidos, respeitados e valorizados em suas individualidades e diferenças.

Cunha (2009) em outra de suas obras, pesquisou a respeito da prática do professor que é considerado bom, no sentido de ser um professor apontado por ela como aquele profissional que deu certo, desempenhando suas funções de forma adequada e satisfatória, conforme discorro a seguir.

3.1.1 O bom professor

Cunha (2009), que se dedica a ação e reflexão sobre a formação do educador, em sua obra “O bom Professor e Sua Prática”, optou por estudar o professor considerado bom, visto como aquele que deu certo. Para tanto, desenvolveu sua pesquisa com 21 professores universitários e também de cursos técnicos, buscando conhecer sua prática diária com o objetivo de descobrir respostas para questões relacionadas às características de um bom professor. Assim, buscou responder questões sobre porque o professor é considerado bom, seja por seus alunos, seus pares ou por pessoas alheias ao universo pedagógico. Seu trabalho foi organizado em cinco partes, tratando das origens e da metodologia do estudo, da concepção de Bom Professor, de quem é o Bom Professor, sua percepção da própria trajetória e análise das ações do Bom Professor concluindo com uma análise crítica do modelo de ensino encontrado.

A autora se utilizou de entrevistas, nas quais privilegiaram determinadas categorias, como informações sobre a prática social do professor e suas possíveis influências, representações sobre suas concepções de ensino, de aprendizagem, educação e alunos, representações sobre a prática na sala de aula e informações sobre a forma como o professor enxerga a sua própria formação, além da identificação de dificuldades encontradas para o desenvolvimento de suas ações pedagógicas. No desenvolvimento de seu trabalho a educadora utilizou também de observações de aulas, apontando que essa observação reforça a ideia da responsabilidade do professor em direcionar o estudo na sala de aula. Tais

observações também levaram a educadora a ressaltar que a prática docente está de acordo à forma de produção que está presente em nossa sociedade, ou seja, com a divisão do trabalho e do conhecimento. Enfatiza ainda que só por meio da reflexão é possível se ter consciência para uma mudança (CUNHA, 2009).

A autora salienta ainda que por meio deste estudo pode constatar que o papel da docência é muito valorizado pelos estudantes, que representam a sociedade mais ampla, sendo que para os estudantes as relações também, precisam ser compreendidas pelo lado afetivo, ou seja, o professor desejado pelos estudantes é aquele que possui capacidade intelectual e maturidade afetiva (CUNHA, 2009).

No decorrer de sua obra, a autora afirma compreender que o papel do professor, sua importância e significado não dependem apenas dele e que varia de acordo com valores e interesses sociais. Aponta ser de grande relevância estudar o professor como um ser contextualizado, considerando que a possibilidade de intervenção em seu desempenho pressupõe o reconhecimento de seu papel e o conhecimento de sua realidade (CUNHA, 2009).

Assim, a autora reflete sobre a formação de educadores, ressaltando a relevância da ideia de que o educador deve se educar na prática da educação para orientação das ações das pessoas envolvidas na área, esclarecendo que a proposta de formação está relacionada à forma como se concebe a educação. A autora ressalta ainda a importância dos estudos que contextualizam o professor histórica e socialmente, afirmando que a sua formação e seu desempenho está relacionado às suas condições e experiências de vida, o que vem, naturalmente, a pressupor um forte elo entre o saber e as possibilidades de elaboração deste saber (CUNHA, 2009).

Em outra obra da autora sobre a formação de professores, Cunha (2006) destaca que o conceito de docência como dom trás em si um descrédito de seu

caráter acadêmico, desvalorizando os conhecimentos pedagógicos e diminuindo a importância desse campo na formação de professores.

A educadora aponta que a forma como se concebe o ensino e as ações docentes deverão ser diferenciadas, em consonância com os objetivos de internalização, que diz respeito a uma consciência passiva, ou conscientização, que é um processo ativo e crítico. Em consonância com estes apontamentos, Freire (1987 apud CUNHA, 2009), ressaltava que em consequência disso o ato de conhecer é reduzido a uma transmissão do conhecimento existente e que desta forma, o professor se especializa em transmissão de conhecimento. Freire (1987 apud CUNHA, 2009) explicava que desta forma, o professor perde algumas qualidades essenciais para a produção de conhecimento, assim como a reflexão crítica, a ação e a curiosidade.

De acordo com Cunha (2009), os estudos realizados neste sentido indicam que a formação de professores deverá conter uma nova concepção do processo de ensino-aprendizagem. Aponta ainda a necessidade do crescimento de uma consciência crítica e que esta depende de uma nova visão da relação entre o sujeito e o objeto de conhecimento e ainda destaca a necessidade também de um ensino que possa resultar em produção de conhecimento e reflexão. A autora evidencia que, a partir de suas conclusões ao término de seu trabalho, compreende que os esforços na formação prévia do professor não são suficientes para melhorar a pedagogia universitária. Assim, destaca que existe uma necessidade de que as ações e influências sobre o professor em atividade sejam estendidas, propiciando oportunidades para que se reflita e analise sua própria condição e experiência (CUNHA, 2009).

Portanto, pode-se perceber que para que haja uma reflexão produtiva acerca da pedagogia universitária é necessário o interesse e a dedicação por parte dos professores no que se refere ao aprimoramento acadêmico de seus alunos,

além do envolvimento das instituições, o que leva, naturalmente, a um processo de reflexão, beneficiando grandemente o desenvolvimento acadêmico.

Ressalta-se que é de extrema relevância a forma como o professor se relaciona com seus alunos, no sentido de interação e respeito aos seus saberes, além da preocupação com seu processo de ensino-aprendizagem. Igualmente relevante são as reflexões acerca das ações pedagógicas e o envolvimento dos professores, estudantes e instituições no que se refere à melhoria da pedagogia universitária.

Assim, pode-se entender que os aspectos considerados ao longo deste item são fundamentais para o desenvolvimento da excelência da prática pedagógica nas universidades.

A seguir, discorro sobre Reflexões Críticas por entender que é especialmente relevante que o professor se disponha a refletir sobre sua prática com o intuito de enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

3.2 Reflexões críticas

De acordo com Liberali, Magalhães e Romero (2008), os estudos sobre reflexão tiveram início com Dewey, em 1933, que as definiu “como um processo ativo, consciente e deliberado da análise das representações e conhecimentos que fundamentam nossas ações” (DEWEY, 1933 apud LIBERALI; MAGALHÃES; ROMERO, 2008, p. 31). O autor destacou uma diferença entre as ações reflexivas e as ações cotidianas. Como ações cotidianas o autor descreve aquelas praticadas no dia a dia, e como ações reflexivas aquelas que exigem ponderação constante, de forma persistente e cuidadosa, sobre determinados conhecimentos ou crenças e embasados em teorias.

Magalhães (2004) descreve a reflexão como um processo organizado acerca de situações próprias de sua aula para compreender o propósito de sua

prática e modificá-la, quando isso se fizer necessário. Neste contexto, a ação de reflexão docente relaciona-se a um exame das ações, sua compreensão com base nas teorias que as sustentam, o que leva a reconstrução da prática docente.

Em consonância com a visão de Magalhães (2004), Liberali, Magalhães e Romero (2008) afirmam que o professor que se dedica a reflexão técnica objetiva a busca por conhecimento científico visando encontrar respostas para as questões diárias é, pois quem aplica teorias para atingir um fim específico, sem almejar, de fato, compreendê-las. Assim, pode-se entender que a reflexão técnica não é o tipo de reflexão que permita ao professor repensar suas ações cotidianas visando o enriquecimento de sua prática.

Liberali, Magalhães e Romero (2003, p. 131) afirmam que “o conceito de reflexão crítica envolve os participantes em um discurso que se organiza de forma argumentativa, orientado para questionar com base em aspectos sociais, políticos e culturais, as ações e as razões que as embasam”.

De acordo com as autoras, a reflexão crítica surge como ação possível para a formação de professores críticos e reflexivos sobre suas atitudes, com o objetivo de enriquecimento da prática docente e transformação do contexto educacional. As ações que caracterizam este tipo de reflexão são denominadas descrever, informar, confrontar e reconstruir.

A ação de descrever possibilita evidenciar o que está por trás das ações, explicando a forma como acontecem, o que fica claro nos relatos dos estudantes entrevistados em meu trabalho ao falar de si mesmo e de sua relação com o curso que fazem e com a instituição.

Informar tem como objetivo a compreensão das teorias e suas influências nas ações das pessoas ao longo de sua vida. Neste estudo, por exemplo, busco compreender os aspectos que influenciam a aprendizagem dos estudantes e quais são suas ações para aprender, por meio das informações coletadas durante as entrevistas.

O confrontar refere-se a uma avaliação das consequências e alcances sociais e éticos das ações, o que é feito no processo de análise dos dados coletados.

Tendo se conscientizado sobre as ações realizadas por meio de sua descrição, compreensão dos fundamentos que sustentam essas ações considerando seus efeitos, podem-se planejar possíveis reconstruções das ações para que melhor se refiram aos propósitos e princípios educacionais almejados. Este processo de reconstrução é visto como uma possibilidade de melhoria das ações pedagógicas a partir deste estudo.

Schön (1992), por sua vez, destaca que a reflexão se dá em um processo composto por instantes, ou momentos, interligados em uma cuidadosa prática docente. Em um primeiro instante, conforme descreve Schön (1992), inicialmente o professor se surpreende pelo que o estudante faz e em seguida reflete sobre a atitude do estudante ao mesmo tempo em que se dedica a tentar entender sua surpresa. Logo após, o professor se põem a pensar respeito da situação gerada pelo acontecimento inicial e finalmente acontece o momento em que o professor decide comprovar suas próprias hipóteses baseando-se na forma de pensar de seus alunos.

Assim, para o autor, o professor reflete criticamente ao pensar suas ações em sala de aula, em contato direto com o objeto de suas reflexões, o estudante e a prática docente. Entendo que para que esta reflexão aconteça, é essencial que se dê uma elaboração por parte do professor sobre seu conhecimento ao longo de sua prática.

Diante das visões dos autores citados a respeito do tema, pode-se entender que a reflexão crítica deve acontecer no contexto de ensino-aprendizagem. Também fica claro que deve envolver professores e estudantes como participantes do processo. Assim sendo, entendo que este estudo é relevante no sentido de subsidiar esta reflexão por parte da universidade, dos

estudantes e professores a partir dos resultados obtidos com as entrevistas semi estruturadas e análises dos dados.

Segundo Liberali, Magalhães e Romero (2008), para fazer parte do quadro teórico da reflexão crítica, um trabalho precisar estar ligado ao conceito de transformação da realidade. A autora destaca que apenas criticar ou teorizar não representa uma atitude de reflexão. Para que seja descrito como reflexão crítica sobre a realidade, é preciso que aconteçam ações transformadoras, ou seja, é preciso que os sujeitos envolvidos se posicionem e atuem no sentido de modificar a realidade atual.

Romero (2011) aponta que essa prática reflexiva deve existir de forma contextualizada, só refletir não resolve conflitos que enfrentamos todos os dias. Assim a reflexão crítica deve partir de um problema real, deve ser embasada na teoria e ter como meta a busca de soluções. Porém, a autora destaca que a reflexão crítica deve ser uma prática diária na vida do professor, que mesmo após encontrar uma solução para um problema presente, deve continuar refletindo sobre suas ações para aprender com elas, que são sempre únicas, pois que dependem de condições contextuais sempre originais, inéditas.

Magalhães (2004) enfatiza ainda o papel da linguagem no processo de reflexão crítica, destacando o fato de que a concepção de linguagem é vista como propiciadora da formação de professores reflexivos e críticos. A autora ressalta que esta concepção de linguagem como prática discursiva está embasada no contexto da pesquisa sócio histórica, representada por Vygotsky. Magalhães (2004) também afirma que o eu do sujeito será sempre fruto da apropriação dos discursos de seus pares e das interações sociais, visto que o ser humano se constitui e se desenvolve nas práticas sociais.

Portanto, pode-se entender que a partir do conhecimento e compreensão de sua prática, o professor pode refletir criticamente sobre suas ações e seus significados. A partir desta reflexão, torna-se possível o enriquecimento da

prática docente, almejando a excelência o processo de ensino-aprendizagem, onde o professor não apenas transmite conhecimentos, mas passa a mediar e orientar a aprendizagem dos estudantes. A necessidade destas ações, de mediar, interagir e orientar os estudantes ficou claro no resultado deste estudo, de acordo com os relatos dos universitários entrevistados.

Considerando os itens apresentados acima e o propósito de compreender o processo de aprendizagem de estudantes universitários, entendo ser necessário discorrer sobre três teorias de ensino-aprendizagem, a seguir:

3.3 Teorias de ensino–aprendizagem

Discorro sobre três teorias de ensino-aprendizagem, as mais conhecidas e influentes no meio educacional e citadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998) a saber: Behaviorismo, Cognitivismo e Sócio Construtivismo, destacando principalmente esta última, por suas práticas interacionistas e por trazer em seu bojo a concepção de que pelas relações que estabelece com o outro o ser humano se constitui e se desenvolve e por ser uma das teorias mais discutidas nas pesquisas da área.

Entendo ser de suma importância o conhecimento e a compreensão de tais conceitos e teorias para que se possam compreender os conceitos de ensinar e aprender, nos quais os estudantes investigados se baseiam. Portanto, para auxiliar compreensão da forma como ocorre o processo de ensino-aprendizagem, discorro a seguir, sobre as três teorias mais discutidas na literatura de ensino-aprendizagem: Behaviorismo, Cognitivismo e Sócio Construtivismo. Entendo ser necessária a compreensão destas teorias para o bom desenvolvimento de nossa pesquisa, uma vez serem elas básicas para a conceituação do aprender e ensinar que os estudantes revelaram em seu discurso.

3.3.1 Behaviorismo

A perspectiva Behaviorista, também chamada Comportamentalista, surgiu no século XX, representada por nomes como John B. Watson e posteriormente por B. Skinner, postula que o comportamento humano é resultante da interação entre o ambiente e o sujeito. Assim, o comportamento pode ser moldado, sendo que as respostas, compreendidas como comportamentos, dependem dos estímulos recebidos pelo sujeito no ambiente em se encontra inserido. Segundo Mizukami (1986), para o behaviorismo o conhecimento é resultado direto da experiência. O comportamento, portanto, é diretamente influenciado pelo meio ambiente, podendo ser modelado e ou reforçado. Nas palavras da autora:

Os modelos são desenvolvidos a partir da análise dos processos por meio dos quais o comportamento humano é modelado e reforçado. Implicam recompensa e controle, assim como o planejamento cuidadoso das contingências de aprendizagem, das sequências de atividades de aprendizagem, e modelagem do comportamento humano, a partir da manipulação de reforços, desprezando os elementos não observáveis ou subjacentes a este mesmo comportamento (MIZUKAMI, 1986, p. 20).

Assim, uma característica marcante desta abordagem é o reforço como um dos principais motores da aprendizagem que é vista como sinônimo de comportamento adquirido.

De acordo com Skinner (1974), os comportamentos têm três níveis de seleção:

- a) Nível Filogenético: que corresponde aos aspectos biológicos da espécie e da hereditariedade do indivíduo;

- b) Nível Ontogenético: que corresponde a toda a história de vida do indivíduo;
- c) Nível Cultural: os aspectos culturais que influenciam a conduta humana.

Por meio da interação desses três níveis (em que um deles possui um status superior a outro) os comportamentos são selecionados. Para Skinner (1974), pode-se obter a modelagem do estudante por meio de uma educação bem planejada. Assim sendo, a abordagem behaviorista tem objetivos comportamentais específicos e propõe técnicas de condicionamento, reforço e extinção de estímulos. Estas condições podem ser observadas e controladas, o que permite uma modelagem dos comportamentos. Segundo Mizukami (1986), no que se refere ao ensino-aprendizagem, esta abordagem coloca o professor como administrador do processo de construção do conhecimento, visto que o aprendiz não é ativo no processo, não participa das decisões, antes repete modelos e responde aos estímulos do ambiente, fazendo o que lhe é exigido pelo professor.

Assim, para analisar o processo de aprendizagem a teoria behaviorista tem seu foco naquilo que é observável no comportamento humano. Para que este processo se concretize, há uma associação que se estabelece entre os estímulos do meio e as respostas emitidas pelas pessoas por meio de comportamentos. Assim, o ponto principal desta teoria é a relação entre o estímulo e as respostas na modificação do comportamento, tendo sua base no condicionamento operante. O condicionamento operante se caracteriza pelo fato de que um determinado comportamento fica sob o controle de suas consequências, sendo que esse comportamento opera no meio e ao mesmo tempo o modifica, sendo, por isso, chamado de operante.

De acordo com Davis e Oliveira (1994), para o enfoque behaviorista o comportamento humano também pode se modificara partir da observação das atitudes de outras pessoas, aprendendo a se comportar de acordo com as consequências positivas ou negativas que os comportamentos observados tiveram. As autoras esclarecem que as pessoas tendem a repetir comportamentos que tiveram consequências positivas e evitam repetir os que tiveram consequências negativas e que assim os acertos devem ser reforçados e os erros devem merecer punição visando a não repetição. Explicam também que em relação à aprendizagem, é importante analisar os conceitos de generalização e de discriminação, sendo que a generalização é a capacidade das pessoas emitirem respostas semelhantes a situações semelhantes. Por outro lado, a capacidade de perceber estímulos diferentes e dar diferentes resposta a cada um deles, é chamada de discriminação.

Esses conceitos são relevantes na aprendizagem acadêmica, visto que há situações em que os estudantes precisam generalizar, transferindo uma aprendizagem a situações diferentes, e em outras discriminarem, ou seja, emitir uma resposta específica a um estímulo específico. Assim sendo, tais conceitos estão diretamente relacionados a este estudo, por seu objetivo de compreender o processo de ensino-aprendizagem de estudantes universitários.

Portanto, segundo as autoras, no processo de aprendizagem, o estudante tem na figura docente um administrador do processo de construção do conhecimento, aprendendo a partir das repetições de modelos, respondendo aos estímulos do ambiente, visto que aprende ouvindo e escrevendo conforme as solicitações do professor, podendo ser recompensado ou punido de acordo com seu comportamento. O estudante é condicionado a repetir comportamentos e a mantê-los quando as consequências advindas de sua forma de comportar-se são positivas, por meio de reforçamentos, da mesma forma que devem extinguir os comportamentos que atraem consequências negativas por meio de punições.

3.3.2 Cognitivismo

O Cognitivismo, vendo o ser humano como ativo, enfatiza a importância dos aspectos mentais no processo de aprendizagem, na forma como se percebe, seleciona, organiza e atribui significados aos objetos e acontecimentos. Ou seja, destaca a importância da cognição, do ato de conhecer, de como o ser humano conhece o mundo sem deixar de se preocupar com a percepção, o processamento da informação e a compreensão.

Segundo Davis e Oliveira (1994), esta concepção fundamenta-se na proposta de interação entre organismo e meio e concebe a aquisição de conhecimentos como um processo de construção, que o sujeito vai construindo ao longo da vida. Enfatiza que este conhecimento não nasce com o sujeito e nem pode ser adquirido de forma passiva, por meio de pressões do meio.

Inserem-se na teoria cognitivista o Construtivismo, que procura estudar como o indivíduo constrói suas estruturas cognitivas para a aquisição do conhecimento e quais os processos de pensamento presentes no ser humano desde a infância até a fase adulta.

Um dos principais estudiosos da teoria cognitiva foi Jean Piaget. Ao conceber o conhecimento como um processo, Piaget entende que este deve ser estudado de maneira histórica, como um devir. Ele escreveu sobre a dissociação entre a cognição e o afeto em várias ocasiões e teve uma importante participação na compreensão do desenvolvimento da criança e do adolescente. Segundo Faria (1989), ao captar as tendências do pensamento da criança, o cognitivismo a coloca como sujeito ativo de sua aprendizagem. Ela aponta a importância dos esquemas para o desenvolvimento, que são um conjunto de ações interligadas que ao formar uma totalidade organizada, funciona por si mesma.

Faria (1989) explica que a ação cognitiva de pegar um objeto, por exemplo, se constitui de uma série de ações interligadas, de curvar os dedos,

contraírem, curvar, etc., para alcançar o objeto. Estas ações contêm o registro de sensações de sucesso ou fracasso, de agrado ou desagrado, sendo que o esquema afetivo se conceitua como uma forma de sentir, que é adquirida conjuntamente às ações exercidas pelo indivíduo sobre pessoas ou objetos.

A autora ressalta que, nesta perspectiva, o conhecimento é o produto de interação entre o homem e o mundo, entre sujeito e objeto e, portanto, homem e mundo são analisados conjuntamente.

De acordo com Coll (2002), Piaget concebe como imprescindíveis para explicar o desenvolvimento três fatores: A maturação, a experiência com os objetos e a experiência com as pessoas, não sendo, porém suficientes e indica a necessidade de um quarto fator, endógeno, à equilibração. O autor destaca que este fator atua a título de coordenação, e que a pretensão de todo comportamento é propiciar um equilíbrio das interações entre sujeito e meio, sendo que sugere uma tendência que está presente em todo desenvolvimento (COLL, 2002).

O autor salienta que o alicerce da teoria de Jean Piaget é a noção de equilíbrio, sendo que ele definiu o desenvolvimento como sendo um processo de equilibrações sucessivas. O autor explica que para Piaget:

Equilibração é um fator interno, mas não geneticamente programado. É um processo de auto-regulação, ou seja, uma série de compensações ativas do sujeito em reação a perturbações externas. O processo de equilibração é, na realidade, uma propriedade intrínseca e constitutiva da vida orgânica e mental: todos os organismos vivos mantêm certo estado de equilíbrio nas trocas com o meio, tendo em vista a conservação de sua organização interna dentro de limites que marcam a fronteira entre a vida e a morte. Para manter o equilíbrio, o organismo possui mecanismos reguladores (COLL, 2002, p. 47).

Portanto, equilibração é entendida como um processo de evolução de uma situação de menor equilíbrio para uma de maior equilíbrio. O que leva à acomodação e assimilação do novo conhecimento é exatamente o desequilíbrio e

as equilibrações. Sendo assim, o foco do ensino deve ser o aprendiz ou as estratégias usadas por ele no sentido de construir seu processo de aprendizagem.

Contudo, Coll (2002) afirma que a tese fundamental de Piaget sustenta que por meio a aprendizagem surgem novos elementos advindos dos mecanismos gerais do desenvolvimento e que não foram assimilados apenas devido à experiência. O autor afirma ainda que para Piaget, a capacidade de aprendizagem depende do nível de desenvolvimento cognitivo do sujeito e que o conhecimento é sempre resultado de um processo de construção.

3.3.3 Sócio construtivismo

Em uma abordagem social, a denominação já se amplia para ensino-aprendizagem em função da interação da pessoa com outras. De acordo com Davis e Oliveira (1994, p. 49), nas ideias defendidas pelo psicólogo russo Lev S. Vygotsky, “encontra-se uma visão de desenvolvimento baseada na concepção de um organismo ativo, cujo pensamento é construído paulatinamente num ambiente que é histórico e, em essência, social”. As autoras destacam que Vygotsky defende a ideia de uma interação contínua entre a base biológica do comportamento humano e as mutáveis condições sociais.

Segundo Vygotsky (1993), o ser humano nasce potencialmente inclinado a aprender. Entendemos que, para o autor, o desenvolvimento de conhecimentos é resultante não apenas do processo de ensino-aprendizagem do ponto de vista pedagógico, mas também das relações e interações do sujeito com o meio social em que se encontra inserido. Assim sendo, para se estudar as dificuldades de aprendizagem de maneira adequada, dever-se-ia considerar os aspectos cognitivos e afetivos com a mesma atenção.

Para o autor, o pensamento verbal é determinado por um processo histórico cultural que é gerado pela motivação, ou seja, por interesses,

necessidades e emoções e por trás de cada pensamento há sempre uma tendência afetivo-volitiva. Vygotsky (1993) destaca a importância do pensamento sem diminuir a importância da linguagem neste processo, enfatizando o papel da linguagem como impulsor e construtor do pensamento.

[...] A função é um instrumento de pensamento. Existem funções psicológicas elementares, como a memória (orgânica, imediata), e superiores, como o raciocínio e a atenção voluntária. O desenvolvimento da função psicológica superior (FPS) está diretamente relacionado com a mediação operada pela linguagem. É o sujeito se apropriando das coisas e transformando-as. A FPS principal é à vontade, pois possibilita a emergência de todas as outras funções (VYGOTSKY, 1996, p. 106).

Assim, Vygotsky (1996) deixa claro que para ele, a passagem das funções psicológicas elementares para as superiores ocorre, portanto, pela mediação proporcionada pela linguagem e que a aquisição de conhecimentos se dá pela interação com o meio, a partir de interações intra e interpessoais e que as interações sociais na perspectiva sócio histórica permitem pensar um ser humano em constante construção e transformação que, mediante as interações sociais, conquista e confere novos significados e olhares para a vida em sociedade e os acordos grupais. Segundo Vygotsky (1996), para que a criança se constitua como sujeito lúcido e capaz é fundamental a existência de possibilidades proporcionadas pelo ambiente que a cerca, e que a criança reconstrói internamente uma atividade externa, como resultado de processos interativos que se dão ao longo do tempo. A criança vai aprendendo e se modificando. Enfatiza ainda que o desenvolvimento mental seja resultado do aprendizado apropriadamente organizado (VYGOTSKY, 1996).

Segundo Kohl (2003), durante as atividades especificamente humanas, existe a necessidade de um intercâmbio, o que justifica a associação entre pensamento e linguagem. A autora aponta que, com a união dos processos de

desenvolvimento da linguagem e surge a linguagem racional e o pensamento verbal que permitem ao sujeito uma forma de funcionamento psicológico mais aprimorado por meio do sistema de linguagem.

De acordo com Vygotsky (1991), seria neste campo que a educação atuaria, estimulando a aquisição do potencial, partindo-se do conhecimento do que o aprendiz já sabe, para assim intervir, em forma de negociação. O autor ressalta também que o desenvolvimento das funções mentais superiores da criança ocorre num processo colaborativo, ou seja, por meio da assistência e participação do adulto. Distingue as emoções primitivas originais, como a alegria, o medo e a raiva, e as emoções superiores complexas, como o despeito e a melancolia. Aponta que cada função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes, primeiro no nível social e, mais tarde, no nível individual; primeiro, entre pessoas, o que denomina (Inter psicológico) e depois dentro da pessoa (intrapsicológico). Portanto, podemos perceber que as funções mentais superiores tais como linguagem, atenção, memória, sensação, percepção, emoção e pensamento são relações sociais internalizadas e o que é internalizado é a significação da relação com o outro.

A perspectiva sócio construtivista é de especial relevância neste estudo por abordar aspectos do ensino-aprendizagem como afetividade e interação e por enfatizar o fator social, atribuindo à relação com o outro uma influência direta no desenvolvimento da pessoa.

Para melhor compreensão das três teorias de aprendizagem discutidas, apresento um quadro resumo, a saber:

Teoria	Behaviorismo	Cognitivismo	Sócio Construtivismo
Base teórica	Centralizado no professor e no ensino. Transmissão de conhecimento. Estímulo – resposta – reforço Aprender = somar conhecimentos.	Centralizado no aprendiz e nas estratégias de aprendizagem. Construção do conhecimento. Experiência como facilitadora.	Centralizado na interação, na mediação e no contexto sócio histórico. O sujeito é social. Processos cognitivos provenientes da interação.
Funções do estudante	Passivo.	Ativo. Individual.	Ativo. Co-construtor do conhecimento.
Funções do professor	Transmissão de conhecimento.	Problematizar / criar possibilidades.	Mediador / co-construtor do conhecimento.
Tipo de atividade	Repetição. Substituição. Correção imediata dos erros.	Solução de problemas individualmente. Trabalho com estratégias. Importância do erro para a aprendizagem.	Foco nas capacidades e nas necessidades dos estudantes. Tarefas metacognitivas. Negociação de significações.

Quadro 1 Teorias de Aprendizagem

Com o propósito de responder as perguntas desta pesquisa, considero que um aspecto que merece especial atenção nesse estudo é a forma como diferentes estudantes se comportam quando se veem frente a alguma dificuldade no processo de ensino-aprendizagem, buscando algum plano que logre êxito. As atitudes dos estudantes para aprender são chamadas de estratégias de aprendizagem – EA, o que se discorre no item a seguir.

3.4 Estratégias de aprendizagem

A estratégia de aprendizagem pode ser definida como uma ação planejada e direcionada a um determinado fim, ou seja, é um recurso usado para superar uma dificuldade. De acordo com Duarte (2001), os estudantes, geralmente abordam três formas de aprendizagem, sendo a abordagem superficial, na qual o aprendiz procura corresponder minimamente às exigências utilizando a técnica de memorização; a abordagem profunda, na qual o estudante sente prazer em aprender e se desenvolver e a abordagem de sucesso, na qual ele busca a excelência de seu aprendizado, se dedicando de forma metódica e sistemática.

Ainda que seja possível a identificação de cada estudante com uma destas abordagens, a aprendizagem se dá de formas diferentes, ou seja, a maneira como as pessoas aprendem varia de acordo com os diferentes estilos e contextos. Pode-se dizer, ainda, que um dos fatores que interferem na aprendizagem é a relação professor/estudante, que ocorre no espaço da sala de aula, o que significa que é de competência do professor o incentivo aos estudantes no sentido de desenvolver responsabilidade, habilidades e estratégias que possam beneficiar o processo de aprendizagem.

Independentemente dos estilos de aprendizagem, para alcançar seu desenvolvimento, o aprendiz faz uso consciente ou inconscientemente de

estratégias. A autora afirma que são consideradas estratégias de aprendizagem as ações ou passos escolhidos pelos aprendizes com a intenção de melhorar a aprendizagem, assim como comportamentos ou pensamentos conscientes utilizados pelos estudantes para facilitar as atividades de aprendizagem.

A autora aponta que as classificações mais usadas para a descrição dessas estratégias foram elaboradas por O'Malley e Chamot (1987) e Oxford (1990). Esclarece que O'Malley e Chamot (1987) dividiram em três grupos estas estratégias, sendo meta cognitivas, cognitivas e sócio afetivas. Por outro lado, Oxford (1990, p.14) divide as estratégias de aprendizagem as em dois grupos: estratégias diretas e estratégias indiretas. Cada um desses grupos são ainda subdivididos da seguinte forma:

- (a) O grupo das estratégias diretas se divide em:
 - Estratégias de memória.
 - Estratégias cognitivas.
 - Estratégias de compensação.
- (b) O grupo das estratégias indiretas se divide em:
 - Estratégias metacognitivas.
 - Estratégias sociais.
 - Estratégias afetivas.

A autora ressalta que estratégias de aprendizagem são de grande utilidade para os estudantes e que mesmo os que são bem sucedidos em sua vida acadêmica podem melhorar ainda mais seu desempenho por meio do uso adequado de estratégias de aprendizagem. Ressalta ainda que as estratégias possam ser ensinadas e para tanto, lista oito passos que os professores devem seguir visando o ensino de estratégias de aprendizagem, a saber:

Passos para o ensino de estratégias de aprendizagem, Oxford (1990, p. 204).

- 1) Determinar as necessidades do aprendiz e o tempo disponível
- 2) Selecionar bem as estratégias
- 3) Considerar integração de estratégias
- 4) Considerar aspectos motivacionais
- 5) Preparar material e atividades
- 6) Conduzir um “ensino completamente informado”
- 7) Avaliar o ensino das estratégias.
- 8) Revisar o ensino das estratégias.

A autora ressalta que os estudantes que aprendem a utilizar estratégias de aprendizagem são mais bem sucedidos e que o ensino dessas estratégias é uma responsabilidade do professor apontando que:

Pesquisas mostram que os aprendizes usam estas estratégias esporadicamente e sem muita noção de sua importância. Em vários estudos de segunda língua e língua estrangeira, alunos usavam estratégias metacognitivas menos frequentemente que estratégias cognitivas e estavam limitados ao uso de determinadas estratégias metacognitivas (OXFORD, 1990, p. 137).

Em consonância, a autora esclarece que as estratégias de aprendizagem são úteis e colaboram para o desenvolvimento da aprendizagem não apenas de línguas, mas também nas demais áreas do conhecimento. Ressalta ainda que o professor deva incentivar e facilitar essa aprendizagem, visando melhorar o desempenho dos estudantes, conhecendo melhor seus alunos e seus estilos de aprendizagem, auxiliando-os no uso das estratégias, tanto diretas quanto indiretas e tanto cognitivas quanto metacognitivas.

Para uma melhor compreensão das diferenças entre as estratégias de caráter cognitivo e as de caráter metacognitivo, recorro a Romero (2011). Esta autora explica que as estratégias de caráter cognitivo são as de memorização,

busca de esclarecimento e raciocínio dedutivo e as de caráter metacognitivo referem-se a estabelecimento de objetivos, avaliação sistemática e planejamento. A autora acrescenta que as características das estratégias cognitivas são recursos mentais afetivo-cognitivos que tem a função de ajudar a memorização e compreensão e também à modificação da prática ou comportamento. As estratégias metacognitivas, necessitam de uma tomada de consciência sobre a própria evolução da aprendizagem e reflexão acerca de como aprimorá-la. A autora ressalta que, de acordo com a visão sócio cultural, o desenvolvimento de estratégias e o processo de aprendizagem ocorrem a partir das interações sociais do sujeito com o meio em que se encontra inserido (ROMERO, 2011). Ou seja, o uso de estratégias depende de condições contextuais várias que envolvem pessoas participantes das interações realizadas, características do ambiente e espaço naquele momento, instrumentos físicos (e afetivos cognitivos) disponíveis e que os participantes da ação saibam utilizar.

Outra autora, Bartalo (2006), igualmente interessada neste tema, descreve, em sua tese de Doutorado, estratégias de aprendizagem apresentadas por Weinstein, Goetz e Alexander (1988 apud BARTALO, 2006), divididas em 05 categorias:

1 - Estratégias de exercitação – Relacionadas a repetir a informação, copiar, resumir, tomar notas e sublinhar;

2 - Estratégias de elaboração – Relacionadas ao uso de imagens mentais, geração de novas proposições, paráfrase, resumir, criar analogias, tomar notas inovadoras, responder a questões e uso de mnemônicas;

3 - Estratégias de organização – Estas se relacionam a categorização, identificação das ideias principais e dos pormenores importantes, rede de informação (networking), distinção das estruturas de nível mais elevado (ex. covariância, comparação, seleção, descrição, resposta ao problema);

4 - Estratégias metacognitivas de monitoração e controle da compreensão – Este tipo de estratégia compreende quatro grandes processos metacognitivos:

- a) Estabelecimento de objetivos e planejamento;
- b) Monitoração (autoquestionamento, verificação de consistência e parafraseamento para verificar a compreensão);
- c)) Avaliação do nível de consecução;
- d)) Autocontrole ou auto regulação;

5 - Estratégias afetivas e motivacionais – Estas estão relacionadas aos seguintes comportamentos: Focar a atenção, manter a concentração, lidar com a ansiedade, estabelecer e manter a motivação, atender à auto eficácia, expectativas e atitudes e administrar o tempo.

Bartalo (2006) explica que, um estudante, no momento em vai executar uma tarefa, raramente define quais as estratégias vai utilizar. Não tem o costume de se preocupar com fatores como o tempo, o ambiente e os materiais que vai precisar e muitas vezes não sabe exatamente quais são seus objetivos além de não programar as condições e ações para aprender, ainda que pense no objetivo em si.

O autor supra citados descrevem as estratégias de aprendizagem como no quadro a seguir:

Autor	Estratégias
Oxford (1990)	Diretas: Estratégias de memória Estratégias Cognitivas Estratégias de Compensação Indiretas: Estratégias metacognitivas Estratégias Sociais Estratégias Afetivas
Weinstein, Goetz e Alexander (1988 apud BARTALO, 2006)	Estratégias de exercitação Estratégia de elaboração Estratégia de Organização Estratégia Metacognitivas de Monitoração e Controle da Compreensão Estratégias Afetivas e Motivacionais
O'Malley e Chamot (1987)	Estratégias Metacognitivas Estratégias Cognitivas Estratégias Sócio Afetivas

Quadro 2 Estratégias de Aprendizagem

Considerando as vantagens do uso de estratégias para o bom desempenho acadêmico, é necessário que o estudante as utilize de forma adequada e que tenha uma visão prévia de seu propósito. Portanto, durante o processo da coleta de dados, por meio das entrevistas semi estruturadas, ao buscar compreender quais as ações utilizadas pelos estudantes para aprender, houve perguntas sobre o uso de estratégias.

Pode-se perceber que vários autores discorrem a respeito das estratégias de aprendizagem, e a partir de tais estudos, que cada estudante desenvolve suas

próprias estratégias de aprendizagem, de acordo com seu estilo e contexto em que se encontra inserido.

Dado a importância do Projeto Acompanhamento Acadêmico do Aluno, desenvolvido pela PUC – Campinas, PAAA, mencionado na introdução deste trabalho destaco as estratégias de aprendizagem e abordagens pedagógicas aí utilizadas.

Ao longo do Projeto os professores foram criando dinâmicas inovadoras para atender os objetivos de cada uma das fases. No que se refere especificamente à melhora de desempenho acadêmico, houve uma contribuição positiva para docentes e discentes. Destaca-se uma reflexão da prática docente promovida pela dedicação ao Projeto. Segundo os autores, o envolvimento afetivo dos participantes, professores e alunos, foi um instrumento facilitador para se alcançar o objetivo almejado. Apontam que este envolvimento ficou evidente durante o desenvolvimento do Projeto e se refletiu na continuidade das atividades em sala de aula e que as relações estabelecidas entre os participantes foram além do aspecto cognitivo, visto que houve espaço para que outras dimensões pedagogicamente importantes pudessem aflorar e se desenvolver, como a valorização da docência, a importância do trabalho coletivo e o fortalecimento da auto estima do professor, entre outras.

Gonçalves, Junqueira e Plácido (2009) explicam que, para desenvolver esse projeto, escolheram 52 dinâmicas pedagógicas sugeridas em consonância com a fase do projeto e de acordo com a temática que representam. As dinâmicas foram categorizadas e agrupadas por fase temática, conforme quadro reproduzido de Gonçalves, Junqueira e Plácido (2009, p. 47):

Fases	Temática
Fase 1	Conhecendo a nossa universidade Conhecendo a comunidade acadêmica Conhecendo melhor o curso e seu projeto pedagógico A percepção do aluno sobre si mesmo Quais atividades a universidade me oferece além da sala de aula Comunicação e diferentes interpretações Trabalhando em equipe
Fase 2	Como está meu desempenho acadêmico Aprendizagem e desempenho Planejando sua vida profissional O quanto minhas atitudes, enquanto aluno, refletem na minha vida profissional
Fase 3	O aluno empreendedor O mundo do trabalho

Quadro 3 Fases do PAAA

Desta forma, a fase 1 teve início com a aplicação de um questionário diagnóstico visando o desencadeamento das ações dessa fase, no qual se buscou compreender os conceitos dos estudantes sobre o que seria uma boa universidade, um bom curso, um bom professor e um bom aluno. A análise destas respostas pelos professores e as discussões sobre os conceitos expressos pelos estudantes foi considerada uma estratégia básica que permitiu conhecer os estudantes e elaborar estratégias para se alcançar os objetivos desta fase.

Assim, a fase 1 se constituiu de 34 dinâmicas, sendo elas divididas por temática, a seguir: “Conhecendo a universidade”, teve como objetivo ajudar o estudante a conhecer a universidade e estabelecer com ela uma relação afetiva;

“Conhecendo a comunidade acadêmica: colegas e professores” visaram colaborar com a integração entre professores e alunos e ajudar os estudantes a conhecer formas de localizar professores; “Conhecendo melhor o curso e seu projeto pedagógico”, visou o conhecimento e compreensão da grade curricular e a apresentação e entendimento do projeto pedagógico; “A percepção do aluno sobre si mesmo”, buscou permitir ao aluno o autoconhecimento e aproximação entre os pares; “As atividades oferecidas pela universidade além da sala de aula”, visou mostrar aos alunos as possibilidades de envolvimento em atividades científicas e acadêmicas extra classe; “Comunicação e diferentes interpretações”, tiveram como objetivo a compreensão do papel do professor e estudante; “Trabalho em equipe” visou à importância do trabalho coletivo; “O desempenho acadêmico do aluno”, teve como objetivo “proporcionar uma avaliação, identificação e reflexão sobre o desempenho acadêmico e elaborar estratégias para melhorá-lo” (GONÇALVES; JUNQUEIRA; PLÁCIDO, 2009, p. 85); “Organizando o tempo de estudo” visou a avaliação e a organização do tempo e sua importância no desenvolvimento acadêmico; “Aprendizagem e desempenho” tiveram o objetivo de compreender de que forma as características individuais interferem no processo de aprendizagem. Para tanto, foi elaborado um questionário de meta-aprendizagem, com o objetivo de investigar a maneira de estudar dos alunos. Após a aplicação deste questionário, este é recolhido e as questões são tabuladas pelo professor, que depois apresenta o resultado aos estudantes. Os educadores apontam que ao apresentar os resultados, é importante que o professor conduza a discussão levando em consideração a forma como estes fatores se associam ao desempenho acadêmico, o quanto se reflete no desempenho a forma como os alunos estudam e a percepção do aluno sobre sua importância no processo de aprendizagem (GONÇALVES; JUNQUEIRA; PLÁCIDO, 2009). O questionário (anexo 06) foi elaborado conforme o quadro reproduzido de Gonçalves, Junqueira e Plácido (2009).

As outras duas temáticas, “planejamento da vida profissional”, “o quanto as atitudes enquanto aluno reflete na vida profissional” e “o quanto as atitudes enquanto aluno reflete na vida profissional”, visou o planejamento de um projeto de vida, a discussão de elementos para o alcance dos objetivos e a reflexão e discussão do papel do aluno no processo de formação acadêmica.

Na fase 3, de acordo com os educadores, o eixo norteador sugerido foi o empreendedorismo social, sendo que nesta fase o aluno passa da teoria para a prática, agindo como o principal ator de um projeto que envolve as 3 fases do PAAA, visando a busca de autonomia para um trabalho em grupo. Nesta fase, a temática “o aluno empreendedor” teve como objetivo desenvolver o potencial de empreendedor e “o mundo do trabalho” visou à ampliação do conhecimento sobre o universo profissional.

Gonçalves, Junqueira e Plácido (2009, p. 147), concluem que “A Universidade, por meio deste Projeto, promoveu um maior comprometimento do aluno com a instituição por meio do acolhimento do aluno à vida universitária.” Assim, mostram que o Projeto tem contribuído positivamente para os discentes e docentes envolvidos. Destacam como fator relevante o envolvimento afetivo dos participantes, como uma forte contribuição para se atingir os objetivos propostos em cada uma das fases e em todo o desenvolvimento do Projeto.

Entendo que por meio deste projeto, dá-se naturalmente um processo de reflexão, o que beneficia grandemente o desenvolvimento acadêmico, sendo evidente que o conhecimento e o uso de estratégias de aprendizagem são essenciais para o desenvolvimento acadêmico. Neste sentido, os responsáveis pelo projeto apontam que “aprofundar a reflexão sobre o que fazemos como fazemos, por que fazemos e como fazer melhor, permite a correção de rumos para a melhoria do ensino e da aprendizagem” (GONÇALVES; JUNQUEIRA; PLÁCIDO, 2009, p. 32).

Ressalto que o conhecimento deste projeto colaborou com este estudo de forma significativa, me levando a refletir sobre a necessidade de se conhecer melhor o universo acadêmico, assim como a ouvir de forma cuidadosa os estudantes. Por meio das entrevistas semi estruturadas, busquei informações sobre seus hábitos de estudos, informações acerca de seus conhecimentos sobre a universidade e o curso que escolheram e suas ações para aprender. Também estimulou uma maior reflexão quanto às possibilidades deste estudo vir a contribuir para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem na universidade.

Após o estudo sobre as estratégias de aprendizagem apresentadas neste item, optei por utilizar a classificação de Oxford (1990). A autora tem sido nos últimos anos, referência para vários pesquisadores que se dedicam ao estudo sobre estratégias de aprendizagem com várias publicações, tanto individuais quanto em parceria com outros autores (1989, 1990, 1992, 1995, 1996, 2002) sobre o tema. Por este motivo e também por me parecer a mais adequada para pautear minha análise dos dados, optei pela classificação desta autora. Oxford (1990) dividiu as estratégias em diretas e indiretas e ainda as subdividem da seguinte forma:

a) O grupo das estratégias diretas se divide em:

- Estratégias de memória: envolvem revisão efetiva, a criação de elos mentais, o emprego de ações e a utilização de imagens e sons.
- Estratégias cognitivas: envolvem ações de raciocinar, praticar, analisar, fazer anotações e resumos, receber e enviar mensagens.
- Estratégias de compensação: refere-se à superação de limites, como por exemplo, por meio de pedidos de ajuda.

b) O grupo das estratégias indiretas se divide em:

- Estratégias metacognitivas: refere-se a centrar, planejar e avaliar a aprendizagem.
- Estratégias sociais: envolvem a interação, a solidariedade e cooperação com os outros e perguntas.
- Estratégias afetivas: refere-se à diminuição da ansiedade, ao incentivo próprio e ao controle da temperatura emocional.

Portanto, de acordo com o objetivo deste estudo, optei por utilizar a classificação de Oxford (1990), fazendo uma seleção de Estratégias de Aprendizagem, a seguir denominadas EA, que se apresentaram como utilizadas pelos estudantes entrevistados e que estão de acordo com os estudos mais recentes da Linguística Aplicada e que atendem o foco deste trabalho. Assim, as EA selecionadas para orientar este estudo foram as seguintes:

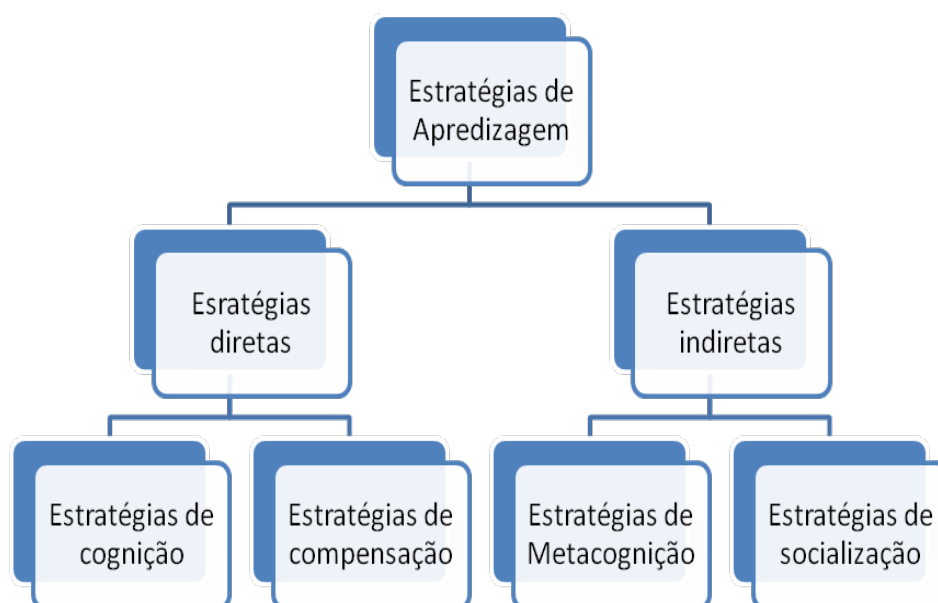


Figura 1 Estratégias de aprendizagem escolhidas

Diante da importância das estratégias de aprendizagem utilizadas pelos estudantes no processo de aprendizagem, também consideramos ser de grande relevância a autonomia do estudante para seu desenvolvimento acadêmico. O bom uso de estratégias de aprendizagem tem como função desenvolver a autonomia dos aprendizes. O que entendo do termo é colocado a seguir.

3.5 Autonomia

A origem do termo autonomia deriva do termo grego autonomia, que quer dizer lei própria e está sempre associado à independência, autossuficiência

ou liberdade. O termo pode ser definido como a habilidade ou capacidade de tomar as próprias decisões sobre o que fazer diante de determinadas situações, de dirigir-se segundo sua própria vontade. A autonomia pode ser compreendida de diferentes maneiras, dependendo da área de interesse.

Para a Filosofia, diz respeito à liberdade de escolha de uma pessoa em relação a sua própria vida ou a forma como escolhe viver. Nas Ciências Políticas, refere-se à autossuficiência de um governo ou região para elaboração de leis e regras próprias, não necessitando de interferências de um governo central para estas ações. No que se refere à educação, a autonomia indica a competência do estudante para organizar seus estudos de maneira satisfatória, controlar o tempo de dedicação à aprendizagem e ser capaz de buscar fontes adequadas de informação que possibilitem a otimização de seu desenvolvimento acadêmico.

A forma como trataremos a autonomia neste estudo diz respeito a um envolvimento ativo e responsável do estudante em seu processo de aprendizagem. Freire (1996) esclarece que a educação é algo que o homem deve almejar sempre, no sentido que deve desejar educar-se, e que a autonomia está relacionada com a capacidade de o aprendiz construir e reconstruir o conhecimento que lhe foi apresentado. Assim, nos mostra que o professor não deve apenas transmitir conhecimentos, mas sim criar possibilidades para sua produção, ou seja, deve estimular os alunos a ter participação ativa em seu próprio processo de construção de conhecimento.

Em consonância, Paiva (2005) esclarece que o professor tem o papel de criar possibilidades para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes, visto que esta está intimamente ligada à motivação que “é um dos fatores que influencia os diversos graus de autonomia, além de outros, tais como necessidades, aprendizagem, atitudes, experiências passadas sobre aprendizagem” (PAIVA, 2005, p. 138). A autora ressalta que os estudantes

possuem diferentes estilos de aprendizagem e que a autonomia tem papel preponderante no desenvolvimento de processo de aprendizagem, fatores aos quais os professores precisam estar atentos para atuarem como mediadores, auxiliando os estudantes à motivação e ao envolvimento necessário a fim de facilitar o alcance da autonomia. Da mesma forma, outra autora, Silva (2004) aponta que as atitudes docentes devem visar resultados autônomos por parte dos estudantes ao longo de sua trajetória acadêmica, sendo que para que isso se concretize é necessário uma interação entre docentes e discentes no espaço da sala de aula. Aponta ainda que todas as atitudes que possam propiciar a autonomia dos estudantes resultarão em oportunidades para o enriquecimento do processo de ensino-aprendizagem. Diante das reflexões dos autores supra citados, entendo que, nesse sentido, os professores tem o papel de provedores de oportunidades para os estudantes e juntos podem criar possibilidades de aprendizagem de forma que a autonomia do estudante se desenvolva o suficiente para que este possa se tornar responsável por seu processo de aprendizagem considerando que a autonomia alcançada lhes será útil não apenas durante o período universitário, mas também ao longo de toda a sua vida profissional.

Portanto, faz-se necessário um olhar diferenciado para as dificuldades de aprendizagem, no sentido de considerar as particularidades de cada aluno e suas possibilidades de alcance da autonomia.

Considerando a necessidade do estudante se responsabilizar mais por seu processo de ensino-aprendizagem e por sua formação acadêmica, Gonçalves, Junqueira e Plácido (2009) consideram a importância da autonomia e responsabilidade do estudante. Entre os objetivos do PAAA, desenvolvido por estes professores, está a preparação do aluno, por meio de estratégias participativas, visando sua responsabilidade pelo seu processo de formação. Desta forma, o estudante se envolve em seus objetivos de aprendizagem e desenvolvimento acadêmico.

Neste sentido, entendo ser necessário que o professor estimule o aluno a pensar e refletir sobre sua aprendizagem. Tal atitude contribui para que ambos pensem juntos a melhor forma de melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Por outro lado, Paiva (2005) descreve autonomia como um sistema sócio-cognitivo complexo que está sujeito a restrições internas e externas. Aponta que o estudante precisa sentir-se motivado a aprender e que a motivação é um fator que exerce grande influência sobre o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizagem. A autora aponta também que a autonomia se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo habilidades, tomadas de decisão, capacidades, desejos, atitudes e escolhas. A autora afirma que dessa forma a interação social se torna uma ferramenta para aumentar o conhecimento do aprendiz e isso pode ser adquirido por meio de interações e nos feedbacks, momentos em que o aprendiz se apóia em um par mais competente, construindo conhecimento e autonomia de forma colaborativa e interdependente. Esta elaboração concorda com a de Vygotsky (1991), para quem se chega a autonomia por meio da interação com outros, ou seja, envolvendo pessoas com experiências diversas, conhecimentos distintos, e muitas vezes, culturas diferentes. Defende o Psicólogo russo que o desempenho do aprendiz deve ser mediado, acreditando que no futuro ele terá condições de executar a tarefa por conta própria.

Assim sendo, fica claro que as interações em sala de aula são fatores que possibilitam o desenvolvimento da autonomia dos estudantes ao longo de seu desenvolvimento acadêmico beneficiando seu processo de aprendizagem. Portanto, durante o processo de coleta de dados, que se dará por meio de entrevistas semi estruturadas, uma das investigações será entender se estas interações estão presentes no universo acadêmico dos sujeitos da pesquisa.

A apresentação destes itens visou discorrer brevemente sobre alguns conceitos e teorias de aprendizagem, assim como estratégias de aprendizagem e autonomia, uma vez que são questões de ordem teórica que nos auxiliarão a interpretar os dados coletados da prática do ato de aprender, foco da pesquisa. Este estudo constitui-se como uma reflexão crítica do processo de ensinar e aprender na universidade na qual se desenvolveu, visto que os relatos dos estudantes que se voluntariaram para as entrevistas serão analisados com base na fundamentação teórica que norteia este trabalho e nos mostrarão possíveis caminhos para a melhoria da prática pedagógica dentro da universidade. Apresento a seguir a metodologia utilizada pra desenvolver este estudo.

4 METODOLOGIA

O objetivo deste capítulo é apresentar os procedimentos metodológicos que guiaram este estudo, tais como: Pesquisa qualitativa, estudo de caso, entrevista, o contexto da pesquisa, a caracterização dos participantes e os métodos de coleta de dados, assim como os procedimentos de análise adotados.

4.1 Pesquisa qualitativa

De acordo com Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa é de grande utilidade no âmbito educacional e vem sendo usada com sucesso. As autoras apontam que pesquisadores da área de educação vêm demonstrando cada vez mais interesse pelo uso de metodologias qualitativas, sendo de grande utilidade e relevância a possibilidade de se fazer pesquisa qualitativa em educação, pela diferenciação dos processos quantitativos, visto que a abordagem qualitativa preocupa-se com o significado dos dados coletados e não pretende ser representativa.

É bem verdade que a pesquisa quantitativa tem grande valia para se saber as tendências e características em um universo grande de pesquisadores, conforme ocorreu, por exemplo, nas pesquisas realizadas por Antonio et al. (2007), Mercuri (1992) e Prates e Joly (2011), citadas no primeiro capítulo deste estudo. Entendo que a utilização do método quantitativo em uma pesquisa permite o uso de amostragem significativa e uma análise direta dos dados, além de possibilitar a generalização pela representatividade. A pesquisa quantitativa também se caracteriza pela ênfase em medir a frequência, intensidade e quantidade para análise das relações causais entre as variáveis. Sabe-se que, em determinados estudos, como por exemplo nos organizacionais, a pesquisa quantitativa torna possível mensurar reações, hábitos, opiniões e atitudes em um

contexto por meio de uma amostragem representativa estatisticamente. Ou seja, a pesquisa quantitativa faz uso de dados de natureza numérica, que possibilitam comprovar relações entre variáveis.

Por outro lado, a pesquisa qualitativa faz uso principalmente de metodologias que possibilitem a criação de dados de natureza descritiva, o que torna possível a observação do modo de pensar dos participantes em uma pesquisa. Ludke e André (1986) ressaltam que a pesquisa qualitativa reconhece que o pesquisador se insere na cena pesquisada, participando da trama da peça, o que foi feito nesse estudo durante o processo de coleta de dados por meio de entrevistas semi estruturadas. Ao optar pela utilização da pesquisa qualitativa considere que esta visa respeitar as particularidades de cada caso explorando os significados que possam ser gerados na ocasião. Considerei ainda o fato de que em uma pesquisa que utiliza a abordagem qualitativa o pesquisador busca um aprofundamento na compreensão dos fenômenos estudados, como por exemplo, as ações dos sujeitos em seu ambiente e contexto social, o que fiz ao entrevistar os estudantes, sendo que os interpreta de acordo com as perspectivas dos participantes do fato focado, não cogitando representações numéricas, relações de causa e efeito e generalizações estatísticas.

Entendo ser evidente a necessidade de o pesquisador manter um contato direto com a situação e os fenômenos pesquisados, visto que o pesquisador foca especialmente o significado que as pessoas dão aos acontecimentos que o envolvem e às suas vidas em geral. Portanto, pode-se perceber nestes estudos a tentativa de compreender a visão particular dos participantes sobre as questões de interesse da pesquisa e isso permite melhor entendimento do movimento interno das situações, o que não seria possível a um expectador externo (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Os autores destacam que neste tipo de pesquisa é necessário que o pesquisador tenha um cuidado especial com os pontos de vista dos participantes,

no sentido de preservar a veracidade das informações coletadas, devendo, por isso, procurar maneiras de checá-las, conversando de forma abertamente com os participantes ou fazendo comparações com outros pesquisadores com o objetivo de confirmá-la. Nesse sentido, no decorrer do desenvolvimento deste estudo, me empenhei em manter o respeito às opiniões e pontos de vistas dos participantes, respeitando suas posições diante do universo acadêmico e suas particularidades como sujeitos de pesquisa. Por isso, trouxe as próprias falas dos estudantes para embasar as interpretações e conclusões a que chego.

Segundo Ludke e André (1986), para que seja possível entender um fenômeno são essencial que se considere as circunstâncias particulares em que este acontece. Ressaltam que se deve sempre referenciar as pessoas, palavras e gestos estudados ao contexto em que se manifestam, considerando que:

Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. Todos os dados da realidade são considerados importantes. O pesquisador deve, assim, atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para a melhor compreensão do problema que está sendo estudado (BOGDAN; BIKLEN, 1982 apud LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 17).

As autoras ressaltam que neste tipo de pesquisa é essencial que os pesquisadores estejam atentos a novos fatos que possam surgir durante o processo de investigação. Assim, a pesquisa qualitativa se apresentou com a melhor opção para o desenvolvimento deste trabalho, considerando as particularidades deste tipo de estudo e do tema a ser pesquisado. Nesse sentido, minha pretensão ao desenvolver este estudo foi agir de forma adequada em

relação aos objetivos e aos participantes, dando-lhes voz e respeitando-os como sujeitos de pesquisa.

Compreendo que a abordagem quantitativa também poderia ser usada neste estudo e que juntamente com a abordagem qualitativa viria a enriquecer esse processo investigativo, algo que talvez possa vir a ser feito em pesquisas futuras sobre este tema. O estudo de caso, que também colaborou para o desenvolvimento deste estudo, vem sendo cada vez mais utilizado nas pesquisas na área de educação, como discorro a seguir:

4.2 Estudo de caso

De acordo com Ludke e André (1986), o estudo de caso destaca-se entre as várias formas de pesquisa qualitativa, e vem sendo cada vez mais bem aceito na área de educação, especialmente por seu potencial para perscrutar as questões relacionadas à escola. As autoras apontam que o estudo de caso valoriza a interpretação em contexto, visa à descoberta e que é o estudo de um caso, com seus contornos definidos de forma clara durante o desenvolvimento do estudo. Segundo os autores, é necessário, para a compreensão da apresentação de determinado problema, as interações pessoais, as percepções, os comportamentos e ações, sendo que, estas devem relacionar-se com situações específicas de sua ocorrência. Neste sentido, entendo que esta abordagem esta de acordo com o desenvolvimento deste estudo, tendo em vista os objetivos propostos.

Ludke e André (1986) apontam que essa característica é o pressuposto de que o conhecimento não é algo já pronto, finalizado, mas sim uma construção que está sempre se refazendo. Deduz-se que, desta forma, durante o desenvolvimento de seu trabalho, o pesquisador terá sempre novas indagações, ampliando suas possibilidades de descobertas em relação ao tema pesquisado.

Os autores, ao afirmar a relevância desta abordagem para as pesquisas em educação, esclarecem que por meio do estudo de caso o pesquisador intenciona revelar as muitas dimensões presentes no caso estudado. Apontam ainda que os dados devam ser prioritariamente descritivos, incluindo transcrições de entrevistas, como foi feito nesse estudo, bem como todo documento ou material que seja relevante para a compreensão do contexto alvo da análise.

Optei por esta abordagem, juntamente com a abordagem qualitativa para o desenvolvimento desta pesquisa por entender que estas estavam de acordo com os objetivos deste trabalho, assim como a prática de entrevistas, que apresento a seguir:

4.3 Entrevista

De acordo com Haguete (1997), a entrevista pode ser definida como um momento em que há interação entre duas pessoas com o objetivo de obter informações por parte do entrevistado. Assim, compreendemos que por meio da entrevista podem-se obter informações e coletar dados objetivos e subjetivos. Visando a obtenção de dados objetivos, é comum o uso de questionários, geralmente para censos, estatísticas, etc. Porém, para a obtenção de dados subjetivos, visto que estes estão relacionados com as opiniões, atitudes e valores dos sujeitos entrevistados, entrevistas semiestruturadas me pareceram ser a melhor opção, por sua característica de combinar perguntas abertas e fechadas permitindo ao entrevistado falar sobre o assunto proposto, sendo que:

O pesquisador deve seguir um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram

claras ou ajudar a recompor o contexto da entrevista, caso o informante tenha “fugido” ao tema ou tenha dificuldades com ele (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75).

Segundo os autores, o método de entrevistas semi estruturadas permite ao pesquisador um olhar diferenciado para as informações coletadas, visto que este processo é semelhante a uma conversa informal. Boni e Quaresma (2005) apontam que essa semelhança permite ao pesquisador dirigir a conversa para o tema de interesse naquele momento e oferece informações mais específicas, que não seria possível obter por meio de um questionário padrão.

Nesse sentido, minha pretensão ao desenvolver este estudo foi agir de forma adequada em relação aos objetivos e aos participantes, dando-lhes voz e respeitando-os como sujeitos de pesquisa. Assim sendo, as entrevistas semiestruturadas me parecera a melhor opção para dar voz aos sujeitos da pesquisa.

4.4 O contexto da pesquisa

O contexto desta pesquisa concentra-se em informar sobre o lugar específico onde esta foi realizada e os métodos escolhidos de acordo com os objetivos apresentados na introdução deste estudo, a saber:

Este estudo tem como objetivo compreender processos de aprendizagem de estudantes de uma universidade pública de Minas Gerais e as possíveis ações pedagógicas que possam beneficiar este processo.

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma universidade pública do Estado de Minas Gerais. A Universidade promove o ensino de graduação e de pós-graduação, a pesquisa e a extensão universitária, desenvolvem as ciências, as letras, as artes, o esporte e a saúde e presta serviços técnicos especializados à comunidade. Atualmente a Universidade possui aproximadamente 22 cursos de

Graduação sendo a maioria diurno. No turno da noite estão concentradas a maioria dos cursos de licenciatura, como Letras, Filosofia, Física e Matemática. A Universidade também oferece, na Pós Graduação *Stricto Sensu* além de cursos de Especializações e Pós Doutorado, e cursos à distância, de graduação, de especialização e de Mestrado Profissional que não são foco deste estudo. Atualmente a Universidade possui cerca de 5.000 estudantes de cursos de graduação e cerca de 2000 estudantes de Pós Graduação. No final do ano de 2009 a Universidade aderiu integralmente ao Sistema de Seleção Unificada – SISU proposto pelo Ministério da Educação – MEC às Instituições Federais de Ensino Superior, em substituição a forma de ingresso pelo tradicional vestibular. Desta forma, atualmente, o ingresso dos estudantes se dá por meio do SISU, sendo possível também a troca de cursos para estudantes veteranos por meio de um processo de transferência interna e o ingresso por obtenção de novo título para estudantes que já possuem graduação e ainda por meio de um processo de transferência externa.

4.5 Caracterização dos participantes

Os sujeitos de pesquisa foram 20 estudantes que se voluntariaram para responder às entrevistas semiestruturadas. A opção por um número de 20 estudantes deve-se ao fato de tratar-se de uma pesquisa qualitativa, na qual o foco é na qualidade dos dados coletados, não se dando uma maior importância à quantidade de sujeitos de pesquisa. Compreendo que 20 estudantes não representam o todo, porém, a pesquisa qualitativa não pretende ser representativa, mas sim essencialmente qualitativa. Na pesquisa qualitativa, o importante é compreender o significado dos autores que se apoiam na questão, o que é feito durante o processo de entrevistas ao dar voz aos estudantes. Os 20

estudantes entrevistados são apresentados de acordo com o período do curso, idade e sexo, conforme quadro abaixo:

Curso	Período	Idade	Sexo
Filosofia	3	22	F
Medicina Veterinária	4	22	F
Engenharia Florestal	7	22	M
Letras	1	18	F
Administração	4	19	F
Educação Física	3	19	M
Ciências da Computação	4	20	M
Nutrição	2	22	F
Adm. Pública	3	20	F
Sistema de Informação	6	21	F
Filosofia	5	21	M
Zootecnia	4	21	M
Medicina Veterinária	6	22	F
Engenharia de Alimentos	4	19	M
Engenharia de Controle e Automação	2	17	F
Engenharia de Alimentos	2	20	F
Engenharia Florestal	10	23	F
Agronomia	3	20	M
Química (Licenciatura)	1	19	M
Ciências Biológicas	2	19	F

Quadro 4 Entrevistas analisadas

Vê-se, portanto, que participaram deste estudo 20 estudantes de 16 cursos diferentes. A idade dos estudantes variou entre 17 e 23 anos, predominando o sexo feminino (13) e estudantes cursando o quarto período, sendo 02 estudantes no primeiro período, 04 no segundo, 04 no terceiro, 05 no quarto, 01 no quinto, 02 no sexto, 01 no sétimo e 01 no décimo período. Para caracterizar mais especificamente cada participante, resumo abaixo como cada um se mostrou nas entrevistas, além de também descrever a entrevistadora/pesquisadora.

Entrevista 01:

Z tem 20 anos e cursa o terceiro período de Filosofia. Contou-me que é da Cidade de Belo Horizonte - MG e que ingressou na universidade com o objetivo de mudar de curso logo que for possível. Pretende cursar Medicina Veterinária ou Zootecnia e aguarda o processo de transferência interna como alguns colegas de turma. Descreveu-se como uma estudante esforçada e dedicada, mas acima de tudo persistente, que não desiste de seus objetivos. Disse que não frequenta festas, não fuma e nem faz uso de bebidas alcoólicas, o que em sua opinião só serviria para prejudicá-la em seus estudos. Durante a entrevista mostrou-se tranquila e interessada. Posteriormente, cinco meses após a coleta de dados, J me contou que participou do processo de transferência interna da universidade, que foi aprovada e atualmente cursa Zootecnia.

Entrevista 02:

F tem 21 anos, e cursa o quarto período de Zootecnia. Contou-me que é da Cidade de Lavras - MG e que ingressou na universidade certo de que queria cursar zootecnia. Descreveu-se como um estudante interessado no curso, mas sem motivação para aprender as disciplinas com as quais não se identifica. Contou ter feito o ensino médio em uma escola particular o que lhe forneceu

uma boa base para o ensino superior. Disse que ingressou na universidade no segundo semestre, mas que no início do ano já sabia que tinha sido classificado pelo SISU, então já entrou em contato com universitários e passou a conviver um pouco com eles, inclusive frequentando festas e calouradas e se informando a respeito da universidade e do curso escolhido.

Entrevista03

N tem 22 anos e cursa o sexto período de Medicina Veterinária. È natural da cidade de São Paulo - SP e me disse ter escolhido a Universidade pelo seu conceito na área de sua escolha. Descreveu-se como aluna dedicada e focada em seus estudos, consciente da necessidade de esforço próprio e dedicação para obter sucesso acadêmico e profissional. Disse que evita festas e eventos relacionados que possam vir a comprometer seu desempenho.

Entrevista 04:

L tem 19anos, é do sexo masculino e cursa o quarto período do curso de Engenharia de Alimentos. É natural da cidade de Varginha – MG, e me disse que se interessou, inicialmente, pelo curso de nutrição, chegando a passar no vestibular em uma faculdade particular. Porém, trocou Nutrição por Engenharia de Alimentos por insistência de sua mãe, que não o apoiou na primeira opção, dizendo que o mercado de trabalho para os nutricionistas é muito limitado. Está gostando do curso e da universidade, acha que o fato de ter feito o ensino médio em escola particular facilita sua aprendizagem, mas acha que alguns professores deveriam se interessar mais pelos alunos, o que, em sua opinião, facilitaria a superação de dificuldades.

Entrevista 05:

D. tem 17 anos, é do sexo feminino e cursa o segundo período de Engenharia de Controle e Automação. Contou-me que veio do Estado da Bahia, atraída pela qualidade dos cursos oferecidos pela Universidade. Disse que sempre teve vontade de estudar algo que se relacionasse a engenharia e que a possibilidade de um bom retorno profissional e financeiro pesou na hora de escolher o curso. Sente-se privilegiada por poder estudar em uma Universidade Federal.

Entrevista 06:

M é do sexo masculino, tem 20 anos e cursa o terceiro período de agronomia. Contou-me que veio da cidade de Belo Horizonte – MG e que a cobrança por parte de seus familiares sempre foi muito grande para que ele entrasse em uma universidade federal. Acredita que o fato de ter sempre estudado em escolas particulares fez com que todos esperassem isso como algo natural. Disse que a parte mais difícil da universidade foi contar aos pais sobre suas dificuldades em algumas disciplinas, notas baixas e dependências, mas que com tudo isso, esta feliz na universidade.

Entrevista 07:

Atem 20 anos, é do sexo feminino e cursa o segundo período de Engenharia de Alimentos. É da cidade de São José dos Campos - SP e disse que assim como a maioria de seus colegas de turma, tem dificuldade nas disciplinas de Filosofia, Sociologia e Comunicação e Expressão, e que prefere as disciplinas relacionadas às ciências exatas. Para facilitar sua aprendizagem, tem o hábito de fazer anotações durante as aulas e resumos dos textos.

Entrevista 08:

R tem 19 anos, é do sexo masculino e cursa o primeiro período do curso de Licenciatura em Química. Nascido na cidade de Lavras - MG, disse que sempre sonhou estudar nesta Universidade, porém nunca recebeu nenhum estímulo de seus amigos, pois eles acreditavam que ela não conseguiria pelo fato de sempre ter passado por muitas dificuldades nas disciplinas que envolvem cálculos. Disse que, de fato, as dificuldades continuam, mas que está muito satisfeito com a universidade e com o curso que escolheu e que tem se esforçado muito para aprender.

Entrevista 09:

K. é do sexo feminino, tem 22 anos e cursa o quarto período de Medicina Veterinária. É da cidade de Belo Horizonte - MG e contou-me que cursava o quarto período do mesmo curso em uma faculdade particular, mas que desistiu pelo sonho de estudar em uma universidade federal. Tentou uma vaga na nesta Universidade e assim que passou cancelou o curso em sua cidade e recomeçou, pois precisou voltar ao primeiro período, conseguindo o aproveitamento de créditos apenas em algumas disciplinas. Disse que está muito satisfeita com a universidade e que possui hábitos regulares de estudo, como estudar todos os dias ao menos durante 01 hora, fazer leituras, resumos e questionários das disciplinas que considera mais difíceis.

Entrevista 10:

P é do sexo feminino, tem 19 anos e cursa o segundo período de Ciências Biológicas. Veio da cidade de Pouso Alegre – MG atraída, segundo me disse, pelo bom conceito da Universidade que escolheu. Adaptou-se bem à vida universitária, mas tem dificuldades nas disciplinas que envolvem cálculo.

Costuma estudar com colegas e valoriza muito a relação dos professores com os estudantes, pois acredita que isso facilita sua aprendizagem.

Entrevista 11:

E é do sexo feminino, tem 20 anos e cursa o 3 período de Administração Pública. Contou-me que veio da cidade de Ipatinga - MG e que já conhecia algumas pessoas de sua cidade que cursavam Pós Graduação na universidade. Relatou que tem dificuldades para assimilar o conteúdo da maioria das disciplinas, que não tem hábitos de estudo, mas que na época das provas tenta estudar um pouco, apesar de estar ciente de que isso não é suficiente.

Entrevista 12:

G é do sexo masculino, tem 19 anos e cursa o terceiro período de Educação Física. É da cidade de Lavras – MG e disse-me que gosta muito do curso e que desde o início do ensino médio já pensava em estudar algo relacionado à atividade física. Está satisfeito com o curso e com professores, que descreve como atenciosos e interessados nos estudantes. Contou-me que suas dificuldades de aprendizagem são basicamente nas disciplinas que envolvem cálculos.

Entrevista 13:

H é do sexo feminino, tem 21 anos e cursa o sexto período de Sistema de Informação. Veio da cidade de Governador Valadares - MG e disse que escolheu o curso por gostar de tecnologia. Contou que teve muitas dificuldades de aprendizagem no início do curso, o que atribui ao fato de não ter feito um ensino médio de qualidade, ingressando na universidade sem base para aprender os conteúdos das disciplinas.

Entrevista 14:

Y é do sexo masculino, tem 21 anos e cursa o quinto período de Filosofia. Contou-me que é da cidade de Betim - MG e que não pretende atuar na docência de Filosofia, pois gostaria mesmo é de estudar psicologia. Relatou que ingressou na universidade por meio do ENEM e que sua nota foi muito baixa e insuficiente para o curso que gostaria. Assim, pretende terminar Filosofia e fazer um curso de especialização em Psicanálise, o que o aproximará daquilo que realmente deseja para sua vida profissional.

Entrevista 15:

S é do sexo feminino, tem 19 anos e cursa o quarto período de Administração. Veio da cidade de Campo Belo – MG e esta muito satisfeita com o curso. Relatou que demorou um pouco para se adaptar ao ambiente universitário, que teve muitas dificuldades de aprendizagem, especialmente em cálculo, mas que com a ajuda dos colegas hoje esta sendo mais fácil e ela já consegue assimilar melhor as disciplinas.

Entrevista 16:

T é do sexo masculino, tem 20 anos e cursa o quarto período de Ciências da Computação. È da cidade de Belo Horizonte - MG e contou-me que veio para a universidade atraído por seu conceito de qualidade e seriedade. Gosta muito de seu curso e disse que não se imagina fazendo outra coisa que não seja diretamente ligada a computadores, mas que tem dificuldades nas disciplinas com conteúdos mais teóricos, pois prefere ciências exatas. Relatou que não consegue estudar, pois não gosta muito de ler, prefere atividades práticas, como resolver cálculos.

Entrevista 17:

I é do sexo feminino, tem 23 anos e cursa o último período de Engenharia Florestal. Veio da cidade de Ribeirão Preto – SP e disse que gosta muito do curso, tanto que pretende seguir com a Pós Graduação na área. Contou-me que foi sempre uma aluna dedicada e que acredita que esforço e dedicação somado a estudos em grupo e amizade com professores a ajudaram a ser bem sucedida em seus estudos.

Entrevista 18:

W tem 18 anos e é do sexo feminino e cursa o primeiro período de Licenciatura em Letras. È da cidade de Lavras – MG e contou-me que o que a fez escolher o curso de Letras foi o fato de gostar muito de língua inglesa e por ter sido inspirada por uma professora de inglês no ensino médio. Tem dificuldades com as disciplinas que envolvem cálculo, mas se sai muito bem nas demais. Contou-me que faz resumos e anotações e que isso a ajuda muito na assimilação dos conteúdos.

Entrevista 19:

V é do sexo feminino, tem 22 anos e cursa o segundo período de Nutrição. È da cidade do Rio de Janeiro e contou-me que escolheu a universidade e o curso sem pensar muito. Que queria mesmo era passar em algum lugar longe do Rio de Janeiro, pois não gostava de morar lá. Disse que tem muita dificuldade para aprender quase todas as disciplinas e que suas notas são bem baixas. Relatou que não sabe o que fazer para melhorar, pois fez o supletivo para terminar o ensino médio e não aprendeu quase nada, que não costuma estudar e faltam a bastantes as aulas.

Entrevista 20:

B é do sexo feminino, tem 22 anos e cursa o sétimo período de Engenharia Florestal. Veio da cidade de Taubaté – SP. Contou-me que esta muito satisfeita com a universidade e com o curso escolhido, descrevendo-se como uma boa estudante. Disse que teve algumas dificuldades no início do curso, mas que se dedicou bastante, participou de monitorias, estudou com colegas e pediu ajuda aos professores das disciplinas mais difíceis. Atualmente, mantém o hábito de estudar em grupo e fazer anotações durante as aulas.

B – A pesquisadora:

A pesquisadora é Psicóloga Clínica, especialista em Docência do Ensino Superior, com Complementação Pedagógica em andamento em Pedagogia. Atua como tutora em cursos a distância na universidade foco e é Mestranda do programa de Mestrado Profissional em Educação. Os dados foram coletados no segundo semestre de 2012, quando a pesquisadora já havia terminado as disciplinas.

4.6 Coleta de dados

A coleta de dados foi efetuada por meio de entrevistas semiestruturadas. Considerando os objetivos desta pesquisa e as contribuições dos autores consultados, optei por utilizar neste estudo, conforme explicitado anteriormente, entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio (WALLACE, 1999) e realizadas com um número de vinte estudantes voluntários, do sexo feminino e masculino e de cursos de graduação variados da universidade, com o objetivo de ter uma visão de várias áreas. Como as entrevistas foram feitas com estudantes voluntários, não foi possível predeterminar quantos seriam do sexo feminino e quantos seriam do sexo masculino, assim como não se podia saber

antecipadamente a quais cursos de graduação as pessoas que se voluntariariam para o estudo estariam vinculadas. As entrevistas semi estruturadas foram de suma importância para se conhecer como o processo de estudo se dá, visando a aprendizagem dos conteúdos das disciplinas de seus cursos.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio que eu pessoalmente fiz com 20 estudantes voluntários caracterizados anteriormente. As entrevistas duraram de 20 a 30 minutos. Os estudantes foram abordados por mim de maneira informal, dentro da universidade, em momentos em que se encontravam em intervalos de aulas, conversando com colegas nas dependências da instituição, como na cantina central e nas imediações dos departamentos. Nesta conversa eu os informei a respeito da pesquisa em andamento e os convidei a participar. Todos os estudantes convidados aceitaram participar da pesquisa, mas dei preferência para estudantes de cursos diversos, com o objetivo de obter informações mais diversificadas sobre o processo de ensino-aprendizagem. As entrevistas foram realizadas a partir da elaboração de um guia para entrevistas elaborado por mim, considerando os objetivos deste estudo, conforme anexo número 03. A transcrição foi feita por mim, mantendo todo o teor das entrevistas. Não foram anotados pausas nem indicativos de reestruturação de sentenças porque essas particularidades das falas não eram pertinentes para os objetivos desta pesquisa.

4.7 Procedimentos de análise

Após a transcrição das entrevistas e com o intuito de responder às perguntas de pesquisa, conforme explicitado na metodologia, destaco alguns trechos das entrevistas, que categorizei de modo a organizar em grupos as respostas dos estudantes. Optei pela prática da categorização por entender que a organização de ideias e conceitos permitem uma maior e melhor compreensão

do objeto de nossa busca. Estas respostas, organizadas em grupos por assunto, visam responder as perguntas que compõem minha pesquisa, a saber:

- a) Quais são as ações dos estudantes para aprender?
- b) Quais seriam as possíveis ações pedagógicas para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem?

Para tanto, apresento neste item recortes das entrevistas semi estruturadas feitas com os vinte estudantes de graduação voluntários, bem como as análises respectivas sob o prisma da fundamentação teórica previamente discutida. A transcrição integral das vinte entrevistas analisadas será colocada em anexo, preservando as identidades dos estudantes. Os recortes e análises organizam-se para responder diretamente as perguntas de pesquisa.

A escolha, dos recortes foi feita para apresentar as ações dos estudantes em seu processo de aprendizagem, como a forma como estudam e conseqüentemente aprendem estratégias e hábitos de estudo, além da busca por compreender as possibilidades de se melhorar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem por meio de ações pedagógicas eficazes.

Para analisar os dados, conforme explicitado anteriormente optei pela classificação de Oxford (1990). Por esta me parecer a mais completa e mais recente e ainda por estar mais de acordo com os objetivos deste estudo.

As entrevistas, após transcrição, são apresentadas no anexo, com legendas contendo a inicial dos nomes (fictícios) dos entrevistados, eticamente, para preservar suas identidades e da entrevistadora e também os números das falas para melhor compreensão do leitor deste trabalho. As legendas são apresentadas da seguinte forma:

E – Entrevista

C-Inicial do nome da pesquisadora/entrevistadora)

01, 02... - Número da pergunta feita pela pesquisadora/entrevistadora

Z, F, N, L, D, M, A, R, K e P – Iniciais dos nomes fictícios dos entrevistados

01, 02...- Números das respostas dos entrevistados

Exemplo:

E 01Z002, em que:

E= Entrevista;

01= primeira entrevista ou entrevista número 01;

Z= inicial fictícia do nome do estudante entrevistado;

02=segunda resposta do estudante.

A análise seguiu o direcionamento especificado pelas perguntas de pesquisa, resultando em respostas dadas na mesma ordem das perguntas.

Para responder a primeira pergunta de pesquisa, fiz um levantamento das ações que os estudantes usam segundo o dito nas entrevistas e as categorizei em grupos por similaridade. Exemplos são dados com recortes das entrevistas.

Na segunda pergunta, ainda com base nos conceitos abordados no primeiro capítulo, faço, inicialmente, um levantamento das ações para aprender que os estudantes não mencionaram para sugerir que os professores as trabalhem na sala de aula. Incidindo sobre esta segunda pergunta está meu entendimento que, o trabalho docente direcionado para auxiliar o desenvolvimento de abordagens de estudo como parte do trabalho de sala de aula é crucial para se conseguir níveis mais altos deste viés e necessários para a otimização do ensino-aprendizagem. Tal ação docente promove, ao mesmo tempo, a autonomia nos termos de Freire (1996), previamente discutidos. Resumo o procedimento de análise no quadro abaixo:

Perguntas de pesquisa	Base para as respostas
Quais as ações dos estudantes para aprender?	- Levantamento de ações mencionadas pelos estudantes nas entrevistas.
Quais as possíveis ações pedagógicas para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem?	- Levantamento das ações não mencionadas nas entrevistas à luz das estratégias de aprendizagem e ações didáticas institucionais.

Quadro 5 Perguntas de pesquisa

Este capítulo propôs-se a descrever a metodologia da pesquisa, discorrendo sobre a abordagem qualitativa, o estudo de caso, a entrevista, os participantes, o contexto, os procedimentos adotados para a coleta de dados e os procedimentos de análise.

Após a elaboração do projeto desta pesquisa, este foi apresentado à Pró-Reitora de Graduação da Universidade, para seu conhecimento e aprovação, conforme declaração em anexo número 01. Logo a seguir, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - COEP da Universidade, sendo aprovado sem ressalvas, conforme documentação em anexo número 02.

As categorias de análise e de interpretação dos dados serão discutidas a seguir, com a apresentação de recortes das entrevistas semi estruturadas que visam responder as perguntas de pesquisa. Passo à análise e resposta das duas perguntas de pesquisa.

5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A seguir, com base na fundamentação teórica que norteou este estudo, foi feita a análise das entrevistas, com o objetivo de responder a primeira e a segunda pergunta de pesquisa.

5.1 Respostas às perguntas de pesquisa

1 - Quais as ações dos estudantes para aprender?

Para responder a esta primeira pergunta de pesquisa apresentou recortes das entrevistas realizadas de acordo com as categorias a que cheguei após vários estudos dos dados e agrupamentos de respostas similares dos estudantes. Estas categorias foram organizadas por mim, visando responder a primeira pergunta, ou seja, elencar as ações dos estudantes para aprender.

- a) Auxílio direto e individual por parte do professor: Estratégia Direta de Compensação.
- b) Estudos em grupo: Estratégia Indireta de Socialização.
- c) Anotações e resumos: Estratégia Direta de Cognição.
- d)) Atividades práticas além da teoria: Estratégia Diretas de Cognição.
- e)) Aprendizagem por meio de conversas com professores e exemplos: Estratégias Indiretas de Socialização.

A seguir, me detenho em cada categoria, trazendo recortes das entrevistas para ilustrá-las.

- a) Auxílio direto e individual por parte do professor.

Para onze dos vinte estudantes entrevistados o auxílio direto por parte do professor é essencial para a compreensão dos conteúdos, conforme ficou claro nos recortes a seguir:

E01Z012: [...] *a professora que eu tenho, ela é muito boa. Eu tirei uma nota muito boa no semestre passado, mas porque a professora ajudou também [...]*

E02F30: [...] *os professores na maioria são muito gente boa, estão sempre prontos pra tirar dúvidas, pra explicar... Aconteceu um caso comigo no semestre passado, em matemática, o professor praticamente repetiu a aula pra mim dentro da sala dele, então os professores são muito prestativos.*

E03N14: *Sempre que preciso, recorro aos professores para uma segunda explicação, e geralmente entendo o que não tinha conseguido entender antes.*

E04L17: *Quando os professores têm tempo pra responder perguntas, fica mais fácil, porque tem matéria, tem coisa que é difícil entender só com a aula ou com leitura.*

E05D10: *Os professores conversam com a gente, mas sinto falta de mais interesse da parte deles, são muito frios, não sei é porque em Minas Gerais é diferente. Entendo melhor a matéria quando eles conversam mais.*

E06M11: *Os professores do meu curso são bons, mas tem um ou outro que eu acho que não são tão bons, parece que nem sabem quem é a gente, nem*

olham para os alunos... Isso é ruim às vezes, eu acabo não gostando da matéria deles e não aprendo direito.

E12G09: Sim, sim, pergunto muito. Os professores do meu curso são muito gente boa, ajudam pra caramba.

E15S16: Então, quando a gente faz perguntas eles, os professores, respondem de boa vontade, como eu te falei, mas acho que poderiam conversar mais, estender mais os assuntos... Eles só respondem e pronto, meus colegas também já comentaram isso.

E16S20: Não pergunto muito não viu... Uma ou outra vez que perguntei o professor foi tão seco que evito perguntar depois disso.

E16S22: [...] mas professor é professor! Se eles conversassem mais, dessem mais liberdade pra gente perguntar, sei lá, seria mais fácil, eu pelo menos ficaria mais a vontade.

E17I13: No início do curso não, eu perguntava muito e os professores eram muito receptivos, atenciosos... Isso me ajudou a me entrosar mais com o curso e entender melhor as matérias.

E18R19: Acho que para ser bom professor tem que gostar mesmo, gostar de ensinar e se interessar pelos alunos. Acho que isso é essencial.

E20B15: Eu pedi ajuda mesmo, não entendia quase nada da matéria. Aí um dia, o professor estava me explicando uma matéria e me sugeriu ler as apostilas e resumir, para identificar o que eu não estava entendendo e depois

trazer as dúvidas pra aula. Por que assim, eu não sabia direito nem como perguntar, entende?

As ações destes onze estudantes demonstram que, para aprender, fazem uso da estratégia Indireta de Compensação (OXFORD, 1990), como explanado anteriormente. Esta é uma estratégia que se caracteriza por pedidos de ajuda, que neste contexto pode ser explicada como solicitação de ajuda por meio de comunicação oral com o professor e interação com os professores e também com colegas que, no entender dos estudantes, saibam mais que eles sobre o conteúdo a ser aprendido. Este tipo de estratégia também propicia a interação que para Vygotsky (1993) é fundamental no processo de ensino-aprendizagem uma vez que o ser humano se constitui e se desenvolve socialmente por meio da interação. Conforme se constata nos trechos apresentados, os treze relatos, sendo três do mesmo estudante, destacam a necessidade que os estudantes sentem de conversar mais com seus professores, do que se depreende ser o professor, na visão dos estudantes, que ocupa o papel mais relevante na aprendizagem, como seria o esperado. Essas expectativas dos estudantes em relação ao papel do professor são explanadas na obra de Cunha (2009), que enfatiza o valor que os estudantes dão ao papel do docente e seu desejo de que os professores possuam capacidade intelectual e maturidade afetiva, conforme citado anteriormente.

Desta forma, podemos dizer que um dos fatores que interferem na aprendizagem é a relação professor/estudante, que ocorre no espaço da sala de aula, o que significa que é de competência do professor e do contexto universitário o incentivo aos estudantes para desenvolver responsabilidade e habilidades que possam beneficiar o processo de aprendizagem, conforme apontamentos de Cunha (2009). As falas dos estudantes a respeito da necessidade que sentem de receber mais auxílio por parte do professor também nos remete à ideia defendida por Freire (1981), de que o professor precisa não

apenas responder perguntas, mas também deve incentivar e estimular a participação dos estudantes em seu próprio processo de aprendizagem. Desta forma, entendo que estes contatos que os estudantes têm com os professores são de grande importância, o que é ressaltado por Faria (1989) ao afirmar que o foco do ensino deve ser o estudante ou as estratégias que ele usa no sentido de construir seu conhecimento.

Entendo que no decorrer das solicitações discentes e conseqüentemente nas respostas docentes se dão os processos de interação que remetem a concepção de aprendizagem sócio construtivista, aos conceitos vygotskianos, especificamente aos construtos de o processo de ensino-aprendizagem se dar em função da interação da pessoa com outras e de a linguagem ocupar papel preponderante no desenvolvimento afetivo-cognitivo (VYGOTSKY, 1996). Portanto, é evidente a extrema importância das relações estabelecidas entre professores e estudantes no sentido de aperfeiçoar o processo de ensino-aprendizagem.

b) Estudos em grupo:

Os estudos em grupo apareceram como um hábito comum a quatorze estudantes, embora não façam parte da rotina de todos os entrevistados, como apresentado a seguir:

E01Z21: *Então, eu estudo primeiro sozinha, mas depois a gente reúne pra discutir a matéria. Monitorias eu frequento só na época das provas mesmo.*

E02F18: *Na maioria das vezes estudo sozinho, mas dentro do possível, eu até tento estudar com alguém, mas...*

E03N08: *Costumo estudar com meus colegas, a gente se reúne na época de provas e antes também, na sala de aula mesmo, pra fazer trabalhos e repassar os textos mais difíceis. Também gosto de frequentar as monitorias, acho que estudar em grupo facilita muito, a gente aprende mais.*

E04L11: *[...] às vezes, quando aperta muito, indo pra faculdade de vez em quando e ficando na biblioteca, estudando com colegas às vezes.*

E05D15: *Geralmente eu estudo com os meus colegas, um ajudando o outro.*

E05D16: *Bom, meu curso é difícil... então estudo um pouco sozinha, mas também procuro estudar com os colegas que sabem mais.*

E07A15: *Em casa estudo sozinha, mas quando fico na universidade, nos intervalos eu estudo com colegas na biblioteca.*

E09K12: *Eu procuro prestar bastante atenção nas aulas e quando tenho alguma dúvida vou atrás de pessoas que possam me auxiliar; pergunto os professores, vou a monitorias, e quando é época de provas, sento com uma pessoa que realmente sabe a matéria pra me ajudar em alguns exercícios.*

E10P13: *Olha, eu gostava de estudar sozinha antigamente, no ensino médio, mas eu percebi agora na universidade que estudar em grupo é mais proveitoso pra gente, e ultimamente tô estudando bastante em grupo.*

E11E10: *Então, tem um pessoal da minha turma que estuda junto, aí de vez em quando eu vou lá e estudo um pouquinho com eles.*

E11E11: *Com eles é mais fácil, porque quem sabe mais ensina para os outros, mas não tenho muita paciência de ficar indo pra biblioteca estudar, a gente perde muito tempo.*

E13H15: *Agora eu tô estudando com meus colegas, procuro aqueles que sabem bem a matéria e peço mesmo pra estudar junto, porque o curso já é difícil, se eu não me esforçar então...*

E14Y10: *Ah, sim, eu tenho um colega que já esteve no seminário, sabe, ele é muito bom! Sempre que dá, eu converso com ele, a gente troca ideias sobre os textos antes das provas.*

E15S12: *Tentei estudar sozinha, fazia muitos exercícios, ficava até sem dormir, sem sair pra estudar, mas não adiantava nada. Então comecei a estudar com meus colegas, foi ficando mais fácil.*

E15S13: *Eu acabei me acostumando a estudar com outra pessoa, vi que a gente aprende mais assim.*

E16S18: *Bom, com os colegas é melhor, parece que rende mais. Tem sempre aqueles que entenderam melhor alguma matéria, ou que tem mais facilidade pra explicar.*

E17I15: *Os dois. Estudo muito sozinha, aproveito bem o meu tempo pra ver como é que eu estou em que tenho mais dificuldade, depois estudo com um pessoal da minha turma que já é acostumada a estudar junto desde o segundo, terceiro período.*

E7I18: *Olhe, eu realmente me considero uma boa aluna, mas tive muita ajuda também. Tive ajuda de professores e dei sorte, tenho um grupo de amigos que estuda junto que está sempre pronto pra ajudar um ao outro.*

E18R14: *Para as outras matérias, que eu me saio bem, eu estudo com duas colegas minhas, a gente também faz trabalho junto, em grupo, quando é um trabalho de grupo maior entra mais gente, mas nós três sempre fazemos juntas.*

E20B17: *Às vezes eu estudo sozinha, mas estudo bastante com meus colegas também temos um grupo que se reúne pra estudar.*

E20B18: *Sim, muito, estudar em grupo facilita muito, porque cada um coloca suas dúvidas e vamos vendo o que cada um sabe e discutindo. É muito bom.*

As ações utilizadas por estes quatorze estudantes podem ser consideradas uma estratégia Indireta de Socialização apresentada por Oxford (1990). Há uma relação direta igualmente com a concepção de aprendizagem conforme descrita por Vygotsky (1996), uma vez que, ao estudar em grupo a pessoa está aprendendo uma com as outras, o que ressalta ser a aprendizagem o resultado de uma interação social. Portanto, nesta perspectiva, os estudos em grupo são de grande utilidade para o desenvolvimento de conhecimentos, visto que este não advém apenas do processo de ensino-aprendizagem do ponto de vista pedagógico, o que ocorre em sala de aula, mas essencialmente das relações e interações dos estudantes com o ambiente acadêmico em que se encontram inseridos. Também do ponto de vista da concepção cognitivista a interação tem importante papel, ressaltado por Faria (1989), que explica que para a teoria

cognitivista o conhecimento resulta de uma interação entre o homem e o mundo, entre sujeito e objeto, ou seja, homem e mundo devem ser analisados em conjunto.

Nesta perspectiva, entendo que os estudos em grupo possibilitam que os estudantes estimulem e incentivem uns aos outros, reforçando comportamentos mútuos, o que beneficia o processo de aprendizagem. Outro benefício dos estudos em grupo é a possibilidade que os estudantes têm de desenvolver a autonomia, sendo que a interação social pode ser vista como uma ferramenta para aumentar o conhecimento do estudante e isso pode ser adquirido no decorrer destas interações, momento em que o estudante, juntamente com seus pares, constrói conhecimento e autonomia de forma colaborativa (PAIVA, 2005). Neste sentido, a autonomia do estudante é alcançada por meio das interações sociais e envolve pessoas com conhecimentos e experiências diversas, algo que ocorre nos estudos em grupo. Entendo, a partir desta elaboração e das concepções de aprendizagem apresentadas neste estudo, que as falas dos estudantes ressaltam a importância da interação, da troca entre pares e enfatiza os construtos vygotskianos que atribuem à relação com o outro uma influência direta no desenvolvimento do sujeito.

c) Anotações e resumos:

O hábito de fazer anotações e resumos foi uma das ações que se destacaram nas falas de onze estudantes, o que fica evidente nos seguintes trechos:

E01Z16: *Eu estudo pelos resumos que eu faço das apostilas e do que os professores falam.*

E02F17: *Pra estudar, assim, quando é uma disciplina mais teórica, eu prefiro ler, fazer um resumo e tal.*

E03N10: *[...] anoto quase tudo que meus professores falam e até a fala dos colegas quando sei que estão certos. Depois leio tudo e faço novas anotações das partes mais importantes e faço resumos dos textos.*

E04L03: *Faço muita anotação e resumo dos textos, além de exercício pra caramba!*

E05D14: *Ah, resumo tudo que eu leio, tudo que eu ouço e tudo que eu anoto na aula! Tudo mesmo!*

E06M17: *Assim, pra estudar, gosto de anotar o que o professor fala na aula e de resumir as apostilas também.*

E08R15: *[...] eu gosto muito de escrever, então anoto bastante as explicações dos professores.*

E12G07: *Bom, eu presto bastante atenção na aula, faço uns resumos e estudo em casa de vez em quando, mas aprendo mais é na aula mesmo.*

E16S10: *É o jeito, vou lendo e escrevendo o que eu acho que é mais importante, ou que é mais difícil de guardar, o resumo ajuda sim, mas é difícil de fazer.*

E16S11: *Essas matérias que exigem leitura, só isso mesmo, vou lendo, não gosto, mas leio, e vou resumindo, depois leio os resumos, assim, meio que estudo por eles para as provas.*

E16S15: [...] *só quando aperta mesmo, tipo, a prova já é amanhã, então em que ler os textos e tentar fazer os resumos pra ajudar.*

E17I14: *Com leituras, resumo, anotações, coisas assim. Gosto de ler e de escrever também, por isso sempre anoto as coisas durante a aula, durante a explicação do professor e depois leio com calma, vou repassando e vendo o que não entendi muito bem e a que devo dar mais atenção, focar mais.*

E18R15: *Eu primeiro leio todos os textos e vou marcando as partes mais importantes. Depois eu faço um resumo e mostro para as minhas colegas, elas fazem assim também, e uma lê o resumo da outra.*

Os relatos apontam que fazer leituras, anotações durante as aulas e resumos dos textos são algumas das ações utilizadas pelos estudantes para aprender. As ações utilizadas por estes onze estudantes são estratégias classificadas como Estratégias Diretas de Cognição (OXFORD, 1990) e tem como função principal a manipulação e organização da aprendizagem, sendo também as mais usadas e uma maneira que os estudantes encontram de criar uma estrutura para facilitar sua aprendizagem (DUARTE, 2001).

As principais estratégias de aprendizagem, conforme Romero (2011), são as de caráter cognitivo e se caracterizam pelos recursos mentais afetivo-cognitivos que ajudam na memorização e compreensão das informações. Os estudantes fazem uso de estratégias de aprendizagem com o objetivo de atingir determinado conhecimento, seja de forma consciente ou inconsciente. Portanto,

todas as ações que os estudantes executam com o objetivo de melhorar a aprendizagem são consideradas estratégias de aprendizagem (DUARTE, 2001). Porém, cada estudante desenvolve suas próprias estratégias conforme seu estilo e contexto acadêmico em que se encontra inserido. O ato de fazer anotações e resumos com o objetivo de facilitar a aprendizagem se configura como uma importante estratégia cognitiva utilizada pelos estudantes para auxiliar o processo de aprendizagem. Enquanto ouvem as explicações dadas pelo professor durante a aula, os estudantes selecionam os trechos que lhes parecem mais importantes e fazem as anotações.

Da mesma forma, ao resumir os textos, os estudantes relatam que vão marcando, os trechos mais importantes, o que demonstra que selecionam o que consideram ser mais importante dentro dos conteúdos a serem aprendidos. As ações de marcar os textos, fazer resumos e posteriormente trocar estes resumos com os colegas nos remete aos apontamentos de Romero (2011), que explica que ainda que as estratégias sejam uma contribuição significativa da concepção de aprendizagem cognitivista, o desenvolvimento dessas estratégias, assim como a aprendizagem em geral, são resultado de interação social. Neste sentido, os relatos dos estudantes mostram que o uso de estratégias como a iniciativa de anotar, resumir os textos e ainda comparar e trocar com outros estudantes é uma forma de se envolverem ativamente em seu processo de aprendizagem, o que envolve autonomia, que em consonância com as ideias de Freire (1996), está relacionada à capacidade que o estudante tem de construir e reconstruir o conhecimento.

Nesta perspectiva, estas ações nos remetem a ideia da necessidade dos estudantes se responsabilizarem por seu desenvolvimento acadêmico, conforme postula Gonçalves, Plácido e Junqueira (2009). Estes professores também enfatizam a importância da prática docente no sentido de criar possibilidades para a construção do conhecimento estimulando os estudantes a participarem

ativamente do processo de aprendizagem. Estas estratégias utilizadas pelos estudantes também remetem à concepção sócio construtivista, visto que após as anotações e resumos os estudantes se reúnem para discussões e afirmam que aprendem melhor desta forma.

d) Atividades práticas, além da teoria

A prática de exercícios como forma de aprender mostrou-se muito presente nos relatos de doze estudantes, o que fica evidente nos recortes a seguir:

E02F17: [...] *Quando são disciplinas mais práticas, que tiver cálculo eu já prefiro pegar exercícios e ir resolvendo.*

E03N10: [...] *Agora, nas matérias de cálculo, refaço tudo que fiz nas aulas, depois vou elaborando exercícios e resolvendo até sentir que aprendi. Não dá pra ficar só nas aulas não.*

E04L11: [...] *Como tenho muito cálculo, tenho que fazer muito, mas muito exercício mesmo, por que pra aprender cálculo, só explicação não dá.*

E05D30: *Eu aprendo mais com a prática do que com a teoria, tenho que fazer bastante exercícios mesmo, só a teoria, a explicação não basta.*

E05D31: *Meu curso tem muitas matérias que envolvem cálculo, se a gente não pega pra resolver os cálculos pra valer mesmo, não aprende.*

E06M18: *Ah, eu aprendo mesmo é fazendo exercícios, procurando nos livros e prestando atenção na aula.*

E06M26: *Ah, em casa eu estudo mesmo é fazendo exercício e mais exercícios. Não tem outro jeito de aprender cálculo.*

E08R20: *Eu, em casa, monto vários exercícios e vou fazendo, acho que quanto mais exercícios eu fizer, mais aprendo.*

E10P12: *Eu faço exercícios, eu leio livros que os professores passam, vejo vídeos na internet, tem vídeos na internet que são bem explicativos, daí eu assisto.*

E11E08: *Dou uma lida nas matérias, às vezes faço um pouco de exercícios também, exercícios eu até que faço bastante.*

E12G10: *Não, às vezes eu estudo lendo, outras fazendo exercícios... Acabo fazendo mais exercícios, porque eu acho que cálculo só dá pra aprender fazendo exercícios mesmo, só na prática.*

E14Y08: *Hábitos não, mas eu estudo bastante. Pra matemática mesmo, eu resolvo muito exercício, todo dia eu tento fazer exercícios, só assim pra aprender.*

E16S08: *Exatas é tranquilo, procuro elaborar e resolver exercícios sobre a matéria, faço muito isso [...].*

E16S13: *Faço muito exercício, acho que é a melhor maneira de aprender cálculo, fazendo exercício mesmo.*

E18R12: *É mais fácil de entender lá, porque a monitora, ela é legal, explica com mais calma, e vai pouca gente também. A gente resolve os exercícios junto, vou lá mais pra resolver os exercícios e consigo.*

As ações utilizadas pelos estudantes, como a prática de exercícios é uma Estratégia Direta de Cognição. Fazer exercícios caracteriza uma importante estratégia cognitiva pelo caráter prático da aprendizagem (OXFORD, 1990). Estes doze estudantes afirmaram que fazem muitos exercícios e que esta prática os ajuda no processo de aprendizagem. A repetição desta ação demonstra que os estudantes se beneficiam desta estratégia, vendo-a como uma complementação da teoria oferecida em sala de aula. Neste sentido, esta estratégia remete à concepção de aprendizagem behaviorista, para a qual, ainda que o aprendiz tenha um papel passivo e o professor seja visto como um transmissor do conhecimento, os estudantes tendem a repetir comportamentos que tiveram consequências positivas e evitar os que tiveram consequências negativas (DAVIS; OLIVEIRA, 1994). Esta ideia fica evidente nas falas dos onze estudantes, que afirmaram que para aprender cálculo fazem muitos exercícios e mais especificamente nas falas de seis destes estudantes, que relataram fazer os exercícios muitas vezes, ou seja, depois de repetir esta prática por várias vezes, entende que aprendem melhor desta forma e esta aprendizagem atua como reforço para este comportamento.

Dessa forma, os estudantes continuam a utilizar esta prática, pois seu comportamento é reforçado, visto que a teoria behaviorista defende que o comportamento pode ser moldado e depende dos estímulos recebidos pelo sujeito no ambiente em que se encontra inserido (MIZUKAMI, 1986). Neste sentido, entendo que a aprendizagem dos conteúdos, ou a resolução de problemas por meio da ação de fazer e de repetir exercícios funciona como

estímulo e reforço deste comportamento, visto que para esta teoria de aprendizagem o comportamento é diretamente influenciado pelo meio ambiente.

Estas estratégias também nos remetem à concepção cognitivista, que vê o estudante como ativo e enfatiza os aspectos mentais no processo de aprendizagem. Por se fundamentar na proposta de interação entre organismo e meio e conceber a aprendizagem como um processo de construção (DAVIS; OLIVEIRA, 1994), enfatiza que o conhecimento vai sendo adquirido ao longo da vida, que é o que os estudantes fazem ao complementar a aprendizagem teórica com a prática de exercícios em casa.

Por outro lado, tais ações nos remetem também à concepção sócio construtivista, visto que quatro destes onze estudantes relatam que preferem fazer os exercícios juntamente com os monitores por acreditar que assim aprendem melhor. Neste sentido, novamente se evidencia o papel da interação social para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, visto que se dá entre estudantes e monitores uma interação que facilita a aprendizagem destes conteúdos.

e) Aprendizagem por meio de conversas com professores e exemplos.

Durante o processo de entrevistas doze estudantes se manifestaram de forma positiva sobre professores que conversam com os estudantes e fazem uso de exemplos para ensinar. Ficou claro que estes estudantes acreditam que aprendem melhor com estes recursos, como explicitado nos trechos a seguir:

E02F30: Os professores na maioria são muito gente boa, estão sempre prontos pra tirar dúvidas, pra explicar... E assim a gente aprende bem mais, se o professor conversa, dá exemplos e tal.

E03N14: *Ah, eu me esforço mais, além de estudar mais vezes na semana eu converso mais com os professores, peço exemplos, o que ajuda muito.*

E04L2: [...] *Acho que quando tiver dúvida tem que conversar com o professor, pedir para explicar melhor com alguma coisa teórica, pedir para ele aplicar aquilo em um exemplo pratico ou do tipo, porque vendo é muito mais fácil de aprender do que só ouvir.*

E05D12: *Fui bem atendida, pedi pra ele explicar novamente e me dar exemplos também, e ele deu, foi legal, entendi melhor.*

E06M28: *Quando precisei conversar com o professor, assim, ele atendeu bem, me ouviu, explicou com calma, mesmo falando pra gente perguntar, caso tivesse ainda alguma dúvida.*

E08R14: *Então, aqueles professores que conversam mais com a gente, que dá mais atenção, que usa exemplos pra explicar as matérias mais difíceis, assim, que ele sabe que a gente tem mais dificuldade, isso ajuda muito. A gente sempre aprende melhor com exemplos, fica mais fácil mesmo.*

E09K13: *Bom, às vezes a gente precisa conversar com os professores pra entender melhor a matéria, mas eles têm um horário muito curto pra atender os alunos, acho que por eles terem várias responsabilidades dentro da universidade... Mas nos horários que eles estão disponíveis, ajudam sim.*

E11E16: *Normal, eles respondem e tal, mas entendo melhor quando usam exemplos da matéria.*

E13H10: *Quando eu entrei no curso eu não conseguia entender quase nada do que os professores falavam, achava tudo muito difícil. Só conseguia entender algumas coisas quando eles davam exemplos.*

E15S15: *Sim, eu pergunto e eles sempre respondem de boa vontade, mas tem matéria que é mais difícil mesmo, a gente tem que se dedicar mais, não tem outro jeito. Tem professor que mostra como é na prática, assim, com exemplos, aí fica mais fácil.*

E16S21: *Vejo depois com o pessoal da sala, quem entendeu melhor, peço exemplos, prefiro assim.*

E17I13: *No início do curso não, eu perguntava muito e os professores eram muito receptivos, atenciosos, davam exemplos... isso me ajudou a me entrosar mais com o curso e entender melhor as matérias.*

E18R11: *Eu tô frequentando a monitoria pra ver se consigo passar. A monitora tem um jeito de explicar, com exemplos que acho muito bom.*

Entre os vinte estudantes entrevistados, doze evidenciaram, em seu relato, a importância do diálogo e de exemplos por parte dos professores no ensino dos conteúdos. Estas ações são caracterizadas como Estratégias Indiretas de Socialização (OXFORD, 1990), sendo que o ato de fazer perguntas e pedir aos professores que esclareçam as dúvidas por meio de exemplos envolve a interação entre docentes e discentes. O uso destas estratégias pelos estudantes nos remete, novamente, aos construtos vygotskianos. Numa perspectiva sócio histórica as estratégias de socialização se apresentam como essenciais para o desenvolvimento acadêmico, visto que envolve processos de interação,

permitindo que os estudantes aprendam a partir de suas relações interpessoais. Os relatos evidenciam que, para estes estudantes, a explicação teórica fornecida pelo professor em sala de aula não é suficiente para que aprendam os conteúdos, e que precisam de exemplos para melhor compreender o que está sendo ensinado, que a cada exemplo eles vão aprendendo mais. Estas declarações remetem à teoria de aprendizagem cognitivista, que postula que a capacidade de aprendizagem depende do nível de desenvolvimento cognitivo e que o conhecimento é um processo de construção. Porém, ao relatar a necessidade que sentem de exemplos durante as aulas, relatam também, e com maior ênfase, a necessidade de mais conversas com os professores.

Neste sentido, entendo que ao conversar com os estudantes, o que permite conhecer melhor suas necessidades e fornecer as explicações da forma como pedem, por meio de exemplos, os professores estão estimulando a aquisição do conhecimento, partindo daquilo que o estudante já sabe, para assim intervir, em forma de negociação (VYGOTSKY, 1991). Nesta perspectiva, assim como nos recortes e análise apresentados no item B, estas ações são diretamente relacionadas com a concepção sócio construtivista, defendida por Vygotsky, visto que as funções mentais superiores, tais como a linguagem, atenção, memória e percepção são relações sociais internalizadas, sendo que a internalização é significação da relação com o outro.

Quais as possíveis ações pedagógicas para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem?

Para responder a segunda pergunta de pesquisa, não me baseei em dados, visto que um dos três pilares que orienta a pesquisa é a reflexão crítica que tem a característica de descrever o contexto e informar a respeito da situação em questão, o que é feito na primeira pergunta juntamente com a análise teórica.

A segunda pergunta se caracteriza pela reconstrução, que é o terceiro pilar, o que procuro fazer ao sugerir possíveis atitudes por parte da Instituição e também por parte dos docentes com o objetivo de se buscar soluções para o problema apresentado.

Portanto, para responder a segunda pergunta foram analisados os relatos dos vinte estudantes entrevistados que apontam para o fato de que enfrentam dificuldades de aprendizagem em determinadas disciplinas, mas que não sabem exatamente como solucioná-las. Neste sentido, destaco as Estratégias Indiretas Metacognitivas que não foram utilizadas pelos estudantes e que considero ser de grande utilidade para a melhoria do processo de aprendizagem. Estas estratégias se caracterizam pela exigência de uma conscientização sobre o processo individual de aprendizagem e reflexão sobre a forma de melhorar este processo, conforme os apontamentos de Romero (2011).

Ainda que as estratégias sejam uma grande contribuição da perspectiva cognitivista de aprendizagem, em consonância à visão sociocultural, o desenvolvimento destas estratégias, como a aprendizagem em geral, é produto de interação social (ROMERO, 2011). De fato, os estudantes entrevistados se manifestaram de forma positiva em relação às interações sociais no sentido de contribuição para a aprendizagem.

As estratégias meta cognitivas são aquelas que proporcionam aos estudantes o controle de sua própria cognição, ou seja, são aquelas que permitem que o estudante coordene o seu próprio processo de aprendizagem por intermédio de funções como: concentrar, organizar, planejar e avaliar tal processo (OXFORD, 1990). O uso destas estratégias pode trazer grande benefício para os estudantes, visto que se relaciona com o auto controle ou auto regulação, o que é de extrema relevância para o desenvolvimento da aprendizagem, conforme postula Vygotsky (1991).

No decorrer das entrevistas, dos quatorze estudantes que declararam que estudam em grupo, cinco disseram que estudam desta forma apenas na época das provas. Dos onze estudantes que fazem anotações e resumos, quatro afirmaram que utilizam esta estratégia apenas na época das provas também. Ainda que entendam não ser suficiente, não costumam praticar estas ações no decorrer do período letivo. Foi possível constatar que estes nove estudantes não se preocupam com atitudes que facilitariam sua aprendizagem, como por exemplo, as estratégias pertencentes ao grupo de EA Meta Cognitivas, a saber: não estudam no decorrer do período, não mantêm hábitos regulares de estudos, não preparam o ambiente adequado para estudar, não sabem gerenciar seu tempo de maneira a ter um horário reservado para estudos, não conhecem os recursos disponíveis na universidade que frequentam, não interagem de forma adequada com seus colegas e professores e não obtêm as informações necessárias a respeito do curso que fazem. Entendo que, se além dos métodos de estudos que já utilizam, tivessem conhecimento e colocassem em prática estas EA, seriam muito beneficiados em seu processo de aprendizagem. Sendo assim, entendo que os estudantes precisam ser orientados no sentido de um direcionamento adequado para sua vida acadêmica.

Os relatos dos estudantes que se manifestaram a respeito de suas expectativas em relação ao comportamento dos professores remetem aos apontamentos de Cunha (2009), que ressalta que entre estudantes e professores existem expectativas diversas relacionadas ao desempenho de ambos, mas que a maneira de ser e agir do professor demonstra seu grau de compromisso com a docência, o que aponta para o fato da não neutralidade da ação pedagógica. Os estudantes esperam que seus professores sejam competentes e também receptivos em relação às suas necessidades. Os relatos de todos os entrevistados demonstram que nem sempre as primeiras explicações são suficientes para que os estudantes aprendam, sendo preciso, muitas vezes, novas explanações sobre o

conteúdo apresentado. Os estudantes esperam que o professor seja capaz de falar com habilidade e permita ao estudante intervir quando necessário, respondendo com disposição e firmeza, conforme apontamentos de Cunha (2009). Muitas vezes os estudantes ingressam na universidade com conhecimentos acadêmicos muito limitados, segundo declarações de onze dos vinte entrevistados. Entre os vinte estudantes entrevistados, oito se referem ao ensino médio como muito fraco e ineficaz no sentido de prepará-los para a entrada na universidade. Entendem que este fato é algo muito prejudicial à aprendizagem, pois alguns conteúdos dependem de um conhecimento prévio para serem bem assimilados.

Nas explicações dos estudantes sobre o curso que escolheram, pude constatar que quatro deles não tem conhecimento acerca do curso que fazem, não tem verdadeiro interesse pela área escolhida e possuem diferentes expectativas quanto ao futuro profissional. Apenas cinco entrevistados se informaram antes de decidir sobre o curso que fariam, dois se matricularam em um curso que não queriam cursar, um com o propósito de se submeter ao processo de transferência interna oferecido pela Universidade e só então ingressar no curso de sua escolha, e outro por acreditar que o curso é parecido com o que ele gostaria de fazer. Estes estudantes comentam que não tinham nenhuma base para participar do processo seletivo e que com a ajuda do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e o Sistema de Seleção Unificada - SISU, tiveram mais possibilidades de ingresso na universidade, o que era bem mais difícil nos processos seletivos anteriores, os vestibulares.

Com esta forma de ingresso os estudantes podem optar por se inscrever em cursos menos concorridos, que exigem notas menores na prova do ENEM e posteriormente tentar se transferir para o curso que gostariam de fazer. Este fato provoca comportamentos diversos por parte dos estudantes, sendo que os dois entrevistados que aguardam o processo de transferência interna para trocar de curso se esforçam ao máximo para aprender mas se sentem desmotivados por

estar em um curso que não gostam e não conseguem desenvolver o processo de aprendizagem. Quatro estudantes entrevistados se manifestaram preocupados em relação a mais uma forma de ingresso nas universidades, a reserva de vagas das universidades públicas e escolas técnicas federais para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas (KRAKOVICS, 2012).

Em seus relatos, os estudantes que afirmaram ter dificuldades de aprendizagem por não terem feito um ensino médio de qualidade, que fosse bom o bastante para prepará-los para a universidade, mencionaram que esta lei permitirá que isto continue acontecendo, dizendo que desta forma mais estudantes sem base ingressarão nas universidades. A esse respeito, é relevante ressaltar a declaração do Ministro da Educação ao defender a manutenção da excelência do ensino, afirmando que será necessário que se ofereça cursos de nivelamento e tutoria e que serão necessárias medidas que permitam o bom desempenho dos estudantes cotistas ao ingressarem nas universidades, por não querer apenas a inclusão social, mas também por querer manter a excelência do ensino (KRAKOVICS, 2012).

Estas constatações nos remetem ao trabalho desenvolvido pelos professores da PUC-Campinas (GONÇALVES; JUNQUEIRA; PLÁCIDO, 2009), ao desenvolver o Projeto Acompanhamento Acadêmico do Aluno, visando “contribuir para a inserção do aluno no mundo acadêmico, criando condições para que este desenvolva uma relação afetiva com o curso e a Universidade, reconhecendo seu papel no processo de formação” (GONÇALVES; JUNQUEIRA; PLÁCIDO, 2009, p. 30). O acolhimento e o acompanhamento ao estudante ingressante na universidade que o Projeto propõe permitem a criação de vínculos positivos e ainda de uma relação de cumplicidade e afeto entre discentes e docentes, como também estimula um maior envolvimento com o curso que escolheram. Os educadores da PUC -

Campinas se preocuparam em conhecer os universitários e se informar sobre seus hábitos e técnicas de estudos, o que contribuiu para o sucesso do projeto. O estudante é sobremodo beneficiado com as ações pedagógicas que advenham de uma reflexão crítica acerca de sua prática e vise integração do universitário junto ao curso escolhido, à instituição, a interação com seus pares e a eficiência do processo de ensino-aprendizagem. Em consonância com esta visão, Cunha (2009) ressalta o fato de que o professor precisa acreditar nas potencialidades dos estudantes e que quando age desta forma demonstra estar preocupado com sua aprendizagem e com o seu nível de satisfação com a mesma, e conseqüentemente passa a exercer as práticas de sala de aula de acordo com esta posição.

Dando continuidade a tais reflexões, Cunha (2009) destaca que o ato de aprender, por não se caracterizar pela passividade, exige dedicação e é necessário que o professor seja mediador e facilitador do processo de aprendizagem, incentivando os estudantes a pensar criticamente, no sentido de ser capazes de elaborar sínteses provisórias, o que possibilita a obtenção de autonomia intelectual.

Os educadores da PUC –Campinas elucidam a relevância do envolvimento das instituições nas ações que visam à melhoria da pedagogia universitária ao declarar que o Projeto desenvolvido por eles, entre outras atividades, é ofertado pela instituição para que os estudantes possam inteirar-se e possam ter acesso às oportunidades que o universo acadêmico proporciona. O projeto utiliza de estratégias para experienciar formas diferentes de ensinar e aprender e sugere que se reflita sobre conceitos de currículos e formação, permitindo uma nova visão a respeito da educação e da trajetória acadêmica do universitário. Neste sentido, a primeira fase do Projeto permite que o estudante conheça, desde o início da graduação, o Projeto Pedagógico do curso, o perfil do profissional, as habilidades e competências a serem desenvolvidas e

aprimoradas, seu papel no processo de formação e a Universidade (GONÇALVES; JUNQUEIRA; PLÁCIDO, 2009). Os educadores apontam que quando aprofundamos a reflexão sobre, como e porque fazemos algo, além de como fazer melhor, podemos retificar rumos para a otimização da prática pedagógica na universidade. Por isso, entendo que as ações desenvolvidas na PUC-Campinas e na Universidade do Oeste da Flórida, conforme mencionadas no capítulo 01 desta pesquisa são adequadas para serem usadas por esta universidade foco e também por outras com as mesmas características. Dentre as ações destas universidades gostaria de destacar especificamente os resultados alcançados no sentido de aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem de seus estudantes.

Destaco também que, é possível constatar, a partir dos dados coletados, expostos aqui em forma de recortes que visam responder às perguntas de pesquisas e com base na fundamentação teórica que sustenta o desenvolvimento deste trabalho, que é necessário ações significativas por parte da instituição para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem.

Os relatos dos estudantes deixam claro a importância do papel do professor em sala de aula, expondo de forma nítida que o docente tem o poder de influenciá-los tanto de forma positiva, incentivando, motivando e construindo junto a eles o conhecimento, como de forma negativa, afastando-os de seu objeto de estudo com atitudes de desinteresse, apatia e negação de auxílio diante das dificuldades que possam surgir. Neste sentido, Cunha (2009) ressalta que o papel da docência é muito valorizado pelos estudantes, que representam a sociedade mais ampla, sendo que para os estudantes as relações também precisam ser compreendidas pelo lado afetivo, ou seja, o professor desejado por eles é aquele que possui capacidade intelectual e maturidade afetiva.

Portanto, conforme os apontamentos desta pesquisadora, deve-se investir na otimização do processo de formação docente para que se possa

melhorar a pedagogia universitária e conseqüentemente, o processo de ensino-aprendizagem. Considerando os trabalhos dos autores citados, em especial de Cunha (2006, 2007, 2009) e Gonçalves, Junqueira e Plácido (2009), é de extrema relevância a forma como o professor se relaciona com os estudantes, no sentido de interação e respeito aos seus saberes, além da preocupação com seu processo de ensino-aprendizagem. Igualmente relevante são as reflexões acerca das ações pedagógicas e o envolvimento dos professores, estudantes e instituições no que se refere à melhoria da pedagogia universitária.

Os resultados deste estudo indicam que os estudantes fazem uso de EA, mas que nem sempre as utilizam de maneira adequada. Não possui a autonomia necessária para um bom desenvolvimento acadêmico, algo em que podem ser auxiliados por seus professores. A autonomia e a responsabilidade pelo processo de aprendizagem não é algo que o professor possa fazer para o estudante, mas pode, certamente, auxiliá-lo, visto que a compreensão da forma como os estudantes aprendem e como suas capacidades cognitivas podem ser utilizadas de maneiras diversas pode alterar significativamente o processo de aprendizagem, conforme postula Silva (2004).

Neste sentido, considero ser relevante que o foco do professor não esteja apenas no conteúdo, mas também na forma como os estudantes respondem à sua proposta pedagógica e percebem a aprendizagem. Nesta perspectiva, entendo que os professores devem auxiliar os estudantes a utilizarem estratégias de aprendizagem pertinentes à aprendizagem proposta e de maneira adequada e ainda a se tornarem responsáveis por sua aprendizagem.

5.2 Resumindo as respostas às perguntas de pesquisa

De forma sucinta respondo as duas perguntas de pesquisa, sendo que para responder à primeira categorizei e analisei recortes das entrevistas e

busquei suporte na fundamentação teórica que norteia este estudo, dando ênfase às estratégias de aprendizagem utilizadas pelos estudantes para aprender. Para responder a segunda pergunta de pesquisa não utilizei categorias específicas e nem recortes das entrevistas. A análise foi feita a partir dos recortes apresentados para responder a primeira pergunta e do contexto dos relatos dos estudantes, conforme entrevistas em anexo número 04, considerando as estratégias não utilizadas pelos estudantes e que poderiam beneficiar o processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, analisei as falas dos estudantes entrevistados enfatizando as estratégias de aprendizagem que não foram utilizadas por eles e da mesma forma que na resposta da primeira pergunta, busquei suporte na fundamentação teórica escolhida para embasar esta pesquisa. Durante o processo de escolha, dos recortes das entrevistas que pudessem responder as perguntas de pesquisa, pude perceber que o papel do professor no sentido de prestar auxílio aos estudantes tem grande significado para os universitários, conforme apontamentos de Cunha (2009).

Os relatos dos vinte estudantes entrevistados descrevem suas ações para aprender (atitudes práticas), formas de interação em sala de aula e as dificuldades que encontram. As ações utilizadas pelos estudantes para aprender são chamadas de Estratégias de Aprendizagem, conforme classificação feita por Oxford (1990). As estratégias utilizadas foram as EA Diretas de Compensação (11 estudantes), as EA Diretas Cognição (14 estudantes) e as EA Indiretas de Socialização (16 estudantes), apresentadas no quadro abaixo:

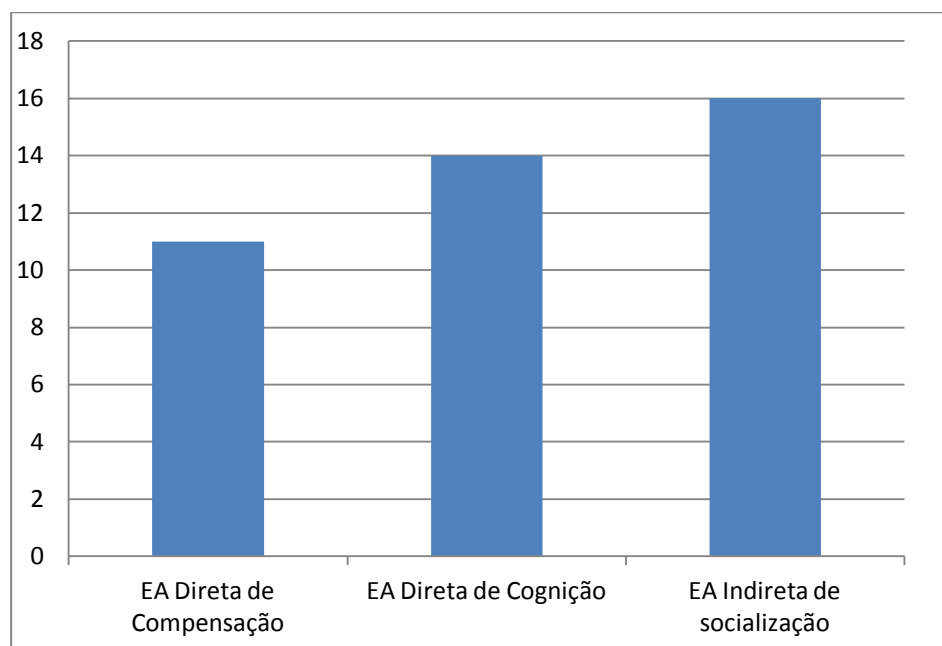


Figura 2 Estratégias de Aprendizagem utilizadas pelos estudantes entrevistados

Os relatos dos estudantes tem em comum os estudos em grupo e contatos com professores, evidenciando a importância da interação e as dificuldades que podem surgir devido a sua ausência. Também evidenciam que a prática de anotações e resumos e a repetição de exercícios contribuem de forma significativa para seu processo de construção do conhecimento. Estratégias de aprendizagem são ações desencadeadas pelos estudantes para atingir determinadas metas e na maioria das vezes eles as utilizam sem intencionalidade e conscientização, comprometendo os benefícios que poderiam ser alcançados em seu desenvolvimento acadêmico, de acordo com estudos de Bartalo e Guimarães (2008).

Conforme os apontamentos de Cunha (2007) e Mizukami (1986), para a teoria behaviorista, o conhecimento é resultado direto da experiência e, portanto,

o comportamento é diretamente influenciado pelo meio ambiente, podendo ser modelado ou reforçado. Assim, de acordo com esta concepção, no processo de aprendizagem o estudante tem na figura docente um administrador do processo de construção do conhecimento, aprendendo a partir das repetições de modelos, respondendo aos estímulos do ambiente, visto que aprende ouvindo e escrevendo conforme as solicitações do professor. Portanto, a atenção e auxílio por parte dos professores funcionam como reforço para a aprendizagem. A autora ressalta que o professor tem o papel de criar condições para a aprendizagem dos discentes incentivando e estimulando uma participação ativa em sala de aula. Nesta categoria, onze estudantes relataram fazer uso desta EA, classificada como estratégia de compensação a qual se caracteriza por pedidos de auxílio visando à compreensão de um conteúdo específico, conforme apontamentos de Oxford (1990).

Durante o processo de entrevistas pude constatar que os vinte estudantes têm consciência da necessidade de se envolverem ativamente em sua formação acadêmica, o que remete à importância da autonomia e responsabilidade dos estudantes no que se refere a seu processo de aprendizagem (GONÇALVES; JUNQUEIRA; PLÁCIDO, 2009). A busca por oportunidades de estudar com colegas, os pedidos de novas explicações e as buscas por novas fontes de informações demonstram que os estudantes conscientes de sua responsabilidade na vida acadêmica desenvolvem atitudes de autonomia em seu processo de construção de conhecimento. A autonomia, nesta perspectiva, está relacionada à capacidade que o aprendiz tem de construir e reconstruir o conhecimento que lhe foi apresentado (FREIRE, 1996). Ao utilizar as EA Indiretas de Socialização os dezesseis estudantes demonstram a autonomia defendida por Vygotsky, como algo a que se chega por meio da interação social. Neste sentido, o desempenho do estudante deve ser mediado, sendo que, no futuro ele terá condições de executar a tarefa por conta própria (VYGOTSKY, 1991). Esta EA foi a mais

utilizada pelos estudantes entrevistados, evidenciando os construtos vygotskianos que postula que o ser humano se desenvolve e se constitui a partir das interações sociais. Quatorze estudantes relataram fazer uso de EA Diretas de Cognição, com a prática de anotações e resumos e foi a segunda EA mais usada, sendo que, geralmente, conforme apontamentos de Oxford (1990) costuma ser uma EA muito utilizada pelos estudantes.

Pude constatar, a partir dos apontamentos mencionados na fundamentação teórica, e das falas dos estudantes entrevistados, que cada estudante desenvolve suas próprias estratégias de aprendizagem, de acordo com seu estilo e contexto em que se encontra inserido, conforme postula Romero (2011). Os entrevistados que se declaram dedicados e comprometidos são os que buscam mais oportunidades de trocas e interação com professores e colegas. Também são estes estudantes os que desenvolvem mais ações para aprender, como os pedidos de auxílio ao professor, as anotações, os resumos e os estudos em grupo.

Por outro lado, os estudantes que não demonstram capacidade de autonomia, que não interagem com seus pares e que não fazem uso de estratégias de aprendizagem eficientes são os que têm maiores dificuldades para superar seus problemas de aprendizagem.

Assim, após ter respondido as perguntas de pesquisa, mediante relatos dos estudantes entrevistados, considero ser de grande relevância destacar outros aspectos que influenciam no aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem, conforme apresento a seguir.

5.3 Outros aspectos relevantes

Dado a relevância dos dados coletados, destaco alguns recortes das entrevistas que considerei importantes, apesar de trazerem informações diferentes das enfocadas nas perguntas de pesquisa. Entendo que esses dados também podem auxiliar a compreensão do contexto, pois dizem respeito às percepções dos estudantes sobre aprendizagem anterior à entrada na universidade e à aprendizagem dos conteúdos atuais para facilitar a aprendizagem de conteúdos a serem vistos no futuro, conhecimento e interesse pelo curso que fazem e o motivo pelo qual escolheram o curso no qual se matricularam. Denominei esses dados percepção de relevância de aprendizagem prévia. Entre os vinte entrevistados, doze estudantes, que cursam Filosofia, Letras, Engenharia de Alimentos, Ciências Biológicas, Química, Sistema de Informação, Educação Física, Administração Pública, Engenharia Florestal, Nutrição e Engenharia de Controle e Automação, ou seja, mais de 50 % dos entrevistados, entendem que suas dificuldades são devido ao fato de terem feito um ensino médio ineficaz, e que tem dificuldades de aprendizagem por terem ingressado na universidade sem nenhuma base. Apenas três estudantes, sendo F, do curso de Zootecnia, L, do curso de Engenharia de Alimentos e S, do curso de Administração relataram que ter feito um bom ensino médio em uma escola particular, o que contribui para sua aprendizagem na universidade. Os seguintes excertos das entrevistas revelam esta percepção:

E02F10. [...] *eu fiz o ensino médio em uma escola muito boa e isso tá me ajudando agora, porque a base que eu tive, muita coisa eu revi lá, muita coisa eu já sabia.*

E04L06. [...] *minha base é boa, mesmo com uma ou outra dificuldade, fiz um ensino médio muito bom, particular, e cursinho também. Sempre estudei em boas escolas, o ensino médio fiz na melhor lá da minha cidade, acho que isso á me ajudando muito.*

E15S20: *Foi bom, o meu ensino médio foi bom, estudei em uma escola particular, meu problema com exatas já é meu mesmo, eu nunca gostei. Mas meu colégio, o que estudei lá na minha cidade é bom, os professores todos são bons, isso tem me ajudado com as outras disciplinas.*

Outros dois estudantes, sendo que um cursa Educação Física, G, e outro cursa Sistema de Informação, H, relataram que durante o ensino médio, período que antecede a universidade, não aprenderam os conteúdos ensinados e se preocuparam apenas em passar de ano, conforme explicitado nos recortes abaixo:

E12G16: *Bom, no ensino médio, pelo menos na minha turma, na escola que eu estudei, a gente preocupava mesmo era em passar de ano e só.*

E13H13: *O negócio no ensino médio era passar de ano mesmo. Só consegui passar na universidade por causa do ENEM.*

Um estudante do curso de Filosofia, Y, disse que escolheu um curso diferente do que ele gostaria de fazer porque uma amiga de sua mãe disse a ele que os cursos eram muito parecidos, conforme o seguinte excerto:

E14Y04: *Na verdade eu não escolhi Filosofia, pois queria mesmo era fazer Psicologia. Só que tentei em outras universidades e não passei, porque*

minha nota no ENEM não deu. Ai, conversando com uma amiga da minha mãe, fiquei sabendo que se fizesse Filosofia ia acabar perto da Psicologia.

Uma estudante do curso de Filosofia, Z, relatou não gostar do curso que faz e ter se matriculado neste curso com o objetivo de mudar para outro posteriormente, por meio do processo de transferência interna da universidade, visto que gostaria de cursar Zootecnia e relata ter colegas com a mesma pretensão, de acordo com o excerto abaixo:

E01Z05. Eu entrei com o intuito de passar para outro curso, mas eu não gosto do curso que estou fazendo não. Quero transferir para Zootecnia. Lá na minha turma tem mais gente que vai transferir pra outro curso.

Uma estudante do curso de Licenciatura em Química, R, outra do curso de Administração Pública, E, e V, do curso de Nutrição relataram não saber muito a respeito do curso que fazem e não saber ainda o que querem realmente fazer, conforme explicitado nos seguintes recortes:

E08R30. [...] Esse negócio, a licenciatura mesmo, não sei direito pra que serve. E11E03: Ah, eu na verdade ainda não sei bem o que quero fazer, mas tinha que começar um curso, aí entrei em Administração Pública mesmo, mas achei que seria mais fácil.

E11E13: Nunca parei pra pensar muito no meu curso não, porque eu, como te falei, ainda não sei o que quero fazer. Nem sei se vou continuar nesse curso, talvez eu mude, sei lá. Ainda vou ver também o que mais que tem aqui na universidade.

E19V06: *Na verdade eu não escolhi o curso, eu escolhi a universidade.*

E19V07: *Eu queria sair do Rio, não aguentava aquela cidade e a única maneira de sair de casa era pra estudar fora. Fiz o ENEM e procurei na lista de universidades alguma que ficasse no interior. Aí, tinha que escolher um curso, escolhi Nutrição por escolher mesmo. Nem sabia direito pra que esse curso serve e na verdade ainda não sei.*

Doze estudantes, Z, do curso de Filosofia, N, do curso de Medicina Veterinária, A, do curso de Engenharia de Alimentos, H, do curso de Sistema de Informação, D, do curso de Engenharia de Controle e Automação, R, do curso de Química, P, do curso de Ciências Biológicas, E, do curso de Administração Pública, G, do curso de Educação Física, W, do curso de letras, V, do curso de Nutrição e B, do curso de Engenharia Florestal relataram que fizeram o ensino médio em escolas públicas e que entendem que suas dificuldades de aprendizagem são devido a terem feito um ensino médio ineficaz, que não lhes proporcionou base para a aprendizagem das disciplinas do curso de graduação, conforme os seguintes excertos:

E01Z07. [...] *tem matéria que não entra na cabeça de forma alguma. Acho que também é porque minha base não foi boa não, eu sempre estudei em escola pública e a escola que eu estudava não era muito boa, então entrei praticamente sem base nenhuma.*

E03N04. *Ah, eu não passei direto, eu sempre estudei em escola pública, para mim foi bem difícil entrar na Universidade, pois a escola que estudei era bem fraca, tive que fazer 1 ano e meio de cursinho pra passar no ENEM, então acho que se tivesse entrado sem o cursinho eu teria mais dificuldade, pois não*

teria base nenhuma. A base que eu tive foi do cursinho, mas não dá pra ver tudo lá, então no começo eu tive dificuldade aqui. Não é por nada não, mas vir de escola pública, a maioria tem dificuldade.

E05D25. Não tinha uma base boa pra universidade não, quando eu estava principalmente no terceiro ano do ensino médio teve meio que uma confusão, mas muitos professores saíram e acabou que o terceiro ano teve muitos professores que acabaram de chegar, muita troca de professores e acabou que muito assunto acabou não sendo passado.

E05D27. [...] O professor de física teve um problema de saúde e acabou que teve parte que ele não pode ensinar e agora faz falta.

E05D28. Matemática também porque mudou o professor de última hora.

E07A04. Ah, passar do ensino médio pra universidade foi muito difícil, não tinha base nenhuma. To vendo que isso atrapalha bastante agora.

E08R21. A disciplina que tenho mais dificuldade é química geral e experimental, eu acho que é porque eu não aprendi nada de química no ensino médio...

E10P11: [...] eu sempre tive dificuldades nestas matérias de exatas, no ensino médio já era assim, eu não aprendi essas matérias lá, eu não fiz um ensino médio bom não.

E11E06: *Ah, assim... Acho que dificuldade eu tenho é no curso inteiro mesmo, tanto as matérias de cálculo como as teóricas eu acho difícil. Mas eu acho que é porque eu entrei sem base mesmo, meu ensino médio não á essas coisas, escola pública você sabe como e né.*

E12G16: *[...] Também, a escola, pelo menos a minha, não era boa não, os professores não estavam nem aí pra gente, ninguém aprendia nada. Hoje, dentro da universidade eu vejo como isso prejudica a gente.*

E13H13: *Estudei em escola pública, bom, não vou dizer que era por ser escola pública, mas era só bagunça, sempre faltava professor... não aprendi nada e acho que ninguém da minha turma aprendeu muita coisa.*

E13H11: *[...] acho, quer dizer, acho não, tenho certeza que as dificuldades que eu tive e, assim, que eu ainda tenho são por causa do meu ensino médio que não foi muito bom.*

E13H12: *Nenhuma... Não tinha base nenhuma pra universidade, assim, parece que eu não aprendi nada no ensino médio.*

E18R09: *[...] No ensino médio era assim também, eu nem sei como é que me formei, nunca aprendi matemática, nem física, nem química. Nesta área, meu ensino médio foi péssimo, a maioria dos meus colegas falam a mesma coisa, que não aprenderam essas matérias, e agora a gente ta passando aperto aqui.*

E19V12: *É que eu sou mais velha que meus colegas, já tenho 22 anos, mas eu não fiz o ensino médio, então vim sem base, acho que isso tá me prejudicando muito aqui também.*

E19V13: *Eu fiz o EJA, sabe, aquele supletivo? Porque eu estava muito atrasada, parei de estudar no primeiro ano e fui trabalhar. Depois resolvi voltar, aí fiz o EJA pra adiantar, entende? E depois fiz o ENEM, acabei entrando pelo SISU, mas sem base.*

E20B08: *Acho que universidade é isso mesmo, o curso é bem apertado. Mas meu ensino médio também não foi muito bom, sabe, eu não tinha muita base pra universidade.*

Sete estudantes, sendo F do curso de Zootecnia, L do curso de Engenharia de Alimentos, D do curso de Engenharia de Controle e Automação, A e B do curso de Engenharia Florestal, P do curso de Ciências Biológicas e E do curso de Ciências da Computação relataram acreditar que a aprendizagem de um determinado conteúdo é necessário para prepará-los para aprender os conteúdos que serão ensinados posteriormente, conforme explicitado nos seguintes excertos:

E02F22: *[...] eu tento me esforçar mais, me dedicar mais porque eu tenho que aprender bem as matérias do período que eu estou para conseguir aprender as do próximo período, isso é fato.*

E04L20: *[...] Futuramente se você precisar conseguir aprender facilmente precisa ter uma base daquilo e tem que aprender de verdade que geralmente quando você aprende alguma coisa que você lembra no seu dia-a-dia que é bem mais fácil.*

E05D06: *Eu acho que aprendi realmente quando consigo entender realmente aquilo, tudo faz sentido na minha cabeça, tentar fazer aquilo e refazer e eu consigo. Aí, depois fica uma base para aprender outras coisas.*

E07A22: *Aprender é você conseguir colocar aquela matéria no cotidiano né, fazer com que aquilo que você aprendeu entre no seu dia-a-dia e sirva pra você aprender outras coisas, sirva de base mesmo.*

E10P06. [...] *o jeito dos professores abordarem as matérias, eu pensei que fosse uma coisa mais direcionada à biologia, e aí eu vi que não era o que eu estava pensando, e que eu tenho que aprender tudo pra depois aprender as coisas relacionadas à biologia.*

E10P08. [...] *porque se a gente não aprender as coisas que não são de biologia, lá na frente vai ser importante pra gente.*

E15S19: [...] *Mas eu sei que para aprender melhor as matérias de um período, por exemplo, eu tenho que ter aprendido as matérias do período anterior, então agora eu estou me esforçando mais.*

E16S08: *Tem, tem sempre que ler algum texto e é aí que pega... só que eu acho que preciso me esforçar mais, porque eu dependo de entender bem estas matérias mais teórica, mesmo não gostando, pra entender bem depois as outras matérias do curso. E20B11: Ah, eu estudei muito. Quando vi que estava apertado eu passei a estudar mais, a me dedicar mais, principalmente para as matérias mais difíceis, até pra entender as matérias dos próximos períodos, eu tinha que ter uma base.*

Outro dado que considerei relevante nas falas dos estudantes foi a opinião de quatro entrevistados sobre a aprovação da lei de cotas para estudantes oriundos de escolas públicas. N, do curso de Medicina veterinária, L do curso de Engenharia de Alimentos, G do curso de Educação Física e Y do curso de Filosofia demonstraram preocupação com este assunto, no sentido de que os estudantes possam ingressar na universidade sem nenhuma base para a aprendizagem dos conteúdos dos cursos de graduação, conforme os excertos apresentados:

E03N04. *Ah, eu não passei direto, eu sempre estudei em escola publica, para mim foi bem difícil entrar na Universidade, pois a escola que estudei era bem fraca, tive que fazer 1 ano e meio de cursinho pra passar no ENEM, então acho que se tivesse entrado sem o cursinho eu teria ainda mais dificuldade, pois não teria base nenhuma. Não é por nada não, mas vir de escola pública, a maioria tem dificuldade. E vai ter mais gente com dificuldade quando começar mesmo a entrar na universidade pela lei de cotas públicas.*

E04L23. *[...] Mas sei lá, com as cotas para aluno de escolas públicas eu não sei se vai melhorar alguma coisa não. Acho que a tendência é o pessoal entrar sem base mesmo e ter ainda mais dificuldade para aprender.*

E12G17: *[...] porque é a profissão que a gente vai ter, então, tem que levar mais a sério, agora com esse negócio das cotas públicas não sei como vai ficar, se os alunos vão entrar preparados, pra levar o curso a sério e se vão ter base pra fazer uma universidade, porque, assim, eu acho que vai ser muito mais fácil de entrar.*

E14Y14: [...]. *E não leve a mal não mas, eu pelo menos, acho que o ensino médio das escolas públicas não dá base nenhuma. Imagine só daqui pra frente que vou poder entrar pelas cotas públicas, eu penso que o pessoal vai vir mais sem base ainda.*

Os relatos apresentados demonstram a importância que deve ser dada à forma como os estudantes ingressam na universidade e suas experiências acadêmicas anteriores, conforme ressaltam Bastos e Keller (2011) e Cunha (2006, 2007, 2009). As declarações de F, L e S sobre a influência de uma aprendizagem satisfatória no decorrer do ensino médio em seu processo de aprendizagem no ensino superior enfatiza esta importância. Por outro lado, as declarações de Z e Y deixam claro que ingressaram em um curso que não era de seu interesse e o relato de R, E V demonstra falta de conhecimento sobre o curso que escolheram. A estudante E não sabe ainda se continuará a cursar Administração Pública e não se informou a respeito dos demais cursos ofertados pela universidade. A estudante V escolheu o curso de Nutrição sem saber nada a respeito, pensando apenas na possibilidade de estudar em outra cidade, longe do Rio de Janeiro, sua cidade natal. Destaco que estes estudantes demonstraram ausência de conhecimentos sobre o curso e sobre a universidade que escolheram embora exista, nesta universidade, um manual com todas as orientações necessárias à vida acadêmica dentro da universidade. Evidenciando a percepção de relevância de aprendizagem prévia para o bom desempenho acadêmico, os estudantes Z, N, A, H, D, R, P, E, G, W, B e V são enfáticos ao declarar que as dificuldades de aprendizagem com as quais se depararam na universidade se devem ao fato de terem feito um ensino médio ineficiente, destacando que estudaram em escolas públicas. Essa mesma percepção é também demonstrada pelos estudantes F, L, D, A, B, P e E, ao declararem que precisam

aprender os conteúdos ensinados no período escolar atual para melhor aprender os conteúdos que serão estudados nos períodos posteriores.

Em consonância com as revelações dos estudantes expostos neste item, também as discussões de Ruiz (2005) e Saravale (2005) destacam a importância que deve ser dada a estes aspectos e a interferência de fatores como experiências acadêmicas positivas e ou negativas, imaturidade para ingresso na universidade, relacionamentos interpessoais, indecisão, falta de interesse e/ou falta de conhecimento sobre a área de estudo e dificuldades de comunicação no processo de ensino-aprendizagem. Os autores destacam que tais fatores interferem de forma negativa no sentido de afetar a atenção, a concentração e o interesse do estudante pela área de estudo escolhida, pontos essenciais para o bom desenvolvimento acadêmico. E em função destes fatores interferirem diretamente no resultado de desenvolvimentos cognitivos e relacionados ao preparo do futuro profissional de diversas áreas, esta deve ser uma preocupação das instituições de ensino superior, ou seja, a universidade não pode se furtar a sua função formativa e de transformação no contexto brasileiro de desigualdade social.

Esta não é uma preocupação recente, visto que Freire (1981) já enfatizava a importância de uma educação condizente com a realidade do país, preocupando-se com uma educação que fosse significativa para as transformações sociais. O educador, em meio às suas muitas contribuições para a educação evidenciava a importância de uma educação transformadora, destacando a necessidade do professor conhecer e compreender a realidade dos educandos e que a educação deve ser dialógica, problematizadora, crítica e voltada sempre para a ação e reflexão. Neste sentido apontava que o professor aprende enquanto ensina, que os conteúdos ensinados devem ser condizentes com a realidade dos estudantes, e que a educação precisa atuar como formadora de cidadania e conscientizadora da responsabilidade social dos estudantes.

Apontava também que, para se dar a transformação por meio da educação, é necessário que esta seja crítica e reflexiva e que seja direcionada a responsabilidade política e social.

Portanto, é fundamental que se reconheça os problemas de aprendizagem anteriores e que se aja de forma a reverter esse quadro, ao invés de simplesmente reprovar o estudante considerado não adequado, culpar ciclos anteriores e continuar impondo barreiras de ascensão social (FELTRIN, 2007). A educação deve proporcionar aos estudantes oportunidades iguais, porém os docentes não podem enxergar os estudantes como iguais, ou como estudantes padrão, visto que eles se comportam de maneira diferente, possuem diferentes estilos de aprendizagem, vem de diferentes culturas e classes sociais, o que não permite um ensino homogeneizado. Os estudantes são diferentes entre si e assim devem ser tratados, conforme postula Feltrin (2007), ao apontar a necessidade dos professores e instituições estarem preparados para receber e acolher estes estudantes, respeitando suas diferenças para assim, ter condições de buscar soluções adequadas para problemas como dificuldades de aprendizagem, desatenção e indisciplina, entre outros que possam surgir no âmbito educacional. Em consonância com estes fatores o autor ressalta que “o aluno que apresenta um problema qualquer precisa sentir-se acolhido, valorizado e incluído e não simplesmente tolerado” (FELTRIN, 2007, p. 16).

Portanto, a partir dos relatos dos estudantes, entendo que o papel das instituições deve ser o de propiciar uma educação apropriada e de alta qualidade para todos os universitários e não deve ser vista apenas como educação inclusiva ao se lidar com estudantes que apresentem dificuldades de aprendizagem e ou comportamentos que comprometam seu desenvolvimento acadêmico. Para tanto, é necessário que as universidades se comprometam com a formação e qualificação do corpo docente e que estes docentes se interessem por seus estudantes (CUNHA, 2007). Faz-se necessário também que os professores

conheçam os estudantes e os tratem como tal, evitando que eles se sintam como apenas um número de matrícula ou como objetos, o que está associado à ideia de coisificação apontada por Freire (1981) ao defender a humanização no contexto educacional.

Reforça-se assim o papel e a responsabilidade da universidade, principalmente a pública, na formação e preparo que o estudante recebe. Por este relevante motivo, ações de intervenção e transformadoras como as tomadas pelo grupo da PUC-Campinas (GONÇALVES; JUNQUEIRA; PLÁCIDO, 2009) e pela Universidade do Oeste da Flórida (SANTROCK; HALONEN, 2013) são fundamentais para que se possam alcançar os patamares necessários no processo de ensino-aprendizagem. Estas ações vão ao encontro do pronunciamento do Ministro da Educação (KRAKOVICS, 2012), mencionado na introdução deste volume, quando este destacou a necessidade de cursos de nivelamento e de tutoria para os estudantes universitários oriundos de escolas públicas. Justamente por conhecer e compreender as dificuldades enfrentadas por estudantes que ingressam na universidade despreparados, é que os estudantes N, L, G e Y manifestaram sua preocupação com esta mudança na forma de ingresso no ensino superior. As mudanças anteriores, como o ENEM e SISU, já são descritas pelos estudantes entrevistados como algo que contribuiu para a entrada de estudantes despreparados ingressarem nas universidades. Porém, é necessário pensar que não basta receber estes estudantes como um processo de inclusão, é também necessário que seja dada a eles a devida atenção no sentido de orientações e acompanhamento em sua trajetória acadêmica, haja visto suas prováveis dificuldades em adentrar o ambiente universitário.

Novamente me remeto aos apontamentos de Silva (2004), que aponta para o fato de que a autonomia dos estudantes surge como uma condição para a mudança de atitude em relação ao processo de aprendizagem e que a autonomia é vista como uma ação de aprendizagem e não uma metodologia. Neste sentido

entendo que se os professores buscam conhecer os estudantes e compreender suas dificuldades, poderão auxiliá-los a desenvolver esta autonomia e se tornarem, de fato, responsáveis por seu processo de aprendizagem.

Porém, acredito que a educação tem o papel de transformação e que é função das universidades contribuir para o desenvolvimento social e progresso no país. Assim sendo, entendo que esta deve ser uma preocupação de todos os atores envolvidos no universo acadêmico e que atitudes devem ser tomadas para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem.

Pelos recortes apresentados, trazendo as falas dos estudantes de forma específica sobre este assunto, assim como pelos apontamentos dos autores citados e ainda por ser também uma preocupação do Ministro da Educação, considere relevante que fossem aqui destacados para conhecimento da universidade foco.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

No momento de encerramento deste estudo, ao tecer considerações sobre a pesquisa, percebo minha modificação como pesquisadora e também como estudante que ainda sou. Como pesquisadora, compreendi que antes de iniciar qualquer tipo de pesquisa, estudo ou investigação é necessário que se busque o conhecimento acerca do aporte teórico que possa embasar o trabalho a ser realizado e que este amplie meus conhecimentos e minha visão de mundo. Como estudante, reforcei minhas atitudes de concordância com os conceitos da teoria sócio histórica, ao constatar a necessidade que os estudantes sentem de interação com seus professores e a forma como relataram mudanças em seu processo de aprendizagem a partir de tais interações, tanto com professores quanto com colegas.

Ao término do desenvolvimento desta pesquisa, após estudo exploratório a base de leitura, busca por aporte teórico, informações a respeito de outras pesquisas realizadas na área de meu interesse, coleta, análise e interpretação dos dados, foi possível conhecer algumas ideias e posturas dos estudantes entrevistados diante do universo acadêmico. Durante o processo de coleta e análise dos dados, pude perceber a ausência de responsabilidade por seu desenvolvimento acadêmico e a dificuldade que tem para utilizar as EA Metacognitivas que poderiam auxiliar seu processo de aprendizagem. Ainda que a universidade disponibilize um manual acadêmico com informações diversas a respeito dos cursos ofertados e dos recursos disponibilizados pela universidade e que os coordenadores dos cursos se disponibilizem para orientá-los, alguns estudantes não se interessam e desconhecem aspectos importantes sobre o curso que escolheram e sobre os diversos recursos disponibilizados pela instituição, como por exemplo, os referentes às monitorias, à biblioteca e aos laboratórios.

Essas constatações me fazem reconhecer a importância e a singularidade das pessoas, mesmo quando há tantos aspectos que possam ser generalizados.

De maneira geral, pude perceber que o ambiente universitário comporta diferentes perfis de estudantes, demonstrando diversos estilos de aprendizagem e de visão do universo acadêmico. Alguns estudantes são dedicados e se esforçam em suas atividades acadêmicas, demonstrando ter a autonomia necessária para um bom desempenho acadêmico, ainda que não saibam como utilizar EA adequadas, conforme os relatos apresentados no anexo 04 deste volume. Outros acreditam que o período em que estão na universidade pode ser usado como uma época de atividades e relações sociais intensas, fatores explícitos também no anexo 04 deste volume. Diante deste quadro, desde o início, existia e permanece a certeza de que todos devem ser vistos de forma diferenciada, no sentido de cuidado e respeito com suas particularidades, destacando a preocupação de uma reflexão acerca do que pode ser feito para auxiliá-los, de acordo com suas necessidades. Compreendo que, ainda que este estudo tenha se dedicado a compreender as ações dos estudantes para aprender, um bom desempenho acadêmico não depende apenas do uso de Estratégias de Aprendizagem. Embora sejam de grande utilidade e o professor possa intervir auxiliando os estudantes a utilizá-las de maneira adequada, é também necessário que os ajude a desenvolver a meta consciência, a descobrir formas de aprendizagem e compreender a origem de suas dificuldades para assim buscar solucioná-las. O desenvolvimento da meta consciência dos estudantes é de suma importância para seu aprimoramento acadêmico, pois propicia a eles uma maior atenção e responsabilidade por seu processo de aprendizagem. O interesse e o comprometimento do professor que seja cuidadoso com seu comportamento em sala de aula e reflexivo acerca de sua prática pedagógica, fazem com que haja coerência entre sua forma de ensinar e os propósitos da disciplina que ministra, o

que resulta em uma conquista mútua, entre docentes e discentes no que se refere ao aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem.

Devido às características deste tipo de pesquisa, à medida que foi se desenvolvendo, novas indagações foram surgindo, como por exemplo, a possibilidade de se desenvolver esta pesquisa com um maior número de participantes e um acompanhamento ainda mais preciso das ações utilizadas por eles para aprender, suscitando da pesquisadora efetuar recortes e limitar seu campo de investigação, pelos limites impostos pelo tempo que tinha a seu dispor. Este estudo foi desenvolvido com o objetivo de entrar mais profundamente no tema, dando voz aos entrevistados para ter o depoimento de pessoas, ou seja, dos estudantes, mas que, posteriormente, pode ser complementado com uma pesquisa quantitativa para uma melhor avaliação a partir de uma amostragem maior e mais significativa, de forma que tais dados possam ser úteis à instituição no sentido de propiciar uma reflexão sobre como auxiliar os estudantes em seu desenvolvimento acadêmico. Esta constatação me leva a sugerir novas pesquisas sobre este mesmo tema, considerando sua importância para o universo acadêmico e a possibilidade de, a partir de tais estudos, propiciar aos estudantes universitários o aprimoramento de seu processo de aprendizagem. Mesmo sabendo que a utilização adequada de EA não é o único fator que favorece o processo de aprendizagem, entendo que este é um fator importante, por ser de grande auxílio durante a trajetória acadêmica. Desta forma, ainda que o foco desta pesquisa seja o ensino superior e tenha se desenvolvido no contexto universitário, entendo ser de extrema relevância que se dê continuidade às investigações, visto ser este um tema importante para todos os níveis de ensino, inclusive o básico, no qual o estudante pode ser auxiliado por seus professores a utilizar as EA que lhe serão úteis por todo o tempo de sua trajetória acadêmica e também posteriormente, em sua atuação profissional.

As entrevistas que efetuei são também narrativas, mas como são narrativas curtas optei por me referir a elas como entrevistas semiestruturadas, conforme descrição de Wallace (1999). Optei por ouvir e ressaltar a própria voz dos estudantes, um dado que geralmente não é considerado em pesquisas mais gerais, por entender que, desta forma, poderia compreender melhor os problemas vivenciados por eles.

Entendo que uma pesquisa pode ser vista de maneiras diversas, que existem olhares diferentes sobre um determinado trabalho, mas ressalto que minha opção por desenvolver este estudo da forma apresentada, me permitiu o acesso à especificidade da situação e pude, assim, dedicar a cada estudante entrevistado um olhar diferenciado, no sentido de buscar compreender suas particularidades relacionadas à vida acadêmica. Desta forma, compreendo que tanto as instituições quanto os professores precisam encontrar meios de conhecer os estudantes e auxiliá-los em seu processo de aprendizagem a partir daquilo que já sabem, ou seja, é preciso que se trabalhe com o estudante que está ali, e o ajude a superar possíveis dificuldades e se desenvolver academicamente, independente de seus conhecimentos anteriores. Visto que não se pode priorizar o estudante considerado bom ou ideal, é imprescindível que o professor enxergue cada estudante como único e que o considere em sua individualidade atuando como auxiliar e intermediário na busca por soluções para suas possíveis dificuldades.

Contudo, me foi possível constatar extrema relevância de se compreender melhor o universo acadêmico, em especial, dado a minha afinidade e preocupação com o tema pesquisado, o processo de ensino-aprendizagem. Compreendi, principalmente, o quanto este conhecimento pode interferir, no sentido de mudanças de atitude, no comportamento de discentes e docentes de qualquer área do ensino. Porém, é evidente a necessidade de se dar continuidade a este processo de investigação para compreender o processo de ensino-

aprendizagem dos estudantes universitários e subsidiar possíveis ações pedagógicas por parte das instituições, conforme descrito na introdução deste estudo.

No momento de encerramento, me vem à mente uma citação que se apresenta naturalmente adequada a este contexto:

“O conhecer permite a mudança tornando possível a criação de novas realidades. Se queremos mudar alguma coisa, devemos, antes, saber como funciona” (BRONCKART, 2007, p. 203).

REFERÊNCIAS

ANTONIO, V. et al. Metas acadêmicas e estratégias de aprendizagem em alunos universitários. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v.11, n. 1, jan./jun.2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141385572007000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 dez. 2012.

BARTALO, L. **Mensuração de estratégias de estudo e aprendizagem de alunos universitários**. 2006. 215 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2006.

BARTALO, L.; GUIMARÃES, S. E. R. Estratégias de estudo e aprendizagem de alunos universitários. **Informação & Informação**, Londrina, v. 13, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1828>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

BASTOS, C. L.; KELLER, V. **Aprendendo a aprender**. Petrópolis: Vozes, 2011. 112 p.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <<http://www.emtese.ufsc.br>>. Acesso em: 2 abr. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1998. 79 p.

BRONCKART, J. P. **O agir nos discursos**: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores. São Paulo: Mercado de Letras, 2007. 208 p.

COLL, C. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2002. 472 p.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 21. ed. Campinas: Papyrus, 2009. 184 p.

_____. **Pedagogia universitária: energias emancipatórias em tempos neoliberais.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2006. 144 p.

_____. **Reflexões e práticas em pedagogia universitária.** São Paulo: Papirus, 2007. 192 p.

DAVIS, C.; OLIVEIRA, M. R. O. **Psicologia na educação.** São Paulo: Cortês, 1994. 152 p.

DIAS, A. S. et al. Competências de estudo e pensamento crítico em alunos universitários. In: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPELAGOGIA, 11., 2011, Coruña. **Anais...** Coruña: Universidade de Coruña, 2011.

DUARTE, A. M. **Estratégias de aprendizagem: como abordam os estudantes a aprendizagem?** Lisboa: FCUL, 2001. Disponível em: <http://www.fc.ul.pt/sites/default/files/fcul/institucional/gapsi/Estrategias_de_aprendizagem.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2012.

FARIA, A. R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget.** São Paulo: Ática, 1989. 80 p.

FELTRIN, A. E. **Inclusão social na escola: quando a pedagogia se encontra com a diferença.** 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2007. 167 p. (Coleção Pedagogia e Educação).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. 144 p.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. 107 p.

GONÇALVES, E. R.; JUNQUEIRA, L. K.; PLÁCIDO, V. L. S. **Acompanhamento acadêmico do aluno: um projeto inovador para a graduação.** São Paulo: Ideias e Letras, 2009. 160 p.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 224 p.

KOHL, M. O. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2003. 111 p.

KRAKOVICS, F. **Senado aprova cotas em universidades públicas**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/senado-aprova-cotas-em-universidades-publicas-5721858#ixzz2AmO1rSzE>>. Acesso em: 10 out. 2012.

LIBERALI, F. C.; MAGALHÃES, M.C.C.; ROMERO, T. R. de S. Autobiografia, diário e sessão reflexiva: atividades na formação crítico-reflexiva de professores. In: BARBARA, L.; GUERRA, R. de C. G. (Org.). **Reflexão e ações no ensino-aprendizagem de línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.p. 131-165.

_____. **Formação crítica de educadores: questões fundamentais**. Taubaté: Cabral, 2008. 112 p.

LOPES, L. P. M. A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada? In: SIGNORINI, I. (Org.). **Linguística aplicada transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.p. 85-107.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MAGALHÃES, M.C.C. A linguagem na formação de professores como profissionais reflexivos e críticos. In: _____. **A formação do professor como um profissional crítico: linguagem e reflexão**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 59-85.

MERCURI, E. **Condições espaciais, materiais, temporais e pessoais para o estudo**: segundo depoimentos de alunos e professores de cursos de graduação da Unicamp. 1992.169 f. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Estadual Paulista, Campinas, 1992.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.119 p.

O'MALLEY, J. M.; CHAMOT, A. V. **Learning strategies in second language acquisition**. Cambridge: Cambridge University, 1987.253 p.

OXFORD, R. L. **Language learning strategies**: what every teacher should know. New York: Newbury House, 1990. 342 p.

PAIVA, V.L.M.O. Autonomia e complexidade: uma análise de narrativas de aprendizagem. In: FREIRE, M.M.; ABRAHÃO, M.H.V.; BARCELOS, A.M.F. (Org.). **Linguística aplicada e contemporaneidade**. Campinas: Pontes, 2005. p.135-153.

PRATES, E. A. R.; JOLY, M. C. R. A. Avaliação da escala de motivação acadêmica em estudantes paulistas: propriedades psicométricas. **Psico-USF**, Itatiba, v. 16, n. 2, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712011000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 8 nov. 2012.

ROMERO, T. R. S. Construindo a inclusão de futuros professores de inglês. In: SILVA, K. A. da et al. (Org.). **A formação de professores de línguas**: novos Olha.res. Campinas: Pontes, 2011.v. 1, p. 173-198.

RUIZ, V. M. **Aprendizagem em universitários**: variáveis motivacionais.2005. 215 p. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2006-09-11T051934Z-1190/Publico/Valdete%20Maria%20Ruiz.pdf>. Acesso em: 4 mar. 2012.

SANTROCK, J.W.; HALONEN, J. S. **A experiência UWF**: seu guia para o sucesso acadêmico. Boston: Wadsworth Aprendizagem Cengage, 2013. 237 p.

SARAVALE, E.G. Dificuldades de aprendizagem no ensino superior: reflexões a partir da perspectiva piagetiana. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v.6, n.2, p.99-127, jun. 2005.

SCHÖN, D. A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Ed.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.p. 77-91.

SILVA, R. V.; ATAIDE, S. P. F. A afetividade na relação professor-aluno e suas implicações na aprendizagem em contexto universitário. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 38, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000300015>. Acesso em: 10 dez. 2012.

SILVA, W. M. e. Autonomia e sabre exponencial no ensino e aprendizagem de línguas. In: JORNADA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS ELITERÁRIOS, 8., 2004, Belém. **Anais...** Belém: UFPA, 2004. p. 101-102.

SKINNER, B.F. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1974. 216 p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. ed. São Paulo: M. Fontes, 1996. 107 p.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: M. Fontes, 1993. 193 p.

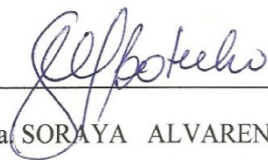
_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: M. Fontes, 1991. 311 p.

WALLACE, M. J. **Action research for language teachers**. Cambridge: Cambridge University, 1999. 273 p.

ANEXOS**ANEXO A – Declaração de autorização para pesquisa****DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA COM
GRADUANDOS DA UNIVESIDADE FEDERAL DE LAVRAS**

**Título: Reflexões Críticas Sobre o Processo de Ensino-Aprendizagem
de Universitários**

Declaro ser do meu conhecimento o teor da pesquisa acima referida assim como autorizo o desenvolvimento das atividades de entrevistas semi-estruturadas com estudantes descritas no projeto, as quais serão realizadas nas imediações do campus da Universidade Federal de Lavras.



Prof. Dra. SORAYA ALVARENGA BOTELHO

Pró-reitora de Graduação

ANEXO B - Parecer

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Reflexões Sobre o Processo de Ensino-Aprendizagem de Universitários

Pesquisador: Tania Regina de Souza Romero

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 10848912.5.0000.5148

Instituição Proponente: Universidade Federal de Lavras ((UFLA))

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 178.315

Data da Relatoria: 19/12/2012

Apresentação do Projeto:

Avaliada na primeira submissão.

Objetivo da Pesquisa:

Avaliado na primeira submissão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Todas as sugestões, do COEP, referentes à apresentação dos riscos foram adequadamente acatadas pela pesquisadora responsável.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Após sutis modificações, a proposta apresentada agora se adequa integralmente aos termos previstos na legislação pertinente à referida pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória foram revistos pelo pesquisador responsável e reformulados conforme sugestões do COEP.

Recomendações:

Sugere-se aprovação sem mais correções.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sugere-se aprovação sem mais correções.

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

CEP: 37.200-000

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

E-mail: coep@nintec.ufla.br

continuação

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS



Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

LAVRAS, 19 de Dezembro de 2012

Assinador por:

Joziana Muniz de Paiva Barçante
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037

Bairro: PRP/COEP

UF: MG

Município: LAVRAS

Telefone: (35)3829-5182

CEP: 37.200-000

E-mail: coep@nintec.ufla.br

ANEXO C - Guia para as entrevistas semiestruturadas

Identificação acadêmica (Curso, período)

Adaptação à universidade

Adaptação ao curso

Autonomia

Métodos de estudo

Gestão do tempo

Relacionamento com professores

Relacionamento com colegas

Interesse pelo curso

Motivação

Dificuldades de aprendizagem

Estratégias de aprendizagem

Perspectivas acadêmicas

Percepção pessoal de competência

Perspectivas profissionais

ANEXO D - Entrevistas**ENTREVISTA 01**

E01C01. Boa tarde.

E01Z01. Boa tarde.

E01C02. Que curso você faz?

E01Z02. Filosofia

E01C03. Você está em qual período?

E01Z03. Terceiro

E01C04. Você gosta do seu curso?

E01Z04. Ah, eu não gosto não.

E01C05. Como assim?

E01Z05. Eu entrei com o intuito de passar para outro curso, mas eu não gosto do curso que estou fazendo não. Quero transferir para Zootecnia. Lá na minha turma tem mais gente que vai transferir pra outro curso.

Mais eu acho que o meu curso é bom, mas seria melhor se os professores conversassem mais com a gente, explicassem para que serve mesmo a filosofia.

E01C06. Como você está se saindo?

E01Z06. Apesar de não gostar, estou me saindo bem.

E01C07. Em todas as disciplinas?

E01Z07. Não, nem todas... de notas sim, mas de aprendizado tem matéria que não entra na cabeça de forma alguma. Acho que também é porque minha base

não foi boa não, eu sempre estudei em escola pública e a escola que eu estudava não era muito boa, então entrei praticamente sem base nenhuma.

E01C08. Que curso você gostaria de fazer?

E01Z08. Zootecnia.

E01C09. Bem diferente da filosofia...

E01Z09. Bem diferente mesmo.

E01C10. E como você vê isso?

E01Z10. Como eu vejo... ah, filosofia não tem nada a ver comigo, mas eu to levando ate eu tentar a transferência interna da Universidade, que eu entrei com esse intuito, de passar com a transferência interna, mas... fora isso eu tenho puxado as disciplinas que batem na zootecnia e na medicina veterinária para ver como vai ficar né...

E01C11. E você acha muito diferente?

E01Z11. Totalmente diferente.

E01C12. Você tem alguma dificuldade em determinada disciplina?

E01Z12. Eu tenho muita dificuldade em inglês, não por causa da professora, a professora que eu tenho, ela é muito boa, mas porque eu não tive nenhuma base no ensino fundamental e nem no ensino médio para eu estar fazendo essa matéria conforme é passado na Universidade. Eu tirei uma nota muito boa no semestre passado, mas porque a professora ajudou também, ela deu uma prova em trio e trabalhos avaliativos pelo AVA com consulta, então eu tirei uma nota boa, mas eu não aprendi nada porque eu não tive nenhuma base.

E01C13. Você me disse que frequenta 2 cursos, está matriculada em filosofia e faz algumas disciplinas na zootecnia. O inglês você fez em qual curso?

E01Z13. Na filosofia

E01C14. E você teve dificuldades...

E01Z14. Muita dificuldade mesmo.

E01C15. E o que você tentou fazer para facilitar sua aprendizagem?

E01Z15. Eu frequentei monitorias mas... e só

E01C16. Você tem algum hábito de estudo?

E01Z16. Eu estudo pelos resumos que eu faço das apostilas e do que os professores falam.

E01C17. Como você faz esses resumos?

E01Z17. Eu, primeiro das apostilas, eu leio e vou escrevendo as partes mais importantes e também eu escrevo o que eu acho importante do que os professor ta passando para mim.

E01C18. De todas as disciplinas ou apenas das que você pensa que tem dificuldade?

E01Z18. Eu faço de todas, de todas as matérias

E01C19. E você faz estes resumos durante o período inteiro, ou apenas nos períodos de prova?

E01Z19. Eu escrevo durante o período todo, mas que eu vou estudar mesmo, pra valer, só nos períodos de prova.

E01C20. E as monitorias, como é sua frequência nas monitorias?

E01Z20. Eu frequento bastante todas as monitorias das matérias que eu puxo. E eu faço os resumos e apresento ao monitor pra ver se ta dentro da ideia do que o professor quis passar. Mas também é só na época que ta chegando a prova que eu frequento a monitoria.

E01C21. Você tem algum grupo de estudo?

E01Z21. Então, eu estudo primeiro sozinha, mas depois a gente reúne pra discutir a matéria. Monitorias eu frequento só na época das provas mesmo.

E01C22. E você sabe como seus colegas estudam? Conversa com eles a respeito, sabe se tem hábitos parecidos ou não?

E01Z22. A maioria dos meus colegas também estuda da mesma forma. As vezes agente também troca resumos, mas de vez em quando, não sempre, frequente.

E01C23. É um hábito comum então 'os resumos da matéria'?

E01Z23. Sim

E01C24. O que você acha necessário para você ter sucesso, para você se sair bem na vida universitária?

E01Z24. Ah, eu não sei muito bem pra que serve a filosofia, pra ter sucesso eu primeiro, passar para o curso que eu quero, por que fazer uma coisa que eu não gosto acho que não vai me trazer sucesso nenhum, então acho que é isso, e muita dedicação e persistir naquilo que você quer né.

C01C25. E se você passar pro curso que você quer, você pretende manter este mesmo hábito, essa mesma forma de estudar?

E01Z25. Ah, acho que não, vou ter que esforçar muito mais, apesar de eu estar puxando as matérias já. Eu estudo mais as matérias que eu puxo que não é do curso que eu to cursando, de filosofia, eu estudo mais pra elas do que mesmo pro curso de filosofia, pras matérias de filosofia.

E01C26. Em relação à sua dificuldade com a disciplina de inglês, o que você pensa em fazer a respeito agora nesse período?

E01Z26. Eu pretendo fazer um curso fora da Universidade, começar do básico mesmo, senão não vai ter como eu ta puxando inglês instrumental 2, porque eu não tenho base nenhuma, eu não tenho condições de ta continuando.

E01C27. E como você explica ter tirado boas notas? Você me disse que passou de ano com uma nota alta em inglês, e mesmo assim acha que não aprendeu.

E01Z27. Foi a forma de distribuição das atividades avaliativas da professora. Ela primeiro deu uma prova em trio, e os meus colegas me ajudaram bastante porque eu sabia muito pouco, e as outras atividades foram pelo AVA com consulta, e a ultima prova também foi com consulta, então essa consulta ajudou bastante, pra eu ta tirando uma nota boa.

E01C28. Quer dizer que se não tivesse sido dessa forma, você não teria alcançado as notas de alcançou no final da disciplina?

E01Z28. Não, não teria, com certeza.

E01C29. E acredita que a melhor forma de aprender inglês então seria fora da universidade?

E01Z29. Isso mesmo, fazendo um curso fora.

E01C30. O que te faz pensar assim?

E01Z30. Porque eu não sei nada de inglês, então dentro do meu curso agora, puxando inglês instrumental 2 vão ter coisas mais avançadas, e eu, como eu não sei nada, nem um pouco, então eu não tenho condições de ta fazendo essa matéria e ta aprendendo alguma coisa, porque eu não vou entender nada, porque eu não aprendi direito o inglês instrumental 1.

E01C31. Muito obrigada, tenha uma boa tarde.

E01Z31. Por nada, boa tarde pra você também.

ENTREVISTA 02

E02C01. Bom dia

E02F01. Bom dia.

E02C02. Que curso você faz?

E02F02. Zootecnia.

E02C03. Qual período?

E02F03. Quarto.

E01C04. Por favor, fale um pouco sobre o seu curso.

E02F04. Esta sendo bem o que eu esperava. Por que eu decidi fazer zootecnia, principalmente por ser na Universidade que é bem conceituada, então tá bem dentro do esperado.

E02C05. Como você fez a opção por zootecnia?

E01F05. Eu queria a principio agronomia. Mas aí teve uma palestra aqui na Universidade, que um professor falou sobre o que era a zootecnia e outro professor falou sobre o que era a agronomia e eu percebi que a zootecnia era mais o que eu queria, era mais, sei lá o meu estilo de profissiona.

E02C06. Você se identificou mais com a zootecnia...

E02F06. Isso, eu me identifiquei mais.

E02C07. E como você esta se saindo?

E02F07. Ah, mais ou menos. Tem matérias que são mais específicas do curso, que me atraem mais, eu fico mais atraído por elas então eu fico mais motivado com elas. As outras têm umas que eu me saio melhor, outras que eu me saio pior.

E02C08. Como foi para você a passagem do ensino médio para o superior?

E02F08. Foi um... Um baque! Uma hora você esta no ensino médio, os professores ficam correndo atrás, aquela coisa, a diretora chama a mãe, não sei o que, conversa.... E quando passa para o ensino superior não tem mais isso, você é mais um ali, os professores, a maioria não quer saber do seu desempenho, só tá ali dando a aula, passa a matéria e pronto... Então assim... Então dá uma diferença muito grande.

E02C09. Tem que ser mais autônomo, mais responsável.

E02F09. É, tem que ser mais autônomo, isso, mais responsável pelo que você faz dentro da faculdade.

E02C10. Você acha que veio do ensino médio com uma boa base para o ensino superior?

E02F10. Acho sim, eu fiz o ensino médio em uma escola muito boa e isso tá me ajudando agora, porque a base que eu tive, muita coisa eu revi lá, muita coisa eu já sabia.

E02C11. Você me disse que tem dificuldade em algumas disciplinas...

E02F11. Sim.

E02C12. Fale um pouco sobre isso.

E02F12. Então, só... Certas disciplinas, eu não gosto desse tipo de disciplina, eu acho que não é pelo professor e nem tanto por mim. Às vezes são as disciplinas mais difíceis, tipo cálculo e química orgânica, que todo mundo tem medo dentro da Universidade, só que como eu realmente não me sinto muito atraído eu tenho meio que como uma recusa a estudar, a correr atrás.

E02C13. Se dedica menos.

E02F13. Sim me dedico menos do que as outras que eu gosto mais.

E02C14. Você disse também que todos os estudantes tem medo destas disciplinas, que são comuns a todos os cursos. Ao entrar na Universidade você já ouvia comentários sobre isso?

E02F14. Sim, já ouvia de todo mundo que era muito difícil.

E02C15. Quer dizer que você já entrou com esse medo?

E02F15. Isso, eu já entrei com esse pensamento de que essas disciplinas seriam mais difíceis, já entrei com medo por causa das coisas que eu ouvia.

E02C16. E continua pensando assim?

E02F16. É, continuo.

E02C17. E em relação às outras disciplinas, as que você gosta, conte-me como faz pra estudar.

E02F17. Não, pra estudar, assim, quando é uma disciplina mais teórica, eu prefiro ler, fazer um resumo e tal. Quando são disciplinas mais práticas, que tiver cálculo eu já prefiro pegar exercícios e ir resolvendo.

E02C18. Você estuda sozinho ou com colegas?

E02F18. Na maioria das vezes sozinho, mas dentro do possível, eu até tento estudar com alguém, mas.

E02C19. Você prefere estudar sozinho? Tem hábito de frequentar monitorias?

E02F19. Eu prefiro. Não, monitorias não.

E02C20. Estas dificuldades que você disse ser comum a maiorias dos estudantes, você tem conversado com seus colegas, sabe se eles tem as mesmas dificuldades que você?

E02F20. Sim, eles têm as mesmas dificuldades.

E02C21. Sabe como seus colegas lidam com isso, o que eles tem feito para superar?

E02F21. Então, não, eu nunca perguntei isso pra eles não. Tipo, métodos que eles usam pra estudar, essas coisas, nunca perguntei não.

E02C22. E você, o que tem feito pra superar estas dificuldades?

E02F22. Bem, essas disciplinas que são mais difíceis, que eu tenho mais dificuldades, eu tento me esforçar mais, me dedicar mais porque eu tenho que

aprender bem as matérias do período que eu estou para conseguir aprender as do próximo período, isso é fato.

E02C23. O que acredita ser necessário para se tornar um bom profissional, um bom zootecnista, em seu caso?

E02F23. Bom, muita gente fala que pra ser um bom zootecnista tem que saber mexer com animais. Eu acho que não. O profissional no geral, não só o zootecnista, mas todos os outros, ele tem que saber lidar principalmente com matemática financeira, pra saber fazer mais com menos recursos, e claro, tem que ter informática, inglês, coisas básicas. Mas, como zootecnista, sei lá, pra ser um bom profissional na minha área, que eu ainda não sei em que exatamente eu vou querer trabalhar, eu acho que eu tenho que me especializar mais, buscar mais conhecimento da área, e desenvolver métodos pra trabalhar melhor com, sei lá, bovino de corte, que outros zootecnistas ainda não desenvolveram.

E02C24. As disciplinas as quais você se referiu como não específicas do curso, você julga serem desnecessárias?

E02F24. Algumas são.

E02C25. Por exemplo.

E02F25. Então, eu acho que tem umas disciplinas que não precisava ter no meu curso, sabe, como comunicação e expressão, filosofia... Ninguém explicou pra gente porque tem que ter essas matérias na zootecnia.

E02C26. Mas se saiu bem?

E02F26. Sai-me bem, nesta eu me sai melhor.

E02C27. Então suas dificuldades são com exatas.

E02F27. Sim, mais com exatas.

E02C28. Neste período, você já está quase na metade do curso, o que você pretende fazer para superar estas dificuldades?

E02F28. O jeito é correr atrás, estudar mais, sei lá, frequentar as monitorias, me aplicar mais nestas matérias.

E02C29. Você procura seus professores quando tem dúvidas, pra pedir uma segunda explicação?

E02F29. Algumas vezes sim.

E02C30. E como você é recebido?

E02F30. Muito bem, os professores na maioria são muito gente boa, estão sempre prontos pra tirar dúvidas, pra explicar... E assim a gente aprende bem mais, se o professor conversa, dá exemplos e tal. Aconteceu um caso comigo no semestre passado, em matemática, o professor praticamente repetiu a aula pra mim dentro da sala dele, então os professores são muito prestativos.

E02C31. E este é mais um fator que te leva a crer que a sua dificuldade se dá por você não se identificar com a disciplina?

E02F31. É, realmente os professores são muitos bons, explicam bem a matéria, eu é que não me identifico e meio que sinto uma barreira pra correr atrás.

E02C32. Muito obrigada por sua atenção!

E02F32. Por nada, se quiser me entrevistar novamente... tô aqui!

ENTREVISTA03:

E03C01. Bom dia.

E03N01. Bom dia.

E03C02. Você gosta de seu curso?

E03N02. Adoro.

E03C03. Fale um pouco sobre ele.

E03N03. Olha, é... eu acho que eu sempre quis, desde a sétima série eu quis fazer medicina veterinária, eu gosto muito da área da saúde, de animais e na Universidade assim, o curso é muito bom, as disciplinas são ótimas e os professores são muito bons.

E03C04. Como foi a sua entrada na universidade, essa passagem do ensino médio para a faculdade?

E03N04. Ah, eu não passei direto, eu sempre estudei em escola pública, para mim foi bem difícil entrar na Universidade, pois a escola que estudei era bem fraca, tive que fazer 1 ano e meio de cursinho pra passar no ENEM, então acho que se tivesse entrado sem o cursinho eu teria mais dificuldade, pois não teria base nenhuma. Não é por nada não, mas vir de escola pública, a maioria tem dificuldade. E vai ter mais gente com dificuldade quando começar mesmo a entrar na universidade pela lei de cotas públicas.

E03C05. E você esta se saindo bem?

E03N05. Olhe eu acho que estou me saindo bem, ainda não peguei nenhuma dependência, como eu gosto assim, eu me dedico muito.

E03C06. Você tem dificuldade em alguma disciplina?

E03N06. Tenho dificuldade em disciplinas que envolvem muito cálculo.

E03C07. Como você lida com isso, de que forma você estuda para estas disciplinas.

E03N07. Então, eu quando eu tenho mais dificuldade, eu me empenho mais, eu estudo mais vezes na semana para aquela matéria, faço mais exercícios, mas a que eu tenho menos dificuldade eu estudo menos, mas sempre estudo.

E03C08. Você estuda sozinha, ou com colegas?

E03N08. Costumo estudar com meus colegas, a gente se reúne na época de provas e antes também, na sala de aula mesmo, pra fazer trabalhos e repassar os textos mais difíceis. Também gosto de frequentar as monitorias, acho que estudar em grupo facilita muito, a gente aprende mais.

E03C09. Você tem um método específico que costuma seguir?

E03N09. Eu não deixo acumular, quando tem a matéria naquela mesma semana eu já leio, releio, e depois eu estudo em grupo, que é bom para tirar as dúvidas e tal.

E03C10. Você faz anotações, resumos?

E03N10. Sim, faço muitas anotações de todas as aulas e resumos e anoto quase tudo que meus professores falam e até a fala dos colegas quando sei que estão certos. Depois leio tudo e faço novas anotações das partes mais importantes e faço resumos dos textos. Agora, nas matérias de cálculo, refaço tudo que fiz nas aulas, depois vou elaborando exercícios e resolvendo até sentir que aprendi, não dá pra ficar só nas aulas não.

E03C11. Você usa o mesmo método para estudar as disciplinas nas quais tem menos dificuldades?

E03N11. Sim, o mesmo método, só que menos.

E03C12. Fale-me um pouco sobre as dificuldades que você tem em exatas.

E03N12. Desde o ensino médio eu tenho... na verdade, no ensino médio as exatas não é tão complicado, é muito simples, mas quando você chega à universidade tem muito cálculo, muitas fórmulas que às vezes é difícil você resolver. Eu nunca fui super bem em matemática, é uma coisa que Eu sempre tive dificuldade.

E03C14. E como você procura superar estas dificuldades?

E03N14. Ah, eu me esforço mais, além de estudar mais vezes na semana eu converso mais com os professores, peço exemplos, o que ajuda muito. Sempre que preciso, recorro aos professores para uma segunda explicação, e geralmente entendo o que não tinha conseguido entender antes.

E03C15. E quanto à universidade, com você a vê?

E03N15. Ah, eu estou muito satisfeita, a Universidade oferece muitas oportunidades, oferece estágios, tem muitos grupos de estudos, então eu acho que a estrutura é muito boa, ao menos no meu curso, não sei falar sobre os outros cursos, mas no meu... é muito bom.

E03C16. Em relação aos professores, você costuma procurá-los para tirar dúvidas?

E03N16. Eu procuro sim e eles são bem dispostos a ajudar, todos deixam e-mail, pode mandar e-mail ou falar com eles pessoalmente, sou sempre bem atendida.

Agora, sei que na universidade nós temos que ser mais responsáveis, mas bem que os professores poderiam cobrar um pouco mais, exigir mais participação da turma.

E03C17. E quanto aos seus colegas, você sabe me dizer se eles têm a mesma dificuldade?

E03N17. Alguns colegas, a maioria tem muita dificuldade em cálculo mesmo, acho que é da veterinária... mas da mesma forma que eu, tem as dificuldades mas estão conseguindo , dá pra ir.

E03C18. O que você acredita ser necessário para ser uma profissional bem sucedida?

E03N18. Eu acho que você tem que dedicar muito e gostar daquilo que você faz. Lógico que você tem que ver o lado da remuneração, mas você não pode fazer nada só pelo que você vai ganhar, tem que fazer uma coisa que você goste, e eu pessoalmente estamos muito satisfeita!

E03C19. Muito obrigada!

E03N19. Por nada!

ENTREVISTA 04

E04C01. Boa tarde.

E04L01. Boa tarde.

E04C02. Como você escolheu a Universidade?

E04L02. Quando me formei no terceiro ano não tinha mínima ideia que curso ia fazer, mas sempre me interessei muito por esta área de alimentos, comércio e engenharia no geral também, me falaram que a Universidade é muito boa, tentei, passei e resolvi vir, realmente não tinha mínima ideia do que ai fazer, mas estou gostando muito.

E04C03. Você já disse que escolheu engenharia de alimentos porque se interessa por está área, mas algum motivo em especial?

E04L03. Então estava pensando em engenharia de produção e engenharia de alimentos e só que como passei em alimentos primeiro eu vim para ela mesma.

E04C05. Você esta gostando do seu curso?

E04L05. Muito bom.

E04C06. Como foi para você a transição do ensino médio para o superior?

E04L06. Foi até bem tranquilo. Eu só achei grande diferença porque no ensino médio todo mundo era desleixado, ninguém ligava para nada, o pessoal conversava demais, não estudava para nada, mas no curso superior se não estudar, você realmente não passa. Mas minha base é boa, mesmo com uma ou outra dificuldade, fiz um ensino médio muito bom, particular, e cursinho também. Sempre estudei em boas escolas, o ensino médio fiz na melhor lá da minha cidade, acho que isso á me ajudando muito.

E04C07. Você tem algum método de estudo?

E04L07. Não... Geralmente foco atenção na aula e tento aprender naquele momento que é o momento certo.

E04C08. Você tem alguma dificuldade em alguma disciplina?

E04L08. Tenho.

E04C09. Em qual?

E04L09. Em física, cálculo.

E04C10. E o que você tem feito para superar as dificuldades?

E04L10. Estudo.

E04C11. E como você estuda, L.?

E04L11. Sozinho, por conta própria, prestando atenção na aula e, às vezes, quando aperta muito, indo pra faculdade de vez em quando e ficando na biblioteca, estudando com colegas às vezes. Como tenho muito cálculo, tenho que fazer muito, mas muito exercício mesmo, por que pra aprender cálculo, só explicação não dá.

E04C12. Você acha diferença em estudar sozinho e estudar com colegas?

E04L12. Sinceramente, prefiro estudar sozinho, eu só estudo com colega quando eu realmente não tenho ideia da matéria, preciso que alguém me ensine, que me dê um pontapé para eu poder encaminhar para outra matéria, mas quando eu sei a base, sei pouco, prefiro estudar sozinho, porque ai não tem conversa, não tem satisfação nenhuma, bem melhor.

E04C13. Em relação aos professores, como você vê o relacionamento dos professores com os alunos?

E04L13. Parcial. Os professores, uma coisa que me incomoda neles, ao menos em alguns, é que eles permitem muita bagunça na sala, muita conversa... eu não concentro com barulho.

E04C14. Você se sente a vontade para perguntar para os professores quando você tem alguma dúvida?

E04L14. Sim, Sim... Sempre, para a maioria, não todos, mas a maioria.

E04C15. Já aconteceu de você precisar tirar alguma dúvida, pedir um suporte ao professor?

E04L15. Já, varias vezes, inclusive aconteceu uma vez de fazer uma pergunta ao professor e ele me responder que não queria me responder.

E04C16. Como assim? Fale-me sobre isso.

E04L16. Uma vez que queria saber uma coisa, ele disse que não tinha obrigação de me responder. Como se ele não tivesse nem ai para o aluno.

E04C17. E o que você pensa sobre isso?

E04L17. Quando os professores têm tempo pra responder perguntas, fica mais fácil, porque tem matéria, tem coisa que é difícil entender só com a aula ou com leitura.

E04C18. O que você considera importante para ser um profissional de sucesso, um bom engenheiro de alimento?

E04L18. Pra ter sucesso na profissão... Ah, conversar bem, ser participativo, mostrar de alguma forma que você sabe, que você entende, que é aquilo que você realmente quer, não ser desleixado, não agir de qualquer maneira com tudo, como a maioria dos alunos fazem, a maioria dos alunos tiram até boas notas, mas são muito fechados naquele cantinho deles, só tem os amiguinhos deles, não conversa com ninguém. Acho que os alunos têm que ter amizade com os professores, interagir com todo mundo, com quem de fato pode ajuda no futuro dele, não ficar fechado com os amiguinhos só de aula.

E04C19. Então você acredita que a interação é importante?

E04L19. Sim demais, talvez mais importante.

E04C20. O que é aprender pra você?

E04L20. Tem dois conceitos de aprender, um que a gente aprende só pra fazer a prova e no outro dia esquece. É impossível isso não acontecer, é tanta matéria, tanta coisa que não dá para aprender tudo e guardar para sempre, você vai guardar uma base que você aprendeu. Futuramente se você precisar conseguir aprender facilmente precisa ter uma base daquilo e tem que aprender de verdade que geralmente quando você aprende alguma coisa que você lembra no seu dia-a-dia que é bem mais fácil.

E04C21. Qual é a atitude mais correta e mais eficiente de aprender?

E04L21. Prestar atenção no que o professor fala, prestar atenção na aula, não ficar pensando “depois eu estudo”, prestar atenção na aula, Acho que quando tiver dúvida tem que conversar com o professor, pedir para explicar melhor com alguma coisa teórica, pedir para ele aplicar aquilo em um exemplo prático ou do tipo, porque vendo é muito mais fácil de aprender do que só ouvir.

E04C22. Você tem alguma estratégia de aprendizagem? Você considera que isso é uma estratégia?

E04L22. Sim. Sim... Claro. Faço muita anotação e resumo dos textos, além de exercício pra caramba!

E04C23. Você tem alguma sugestão que possa melhorar o ensino na universidade?

E04L23. Acho que podia ter uma forma de avaliação dos professores, melhor do que é feito hoje em dia, pelos próprios alunos, para que eles se preocupassem em agradar o aluno de alguma maneira, não em agradar em passar o aluno mas de dar aula direito, que o aluno avalie o método de ensino. Mas sei lá, com as cotas para aluno de escolas públicas eu não sei se vai melhorar alguma coisa não.

E04C24. Muito obrigada!

E04L24. De nada!

ENTREVISTA 05

E05C01. Boa noite.

E05D01. Boa noite.

E05C02. Como você decidiu estudar na Universidade, sendo tão longe de casa?

E05D02. É que eu queria esse curso e o único lugar que tem na Bahia é em Salvador. Só que em Salvador, se você considerar a qualidade é mais vantagem ir a lugar mais longe do que ficar lá.

E05C03. Então você veio pensando no conceito da universidade, por acha que

tinha mais para te oferecer em termos da qualidade de ensino?

E05D03. Comparado a universidade de minha cidade, sim.

E05C04. Como você fez a opção pelo curso de engenharia de controle e automação?

E05D04. Eu sempre quis a engenharia porque tinha uma aptidão pelas exatas principalmente, e controle automação porque quando eu soube, eu pesquisando cada engenharia uma por uma foi há que eu mais me identifiquei.

E05C05. Agora que você esta dentro da Universidade, como você vê a instituição? Ela correspondendo as suas expectativas?

E05D05. Em alguns pontos sim, a universidade está de acordo com a minha expectativa só que o curso em si por ser muito novo tem algumas coisas que precisam melhorar e como a Universidade dá foco à agronomia, essas áreas, acaba que o curso às vezes falta um pouco de incentivo.

E05C06. E o que você vê no curso que, em sua opinião, pode melhorar?

E05D06. Podia ter mais algumas matérias que poderiam ser utilizados porque o curso tem mais base na ciência da computação, às vezes você sente falta da mecânica e técnicos que faltam estar no laboratório que também não são muitos.

E05C07. Você quer dizer que o curso por ser um curso novo não está estruturado como deveria ser?

E05D07. Sim.

E05C08. Mas ainda com isso você esta gostando do curso?

E05D08. Estou porque o curso acaba que ele é novo em todos os lugares, eu

estou feliz com a minha escolha,.

E05C09. Você se sente a vontade com os professores?

E05D09. Com a maioria, sim.

E05C10. Você tem liberdade, se for necessário, para pedir uma segunda explicação, tirar uma dúvida diretamente com o professor?

E05D10. Às vezes sim, às vezes não... O curso é muito difícil, os professores conversam com a agente, mas sinto falta de mais interesse da parte deles, são muito frios, não sei é porque em Minas Gerais é diferente. Entendo melhor a matéria quando eles conversam mais.

E05C11. Já aconteceu de você precisar conversa com o professor a respeito de um conteúdo que você não entendeu?

E05D11: Sim.

E05C12. Como você foi atendida?

E05D12. Fui bem atendida, pedi pra ele explicar novamente e me dar exemplos também, e ele deu, foi legal, entendi melhor.

E05C13. Você tem dificuldade em alguma disciplina?

E05D13. Todas as disciplinas que não são exatas.

E05C14. Você tem algum hábito de estudo?

E05D14. Ah, resumo tudo que eu leio, tudo que eu ouço e tudo que eu anoto na aula! Tudo mesmo! Isso nas matérias que não são exatas, que eu acho muito chatas.

E05C15. Você costuma estudar em grupo?

E05D15. Geralmente eu estudo com os meus colegas e um ajuda o outro.

E05C16. Tipo um grupo de estudo?

E05D16. Bom, meu curso é difícil... Então estudo um pouco sozinha mas também procuro estudar com os colegas que sabem mais.

E05C17. E monitorias, você frequenta?

E05D17. Nunca fui, às vezes os horários não batem.

E05C18. Você está satisfeita com essa maneira de estudar com os colegas, você acha que isso te satisfaz?

E05D18. Estou porque não é só isso. Lá a gente estuda mais em geral, mas ninguém estuda só lá, cada um estuda em casa e leva só as dúvidas.

E05C19. Vocês se reúnem e ajuda a tirar a dúvida um do outro?

E05D19. É.

E05C20. Como que foi para você está transição do ensino médio para ensino superior?

E05D20. Foi um pouco difícil, principalmente em Geometria Analítica, o professor acabou supondo que todos os alunos sabiam da matéria que era para ter sido ensinada no ensino médio, mas teve muita coisa que era primeira vez que eu estava vendo, não só eu mais tinha outras pessoas também.

E05C21. Você sabe me dizer se esta dificuldade que você tem é comum entre seus colegas?

E05D21. Não, geralmente minhas dificuldades, são meio que só eu tenho, na maioria das vezes pelo menos.

E05C22. E você pode contar com o apoio deles?

E05D22. Sim.

E05C23. Você acha que é uma boa estratégia de estudo, estudar em grupo?

E05D23. Depende muito das pessoas que estão no grupo e da quantidade do grupo também, se é muita gente acaba ficando tumultuando e se todos não estiverem focados no estudo acaba também tumultuando.

E05C24. Você fez o ensino médio em escola pública ou particular?

E05D24. Particular.

E05C25. Você acha que veio com uma boa base pra a universidade?

E05D25. Não tinha uma base boa pra universidade não, quando eu estava principalmente no terceiro ano do ensino médio teve meio que uma confusão, mas muitos professores saíram e acabou que o terceiro ano teve muitos professores que acabaram de chegar, muita troca de professores e acabou que muito assunto acabou não sendo passado.

E05C26. Passou por uma fase de adaptação, e os alunos foram prejudicados?

E05D26. Muito prejudicados.

E05C27. Você acha que isso está influenciando agora nessas dificuldades que você está tendo em determinadas disciplinas?

E05D27. Sim, sim... o professor de física teve um problema de saúde e acabou que teve parte que ele não pode ensinar e agora faz falta.

E05C28. Por que a base foi insuficiente?

E05D28. Matemática também porque mudou o professor de última hora.

E05C29. Como que você define a aprendizagem?

E05D29. Eu acho que aprendi realmente quando consigo entender realmente aquilo, tudo faz sentido na minha cabeça, tentar fazer aquilo e refazer e eu consigo.

E05C30. E o que você acha necessário para aprender?

E05D30. Eu aprendo mais com a prática do que com a teoria, tenho que fazer bastante exercícios mesmo, só à teoria, a explicação não basta.

E05C31. Aprende melhor fazendo exercícios?

E05D31. É. Meu curso tem muitas matérias que envolvem cálculo, se a gente não pega pra resolver os cálculos pra valer mesmo, não aprende.

E05C32. O que você considera importante para ser um bom profissional da sua área, um profissional de sucesso?

E05D32. Como a área, o curso, a profissão é muito ampla e a gente pode trabalhar em várias áreas e tudo depende da área que você vai seguir, cada pessoa tem aptidão, alguns tem com elétrica, outros com programação e acaba que cada profissional tem o seu diferencial então eu acho que esse diferencial que é necessário que é o que faz a diferença.

E05C33. Muito obrigada!

E05D33. Disponha!

ENTREVISTA 06

E06C01. Boa Tarde.

E06M01. Boa Tarde.

E06C02. Conte-me como você escolheu a Universidade.

E06M02. Por ela ser uma faculdade boa e pela minha área que é o destaque na Universidade.

E06C03. Qual é sua área?

E06M03. Agronomia.

E06C04. Porque agronomia, o que te levou a optar por este curso?

E06M04. Eu gosto da área, mexer com plantação, com os animais e também por influência, um pouco por causa do meu pai.

E06C05. Antes de entrar, você chegou a conversar com alguém que já estudava Universidade, teve algumas informações sobre a universidade?

E06M06. Eu conversei com um menino que era da minha escola, ele faz agronomia, mas eu também vi mesmo por causa das mídias olhando na internet.

E06C07. E agora que você esta dentro da Universidade, o que você está achando?

E06M07. Ótimo.

E06C08. Esta gostando do curso?

E06M08. Ahan, muito.

E06C09. Em relação aos professores, como que você está se sentindo?

E06M09. São bons também, eles demonstram que sabem muito.

E06C10. Você se sente a vontade com eles?

E06M10. Com alguns sim, não com todos.

E06C11. Se você tiver alguma dúvida de alguma matéria, você tem liberdade para fazer perguntas ao professor, para pedir um apoio?

E06M11. Então, os professores do meu curso são bons, mas tem um ou outro que eu acho que não são tão bons, parece que nem sabem quem é a gente, nem Olha,m para os alunos... Isso é ruim às vezes, eu acabo não gostando da matéria deles e não aprendo direito.

E06C12. Como foi para você está transição do ensino médio para o ensino superior?

E06M12. É bem diferente, no ensino médio que os professores ficavam na nossa cola e agora na faculdade a gente é meio que livre, então a gente mesmo tem que seguir os nossos caminhos, não tem ninguém para falar pela gente.

E06C13. Você acha que teve uma boa base no ensino médio?

E06M13. Estudei em escolas boas, mas não levava muito a sério não, sei que devia ter prestado mais atenção nas aulas de física e matemática, mas a cobrança também me atrapalhou muito.

E06C14. Você cursou em escola pública ou particular?

E06M14. Particular.

E06C15. Você tem alguma dificuldade em alguma disciplina do seu curso?

E06M15. Matemática tenho um pouco.

E06C16. Você já tinha dificuldades com exatas no ensino médio ou está sentindo isso agora?

E06M16. Ah! Um pouquinho eu tinha já.

E06C17. E como você costuma estudar?

E06M17. Assim, pra estudar, gosto de anotar o que o professor fala na aula e de resumir as apostilas também.

E06C18. Como você estuda para as matérias nas quais tem dificuldades?

E06M18. Ah, eu aprendo mesmo é fazendo exercícios, procurando nos livros e prestando atenção na aula.

E06C19. Você faz isso sozinha ou com amigos?

E06M19. Sozinha.

E06C20. Você prefere estudar sozinha?

E06M20. Prefiro.

E06C21. Você frequenta monitorias no seu curso?

E06M21. Não, ainda não.

E06C22. Mas você sabe como funciona a monitoria?

E06M22. Sim, mas não vou não, os horários não batem.

E06C23. Você sabe se seus colegas têm as mesmas dificuldades que você?

E06M23. Não sei, porque o contato é muito pouco, ai eu não sei ainda.

E06C24. O que você considera importante para ter sucesso profissional em sua área?

E06M24. Precisa ter responsabilidade, dedicação e pelo menos participar dos projetos da faculdade e dos núcleos de pesquisa. Com isso dá pra ser um bom agrônomo.

E06C25. Como você vê a Universidade como instituição, hoje que você a conhece, que você faz parte dela?

E06M25. É uma ótima faculdade, pelo menos por tudo que a Universidade oferece para os alunos, tem muito projeto de pesquisa, núcleo de estudo, é por isso ela é a primeira de Minas.

E06C26. Você tem algum hábito de estudo, há alguma coisa que você faça para facilitar sua aprendizagem?

E06M26. Ah, em casa eu estudo mesmo é fazendo exercício e mais exercícios. Não tem outro jeito de aprender cálculo.

E06C27. Você já teve oportunidade, já precisou pedir para algum professor repetir a explicação, perguntar alguma coisa para o professor?

E06M27. Sim, já.

E06C28. Como você foi atendida?

E06M28. Quando precisei conversar com o professor, assim, ele atendeu bem, me ouviu, explicou com calma, mesmo falando pra gente perguntar, caso tivesse ainda alguma dúvida.

E06C29. Você se sentiu bem atendido?

E06M29. Sim

E06C30. Em relação aos colegas, você vê os colegas como interessados em aprender?

E06M30. Mais ou menos, tem uma parte que sim, tem outra parte que não.

E06C31. Eles comentam com você sobre as dificuldades que tem?

E06M31. Não.

E06C32. Você tem contato com colegas que tenham as mesmas dificuldades que você, ou outras?

E06M32. Não, ainda não.

E06C33. Sabe, ou tem alguma ideia de como eles estudam?

E06M33. Não, creio que também fazendo exercícios e também os professores passam as listas de exercícios.

E06C34. No ensino médio sua forma de estudar era assim?

E06M34. Sim.

E06C35. Muito obrigada!

E06M35. Por nada.

ENTREVISTA 07

E07C01. Boa tarde.

E07A01. Boa tarde.

E07C02. O que te fez escolher engenharia de alimentos?

E07A02. Eu escolhi engenharia de alimentos porque mistura humanas com exatas, com conta que gosto bastante, até porque me faz eu ver varias áreas das ciências.

E07C03. E como você escolheu a Universidade?

E07A03. É que a Universidade é bem conceituada, eu conhecia ela já, vi que ela era muito conceituada, ela é federal, não é tão longe da minha cidade, então resolvi pela Universidade.

E07C04. Como foi a sua transição do ensino médio para o ensino superior?

E07A04. Muito difícil, não tinha base nenhuma.

E07C05. Fale-me sobre essa dificuldade.

E07A05. Ah! Ainda fiz meio ano de cursinho, para poder passar e já é bastante diferente, principalmente nos horários, tem que ter bastante disciplina nos horários para poder estudar, ai a escola é integral, tem que ter os horários certinhos para você estudar em casa, para as provas, já senti bastante diferença já.

E07C06. Tem que ser mais responsável, não é?

E07A06. É, com certeza.

E07C07. O que você esta achando do seu curso?

E07A07. Ah, eu estou adorando. Estou gostando bastante.

E07C08. Esta sendo o que você esperava?

E07A08. Ahan, tá até melhor!

E07C09. E Universidade como instituição, como você a vê, agora que está lá dentro?

E07A09. Ah! Eu não esperava que fosse tudo isso. Acho que tem bastante oportunidade que eu não sabia que tinha, muita mesmo e muito boa a escola, a instituição é muito grande tem bastante paisagem, muito bonito o lugar, eu estou gostando muito de lá.

E07C10. Tem alguma disciplina na qual você tenha mais dificuldades?

E07A10. Cálculo e geometria.

E07C11. Você sabe se seus colegas tem as mesmas dificuldades?

E07A11. Tem, geometria principalmente.

E07C12. A maioria?

E07A12. A maioria.

E07C13. Você frequenta monitorias?

E07A13. Eu estou frequentando.

E07C14. Além da monitoria como você estuda? O que você faz para superar essas dificuldades?

E07A14. Eu pergunto para meus colegas que tem mais facilidade, peço para eles me ajudarem e faço bastante exercícios em casa também.

E07C15. Você costuma estudar com colegas, em grupo?

E07A15. Em casa estudo sozinha, mas quando fico na Universidade, nos

intervalos eu estudo com colegas na biblioteca.

E07C16. E você acha que faz diferença, estudar com colegas ou sozinho?

E07A16. Eu acho que tem hora que é melhor, mas tem hora que é pior também, depende, é bom quando os colegas ajudam, mas tem hora que você precisa dar uma estudada sozinha também.

E07C17. Você tem liberdade, se sente a vontade para pedir nova explicação para os professores quando você não entende alguma coisa?

E07A17. Sim.

E07C18. Já aconteceu de você precisar consultar algum professor por algum conteúdo que você não entendeu?

E07A18. Já sim.

E07C19. E como você foi atendida?

E07A19. Ah! Ele explicou bem, deu para eu entender.

E07C20. No geral eles atendem bem os alunos, mesmo sendo uma turma grande?

E07A20. Ah! Eu acho.

E07C21. Quando você tem dificuldades você estuda em grupo e faz exercícios, tem mais alguma coisa em especial que você acha importante fazer para aprender?

E07A21. Acho que não, eu penso que não tem que estudar só em época de prova tem que ir aprendendo gradualmente porque se não você não consegue.

E07C22. Defina para mim o que é para você aprender?

E07A22. Aprender é você conseguir colocar aquela matéria no cotidiano né, fazer com que aquilo que você aprendeu entre no seu dia-a-dia e sirva pra você aprender outras coisas, sirva de base mesmo.

E07C23. O que você considera importante para o sucesso profissional, para ser, no seu caso, uma boa engenheira de alimentos?

E07A23. Acho que para ter sucesso profissional, além da formação profissional, tem que saber lidar com as pessoas, saber falar, falar em público, respeitar a outra pessoa principalmente, pois você vai trabalhar em grupo, e o mais importante, além de ter um domínio do que você aprendeu, é o relacionamento.

E07C24. Muito obrigada!

E07A24. Por nada.

ENTREVISTA08

E08C01. Boa Tarde.

E08R01. Boa Tarde.

E08C02. Como que você escolheu a universidade?

E08R02. Ah, eu sempre quis estudar na Universidade, moro aqui, já conhecia ela. Além de ser uma das melhores do Brasil é perto da minha casa, não precisa sair de casa, ficar longe dos meus pais.

E08C03. E como fez sua opção pelo curso de química?

E08R03. Na verdade eu queria fazer biologia e eu tinha um interesse por química, bem pequeno, e daí olhando na internet a área de trabalho de química é maior pensei bem e era mais fácil, depois que eu formar, conseguir emprego formado em química.

E08C04. Como foi para você essa passagem do ensino médio para o ensino superior? O que você viu de diferente?

R08R04. Ah, muita coisa, muito mais responsabilidade porque quando a gente está no ensino médio a gente leva muito na brincadeira, agora tudo o que a gente faz, a gente responde pelo nossos atos, então eu achei mais difícil.

E08C05. Você veio com uma boa base do ensino médio?

E08R05. Tudo que eu aprendi do ensino médio no começo do período a gente está vendo, só que como no ensino médio a gente não leva as coisas a sério, então eu tenho um pouco de dificuldade por que eu formei em 2010, então para mim lembra-se de tudo é um pouquinho mais difícil, mais vou indo.

E08C06. Você fez o ensino médio em escola pública ou particular?

E08R06. O ensino médio eu fiz em escola pública e não era muito boa não. Mas consegui entrar pelo ENEM.

E08C07. O que você pensa sobre essa forma de ingresso na universidade?

E08R07. Eu acho o ENEM, a facilidade de entrar na universidade é maior do que pelo vestibular esse é o meu ponto de vista, porque o número de vagas é maior, então eu acho mais fácil sim. E vai ficar mais fácil ainda, porque agora vai entrar também pelas cotas públicas.

E08C08. E o que você está achando do curso?

E08R08. Bastante difícil no começo do curso, não é muito fácil não, mas é um curso bom, não é um curso ruim.

E08C09. E você está gostando?

E08R09. Estou gostando bastante. Pretendo continuar.

E08C10. E como você tem sido o seu relacionamento com os professores do seu curso?

E08R10. Então, não tem aquele relacionamento, porque a gente não conversa. A maioria dos professores não conhece a gente sabe que a gente está ali na sala de aula pela chamada. Mas conhecer realmente, nunca parei para conversar com professor meu.

E08C11. E você acha que isso é o ideal?

E08R11. Porque é muita gente, as turmas são duas, três turmas juntas. Só a nossa turma de química são 60 alunos, então não tem como o professor lembrar-se de toda turma que está lá dentro. Mas os professores são ótimos, tipo a primeira semana eles foram bem acolhedores bem legais.

E08C12. Se você tiver necessidade de tirar alguma dúvida, você tem liberdade para procurar o professor?

E08R12. Tem, têm sim, eles dão total liberdade para a gente.

E08C13. Já aconteceu de você precisar?

E08R13. Já aconteceu sim.

E08C14. Você foi bem atendida?

E08R14. Fui sim, até que fui... Então, aqueles professores que conversam mais

com a gente, que dá mais atenção, que usa exemplos pra explicar as matérias mais difíceis, assim, que ele sabe que a gente tem mais dificuldade, isso ajudam muito. A gente sempre aprende melhor com exemplos, fica mais fácil mesmo.

E08C15. Como você estuda?

E08R15. Eu prefiro teoria para depois fazer a prática, eu prefiro ler tudo que preciso para depois eu ir lá e fazer o exercício, não tipo fazer o exercício com base no que eu tenho primeiro eu gosto de ler, ler bastante para depois fazer o exercício. Mas também eu gosto muito de escrever, então anoto bastante as explicações dos professores.

E08C16. Você tem costume de estudar com colegas ou sozinha?

E08R16. Eu prefiro estudar com os amigos porque é mais fácil se tiver alguma dúvida eles podem ajudar.

E08C17. Você frequenta algum grupo de estudos?

E08R17. A gente tem, todo mundo da sala junta, estuda, às vezes quando não dá, deixa para a próxima, mas todos os dias vão conversando uns com os outros.

E08C18. Você acha que isso facilita sua aprendizagem?

E08R18. Eu acho mais fácil, estudar em grupo.

E08C19. Em casa você tem algum lugar específico para estudar, você gosta de silêncio ou não, como é esse momento em que você estuda?

E08R19. Em casa estudo a noite, na minha casa está todo mundo à noite, então silêncio não tem, não adianta. Aí vou para o meu quarto e estudo na minha cama, mas não gosto de escutar música, não porque tira a minha concentração.

E08C20. Mas a maior parte do tempo você estuda na universidade ou em casa?

E08R20. Eu, em casa, monto vários exercícios e vou fazendo, acho que quanto mais exercícios eu fizer, mais aprendo. Mas estudo mais na Universidade, porque fico mais tempo na Universidade, então no intervalo de uma aula pra outra a gente usa a biblioteca pra estudar.

E08C21. Você dificuldade em alguma disciplina do curso?

E08R21. A disciplina que tenho mais dificuldade é química geral e experimental, eu acho que é porque eu não aprendi nada de química no ensino médio... Mas eu acho um mais difícil, porque a professora dá os dados e tudo mais e a gente tem que fazer o experimento, só que a gente não tem noção, está no primeiro período, não tem noção de nada, e tipo, ela deixa a gente fazer, aí cada um tem um grupo as pessoas do nosso grupo que vai ajudando. No meu grupo tem dois meninos que são técnicos em química, eles fazem tudo e a gente só fica olhando. Nessa matéria tenho muita dificuldade.

E08C22. O que você procura fazer para superar essa dificuldade? Tem buscado ajuda?

E08R22. Então eu busco ajuda com esse menino é do meu grupo que é técnico químico, quando tenho alguma dúvida então eu pergunto para ele, se a professora tiver atendendo outro, é mais fácil dele me explicar, como ele já sabe, ele vai me explicar, está ali do meu lado dos dias mesmo.

E08C23. Você costuma frequentar monitorias ?

E08R23. A monitoria, eu fui uma vez só na monitoria de química geral.

E08C24. Você gostou?

E08R24. Então o menino não apareceu, não tive a aula.

E08C25. Então por hora você está preferindo estudar com os colegas, especialmente esse que tem um conhecimento maior da disciplina que vocês estão cursando?

E08R25. É.

E08C26. Quando você entrou no curso você já tinha ouvido comentários sobre as dificuldades do curso?

E08R26. Sim, todas as pessoas que a gente fala, eu passei em química, chama a gente de doido, que é difícil, falam que é a segunda mais difícil da Universidade. Mas não teve muito medo não, a gente tem que encarar ne, a gente tem que aprender, na verdade.

E08C27. Mas você não entrou preocupada com isso?

E08R27. Não, não, foi tranquilo, é difícil, mas da para gente estudar, continuar, não é uma coisa impossível.

E08C28. Como você vê a Universidade como instituição, você está satisfeita, você acha que tem alguma coisa que possa melhorar?

E08R28. Estou, não precisa melhorar em nada, tudo que a gente precisa tem lá dentro, todo o auxílio no que a gente precisa na recepção, a todo o momento eles falaram, tudo que a gente precisasse era para procurar o coordenador, procura alguém, que sempre ia ter alguém que para ajudar, então não tem necessidade de melhorar nada.

E08C29. Você está vendo isso na prática, realmente você tem esse apoio, esse suporte?

E08R29. Tem, a gente tem suporte.

E08C30. O que você pensa ser necessário para você se tornar um profissional de sucesso?

E08R30. Eu na verdade eu quero formar em química mas não queria o diploma de química licenciatura, porque a gente estuda e a gente tem os mesmos cálculos que uma engenharia e a gente têm um diploma de químico. Eu acho que lá na Universidade só devia ter alguma coisa assim, puxar algumas matérias, para ter um diploma melhor entende, de engenheiro químico, para isso aí, a gente estuda bastante e chega ao final uma pessoa que formou em engenharia ou formou em outro curso e estudou o mesmo tanto que a gente e está bem melhor. Esse negócio, a licenciatura mesmo, não sei direito pra que serve. Eu acho que a gente precisa de mais algumas matérias, especificar em algumas coisas que dentro da Universidade não tem.

E08C31. Você acredita que precisa de uma especialização, ser especialista em alguma coisa dentro da área de química, porque não adianta você ter o diploma se outras pessoas podem exercer a mesma função, é o que quer dizer?

E08R31. É, muita gente pode trabalhar em química sem ser químico.

E08C32. As dificuldades que você tem são comuns também, entre seus colegas?

E08R32. Sim, todo mundo na mesma, a gente tá junto nisso também.

E08C33. E o que vocês tem feito para superar estas dificuldades?

E08R33. Na verdade eu acho que está muito corrido o semestre para gente calouro, a gente entrou no final do ano e então eu acho que por mais que sejam os mesmos dias, o semestre para gente vai ter 3 meses, mas está muito corrido os professores no meu ponto de vista eles estão jogando a matéria na gente está

passando muito rápido por causa dessa greve e tudo mais, então dá mais um pouquinho de dificuldade por causa disso.

E08C34. Como pensa superar as dificuldades?

E08R34. Ah, estudando mesmo.

E08C35. Muito obrigada!

R08R35. De nada.

ENTREVISTA 09

E09C01. Boa noite.

E09K01. Boa noite.

E09C02. Qual curso que você faz?

E09K02. Medicina Veterinária.

E09C03. Você está em qual período?

E09K03. Terceiro.

E09C04. Fale-me um pouco sobre seu curso.

E09K04. Meu curso é... Um curso que eu estou gostando muito de fazer e requer muita dedicação, pois ele é feito em período integral, as matérias não são fáceis, tem que ter muito estudo, tem que ter uma visão muito ampla sobre os diversos assuntos, e existem matérias da grade curricular onde não tem livros específicos e a gente tem que procurar em outras fontes pra aprimorar nosso conhecimento.

E09C06. E onde você encontra essas fontes? Quais seriam essas fontes?

E09K06. Mais artigos, disponíveis na internet. Os professores alguns passam capítulos de livros aleatórios, não livros específicos, às vezes eles dão alguns resumos que nos auxiliam, esse estudo.

E09C07. Como foi sua escolha, por esse curso?

E09K07. Eu não pensava em cursar veterinária até minha mãe pedir pra eu tentar pelo menos o vestibular, aí eu fiz o vestibular, passei em uma faculdade particular da minha cidade e comecei a cursar, aí comecei a gostar do curso, aí percebi realmente que era veterinária que eu queria, e estou gostando muito do curso, pretendo me formar e ser uma médica veterinária.

E09C08. Então você começou numa faculdade particular e depois você transferiu para a universidade pública? Você fez quantos períodos lá?

E09K08. Eu fiz quatro períodos, estava indo pro quinto período, daí passei nesta Universidade e vim pra cá voltando para o primeiro.

E09C09. E porque você fez essa escolha, de recomeçar em outra universidade?

E09K09. Porque a Universidade tem um ótimo conceito em medicina veterinária, tem um ótimo conceito no país, e a faculdade que estudava não atendia muito as minhas expectativas, então por isso resolvi mudar.

E09C10. O que você acha necessário pra se tornar uma boa profissional?

E09K10. Pra ser uma boa profissional, primeiro precisa dedicar, naquilo que você realmente tá fazendo, ser responsável, ter responsabilidade e competência, e levar muito a sério, dedicar mesmo àquilo que você estuda pra ser uma boa profissional.

E09C11. E é o que você tem feito, posso perceber. Você tem alguma dificuldade de aprendizagem em alguma disciplina?

E09K11. Eu sempre tive uma dificuldade em matérias que envolve química e um pouco de matemática.

E09C12. E como você estuda?

E09K12. Eu procuro prestar bastante atenção nas aulas e quando tenho alguma dúvida vou atrás de pessoas que possam me auxiliar; pergunto os professores, vou a monitorias, e quando é época de provas, sento com uma pessoa que realmente sabe a matéria pra me ajudar em alguns exercícios.

E09C13. E quando você procura seus professores, você é bem atendida?

E09K13. Sim, é só que... Bom, às vezes a gente precisa conversar com os professores pra entender melhor a matéria, mas eles têm um horário muito curto pra atender os alunos, acho que por eles terem varias responsabilidades dentro da universidade... Mas nos horários que eles estão disponíveis, ajudam sim.

E09C14. Você procura estudar com colegas, participa de grupos de estudo?

E09K14. Estudar com colegas, porque eu acho mais fácil para meu aprendizado, mas ultimamente não está sendo possível pois os horários, meu com os meus colegas, são diferentes, cada um tem um afazer, então os horários não coincidem, então, estudar sozinha tá sendo mais fácil, tá sendo a melhor opção.

E09C15. Você já conversou com eles sobre as dificuldades que eles também possam ter, se são as mesmas que você?

E09K15. Já sim, mas têm alguns que se sobressaem mais em algumas matérias, outros em outras; acho que é mesmo de cada um.

E09C16. E como eles estudam, você sabe? Já perguntou a eles?

E09K16. Ah, pelo que eu sei é dessa forma, fazendo resumos, anotações na aula, prestando atenção no que o professor fala, e buscando naquela fonte que o professor recomenda estudar.

E09C17. Você também tem o hábito de fazer resumos?

E09K17. Tenho, o problema é que eu faço os resumos num tempo muito curto antes das provas, então acaba ficando muito corrido. Eu quero mudar isso, quero ter aquele estudo diário, fazendo resumos... Mas até hoje não consegui pegar firme nisso não.

E09C18. E você estuda da mesma maneira pra todas as disciplinas, ou apenas para as que você tem dificuldades?

E09K18. Não, eu estudo da mesma maneira pra todas.

E09C19. Agora você foi paro o terceiro período; o que você pretende fazer para superar as dificuldades?

E09K19. Eu espero fazer um plano de estudos, onde eu coloque meus horários disponíveis, pra que não fique muito tempo ocioso, e que eu saiba dividir, e pra conseguir estudar pra todas as matérias que estou cursando agora.

E09C20. Você está satisfeita com a universidade?

E09K20. To, to satisfeita sim.

E09C21. Você acha então que as suas dificuldades não têm a ver com a universidade, ou com o método ou com a didática dos professores; é uma dificuldade sua?

E09K21. Sim, sempre tem aquela exceção né, algum professor que a gente não consegue acompanhar o ritmo de aula que ele dá, às vezes dá uma aula muito rápida, pouco explicativa, que a gente fica um pouco perdido, mas até certo período dá pra gente conseguir recuperar o que a gente não aprendeu em aula, com outras formas, como perguntando colegas que aprenderam, e, procurando em livros.

E09C22. Muito obrigada!

E09K22. De nada.

ENTREVISTA 10:

E10C01: Boa tarde

E10P01. Boa tarde

E10C02. Por favor, diga-me qual o curso que você faz.

E10P02. Eu faço Biologia.

E10C03. Como que você escolheu a biologia?

E10P03: Eu escolhi por gostar muito dessa matéria no ensino médio, e depois fiz um curso técnico em meio ambiente e eu fiquei assim, sempre quis, nunca pensei em outra profissão a não ser a biologia.

E10C04. Como foi a escolha, da Universidade?

E10P04. Eu escolhi depois de fazer uma pesquisa sobre qual que era a melhor faculdade na área da biologia. Daí eu descobri outras, mas no fim, foi a Universidade que eu escolhi.

E10C05. E agora que você tá dentro da Universidade, o que você acha, está correspondendo as suas expectativas? Como você vê a instituição?

E10P05. Muito boa. Tá correspondendo sim, é o que eu imaginava, né, não tenho o que reclamar não né?

E10C06. Você tá gostando do curso?

E10P06. To, e to me surpreendendo até né... Eu pensava que seria outra coisa, em relação ao curso, como o jeito dos professores abordarem as matérias, eu pensei que fosse uma coisa mais direcionada à biologia, e ai eu vi que não era o que eu estava pensando, e que eu tenho que aprender tudo pra depois aprender as coisas relacionadas à biologia.

E10C07. E você acha que isso é positivo?

E10P07. É.

E10C08. Você está satisfeita com a maneira como os conteúdos estão sendo ensinados?

E10P08. To, porque se a gente não aprender as coisas que não são de biologia, lá na frente vai ser importante pra gente.

E10C09. Você tá tendo alguma dificuldade em alguma disciplina?

E10P09. Tenho dificuldade em matemática e em física.

E10C10. Você já tinha essas dificuldades no ensino médio?

E10P10. Sim, eu sempre tive.

E10C11. Você sabe me dizer se seus colegas também têm o mesmo tipo de dificuldade que você?

E10P11. Sim, meu colega tem sim, a maioria assim do grupo que eu converso tem dificuldade em matemática, física... E eu sempre tive dificuldades nestas matérias, no ensino médio já era assim, eu não aprendi essas matérias lá, eu não fiz um ensino médio bom não.

E10C12. O que você tem feito pra melhorar isso? Como você estuda?

E10P12. Eu faço exercícios, eu leio livros que os professores passam, vejo vídeos na internet, têm vídeos na internet que são bem explicativos, daí eu assisto.

E10C13. E você estuda sozinha ou com amigos?

E10P13. Olha, eu gostava de estudar sozinha antigamente, no ensino médio, mas eu percebi agora na Universidade que estudar em grupo é mais proveitoso pra gente, e ultimamente to estudando bastante em grupo.

E10C14. E acha que tendo um efeito melhor?

E10P14. É muito melhor.

E10C15. E monitorias, você frequenta?

E10P15. Não frequento, mas tenho bastante.

E10C16. E você tá se sentindo tranquila com esses grupos de estudo? Você acha que estão atendendo às suas necessidades?

E10P16. Tá sim.

E10C17. Como foi pra você a transição do ensino médio para o ensino superior?

E10P17. No começo achei bem difícil, não to acostumada com o ritmo de estudo, porque já faz tempo que formei no ensino médio, e agora eu vi que é bem diferente mesmo, e a gente tem que dedicar muito mais, dedicar todo nosso tempo, se não, não consegue.

E10C18. Mas tá sendo tranquilo pra você? Você tá se adaptando bem?

E10P18. Tá, tá bem, agora sim, porque tudo tem a parte boa e a parte ruim né, agora eu to tentando conciliar.

E10C19. Em relação ao relacionamento com os professores, também é bastante diferente do ensino médio... Como que você vê isso?

E10P19. Porque no ensino médio os professores carregavam a gente né, com a mão né. Agora na faculdade não é assim né, o professor dá o livro, passa a atividade, se você quiser fazer você faz, se não quiser você não faz. Mas assim, mesmo na faculdade os professores dão toda força pra gente, eu achei.

E10C20. Você se sente a vontade com os professores?

E10P20. Sim.

E10C21. Caso você precise pedir algum reforço, algum suporte, alguma explicação, você se sente com liberdade pra fazer isso?

E10P21. Sim, todos eles nos avisaram pra procurar eles mesmo fora de aula, se tivermos qualquer dúvida.

E10C22. Já aconteceu de você precisar procurar algum professor?

E10P22. Não, ainda não, pelo motivo mesmo de a gente fazer grupo de estudo, porque ai um colega sabe e ajuda a gente.

E10C23. Então você estuda mais dentro da universidade?

E10P23. Sim.

E10C24. Em sua opinião, o que é necessário pra você ser uma boa profissional?

E10P24. Ah, pra ser uma boa profissional, uma boa bióloga mesmo... Principalmente dedicação e respeito comigo mesma por causa dos meus limites, não ultrapassar o que meu entendimento, o que meu entendimento consegue alcançar. Não forçar muito, eu acho que é isso. Responsabilidade também ...acho que é isso.

E10C25. Muito obrigada!

E10P25. Disponha!

ENTREVISTA11

E11C01: Bom dia!

E11E01: Bom dia

E11C02: Que curso você faz?

E11E02: Tenho 20 anos e faço Administração Pública, mas não gosto muito não.

E11C03: Como assim?

E11E03: Ah, eu na verdade ainda não sei bem o quero fazer, mas tinha que começar um curso, aí entrei em Administração Pública mesmo, mas achei que seria mais fácil.

E11C04: E como escolheu esta Universidade?

E11E04: Eu já conhecia umas pessoas lá da minha cidade, Ipatinga, em Minas mesmo, que faziam Pós Graduação aqui, aí eu animei, mas tá difícil.

E11C05: Como assim, difícil?

E11E05: Então, acho difícil demais o curso, as matérias... Tem muita coisa que eu não entendo.

E11C06: Tem mais dificuldades em alguma matéria específica?

E11E06: Ah, assim.. Acho que é no curso inteiro mesmo, tanto as matérias de cálculo como as teóricas eu acho difícil. Mas eu acho que é porque eu entrei sem base mesmo, meu ensino médio não á essas coisas, escola pública você sabe como e né.

E11C07: Você costuma estudar fora do horário das aulas?

E11E07: Na verdade eu não sou muito de estudar não... Mas na época de prova eu até que tento.

E11C08: E nesses momentos, como você estuda?

E11E08: Dou uma lida nas matérias, às vezes faço um pouco de exercícios também.

E11C09: E estuda sozinha?

E11E09: Às vezes.

E11C10: Costuma estudar com colegas?

E11E10: Então, tem um pessoal da minha turma que estuda junto, aí de vez em quando eu vou lá e estudo um pouquinho com eles.

E11C11: E você sente diferença, entre estudar sozinha e estudar com seus colegas?

E11E11: Com eles é mais fácil, porque quem sabe mais ensina para os outros, mas não tenho muita paciência de ficar indo pra biblioteca estudar, a gente perde muito tempo.

E11C12: Você tem outros compromissos, além da faculdade, que ocupam o tempo que teria para estudar?

E11E12: Compromisso, compromisso mesmo não né... Mas eu gosto de sair, de ficar com o pessoal, eu já fico o dia inteiro aqui na universidade!

E11C13: Você conhece bem o seu curso, as possibilidades que o curso de administração Pública oferece em termos de atividades profissionais?

E11E13: Nunca parei pra pensar muito nisso não, porque eu, como te falei, ainda não sei o que quero fazer. Nem sei se vou continuar nesse curso, talvez eu mude, sei lá. Ainda vou ver também o que mais que tem aqui na universidade.

E11C14: Você está satisfeita com a Universidade?

E11E14: Ah, estou sim, a Universidade é bem legal.

E11C15: Costuma fazer perguntas aos seus professores?

E11E15: Não muito, mas uma vez ou outra eu pergunto sim.

E11C16: E como você é atendida?

E11E16: Normal, eles respondem e tal.

E11C17: O que você acha necessário para ser um bom profissional?

E11E17: Ah, acho que gostar do faz, né, é a primeira coisa. E depois, estudar para aquilo que quer.

E11C18: Muito obrigada!

E11E18: Por nada.

ENTREVISTA 12

E12C01: Bom dia!

E12G01: Bom dia.

E12C02: Por favor, me diga sua idade e qual o curso que você faz.

E12G02: Tenho 19 anos e faço educação Física.

E12C03: Você gosta de seu curso?

E12G03: Demais!

E12C04: Fale-me um pouco sobre como o escolheu.

E12G04: Ah, eu sempre quis fazer esse curso, assim, sempre pensei em estudar algo ligado a atividade física e tal.

E12C05: E com a Universidade, você está satisfeito?

E12G05: Muito satisfeito, eu ia fazer na particular porque achei que não ia conseguir passar aqui, mas deu tudo certo, graças a Deus!

E12C06: Você em dificuldades em alguma disciplina?

E12G06: No geral não, to me saindo até bem, mas as disciplinas de cálculo, aí eu não sou muito bom não.

E12C07: Como você costuma estudar?

E12G07: Bom, eu presto bastante atenção na aula, faço uns resumos e estudo em casa de vez em quando, mas aprendo mais é na aula mesmo.

E12C08: Você costuma estudar com colegas?

E12G08: Não, estudo mais é sozinho mesmo.

E12C09: Costuma fazer perguntas aos seus professores, quando tem alguma dúvida?

E12G09: Sim, sim, pergunto muito. Os professores do meu curso são muito gente boa, ajudam pra caramba.

E12C10: E você mantém, algum hábito de estudo?

E12G10: Não, às vezes eu estudo lendo, outras fazendo exercícios...

E12C11: Costuma se preocupar com horários e local ideal pra estudar?

E12G11: Assim, se eu estudo sempre na mesma hora?

E12C12: Sim, como você faz?

E12G12: Ah, isso eu não tenho não, e nem um lugar certo também não. Tipo, estudo no meu quarto, ouvindo música... Às vezes dou uma lida na matéria durante a aula mesmo.

E12C13: Mas isso não prejudica a aprendizagem da matéria que está sendo ensinada naquele momento?

E12G13: Acho que um pouco só, mas só faço isso nas aulas que acho mais fáceis, assim, que já tenho nota mesmo.

E12C14: Você acha que fez um bom ensino médio?

E12G14: Ah, mais ou menos sabe, eu sempre pratiquei muito esporte, sempre fiz muita coisa e não levava a escola muito a sério não.

E12C15: E agora, na Universidade, como está sendo?

E12G15: Agora melhorei bastante, me dedico mais, porque na universidade é outra coisa né?

E12C16: Como assim:

E12G16: Bom, no ensino médio, pelo menos na minha turma, na escola que eu estudei, a gente preocupava mesmo era em passar de ano e só. Também, a escola, pelo menos a minha, não era boa não, os professores não estavam nem aí pra gente, ninguém aprendia nada. Hoje, dentro da universidade eu vejo como isso prejudica a gente.

E12C17: E quais as diferenças que você vê na Universidade?

E12G17: É que aqui, a gente já amadureceu um pouco, já sabe que tem que aprender mesmo, porque é a profissão que a gente vai ter, então, tem que levar mais a sério, agora com esse negócio das cotas públicas não sei como vai ficar, se os alunos vão entrar preparados, pra levar o curso a sério e se vão ter base pra fazer uma universidade, porque, assim, eu acho que vai ser muito mais fácil de entrar.

E12C18: O que você considera importante para ser um bom profissional?

E12G18: Olha, acho que precisa de várias coisas, precisa gostar do que faz, mas também precisa dedicação e esforço, senão não vai ser bom profissional em nada.

E12C19: Você já se informou a respeito de seu curso neste sentido?

E12G19: Então, algumas coisas já, posso dar aula, trabalhar em academia, tem várias coisas que dá pra fazer sendo formado em educação física.

E12C20: O que você pretende fazer para solucionar suas dificuldades nas disciplinas que envolvem cálculo?

E12G20: Ah, vou tentar estudar mais, tô precisando levar mais a sério mesmo.

E12C21: Muito obrigada!

E12G21: Por nada.

ENTREVISTA 13

E13C01: Bom dia

E13H01: Bom dia.

E13C02: Por favor, qual a sua idade e qual curso você faz?

E13H02: Tenho 21 anos e faço Sistema de Informação

E13C03: Você está satisfeita com seu curso?

E13H03: Sim, bastante.

E13C04: Como escolheu este curso?

E13H04: Eu gosto muito de computadores, de tecnologia em geral, então achei que era uma boa escolha,.

E13C05: E a Universidade, como você escolheu?

E13H05: Eu já ouvia falar muito desta Universidade, tentei em outras também, mas fiquei feliz de entrar nesta pelo conceito que ela tem.

E13C06: E está satisfeita?

E13H06: Muito, a Universidade é ótima, dá todo suporte que a gente precisa, tinha coisas que eu nem sabia...

E13C07: Como assim?

E13H07: Ah, monitoria, bolsa de iniciação científica, coisas que ajudam muito a gente que é de fora, assim, ganha pouco, mas esse dinheiro já ajuda.

E13C08: Você é monitora de alguma disciplina, ou faz alguma pesquisa de iniciação científica?

E13H08: Não, não... Eu sei por que tenho umas amigas que trabalham com isso e ganham bolsa.

E13C09: Entendo. Você tem dificuldades em alguma disciplina?

E13H09: Olha, tenho algumas dificuldades sim, meu curso é bem puxado. Mas no começo eu tive bem mais, quase desisti.

E13C10: Como assim?

E13H10: Quando eu entrei no curso eu não conseguia entender quase nada do que os professores falavam, achava tudo muito difícil.

E13C11: Isso acontecia com todas as disciplinas?

E13H11: Praticamente todas, mas acho, quer dizer, acho não, tenho certeza que foi por causa do meu ensino médio que não foi muito bom.

E13C12: Você acha que não tinha base para os conteúdos das disciplinas?

E13H12: Nenhuma... Não tinha base nenhuma, assim, parece que eu não aprendi nada no ensino médio.

E13C13: Como assim?

E13H13: Estudei em escola pública, bom, não vou dizer que era por ser escola pública, mas era só bagunça, sempre faltava professor... Não aprendi nada e acho que ninguém da minha turma aprendeu muita coisa. O negócio era assar de ano mesmo. Só consegui passar na Universidade por causa do ENEM.

E13C14: E o que você fez e faz para solucionar seus problemas de aprendizagem?

E13H14: Então, no início do curso eu enrolei um pouco, tanto que to devendo matéria até do segundo período ainda, mas agora eu to estudando bastante.

E13C15: E como você estuda?

E13H15: Agora eu to estudando com meus colegas, procuro aqueles que sabem bem a matéria e peço mesmo pra estudar junto, porque o curso já é difícil, se eu não me esforçar então...

E13C16: Você acha que estuda melhor em grupo?

E13H16: Sem dúvida, tem sempre alguém que sabe melhor e que explica para os outros.

E13C17: Você costuma conversar com seus professores, fazer perguntas quando tem dúvidas?

E13H17: Não sou muito de conversar com os professores não, acho que por que estou devendo matérias ainda, faço matérias em várias turmas, sei lá, fico meio sem jeito.

E13C18: Mas já aconteceu de você fazer perguntas a eles durante as aulas?

E13H18: Acho que uma ou duas vezes só.

E13C19: E você foi bem atendida?

E13H19: Sim, eles sempre respondem bem a gente, eu é que não gosto mesmo de perguntar.

E13C20: Você já se informou a respeito das possibilidades que seu curso oferece?

E13H20: Já sim, os professores falam sempre sobre isso, tem várias coisas que a gente pode fazer.

E13C21: O que você acha necessário para ser um bom profissional na sua área?

E13H21: Olha, acho que em primeiro lugar fazer um curso bem feito, que é o que eu estou tentando fazer agora. E também tem que ter vocação eu acho, pra trabalhar naquilo que a gente gosta.

E13C22: Muito obrigada!

E13H22: Por nada.

ENTREVISTA 14

E14C01: Boa tarde.

E14Y01: Boa tarde.

E14C02: Qual é a sua idade e que curso você faz?

E14Y02: Tenho 21 anos e faço Filosofia.

E14C03: Você gosta do seu curso?

E14Y03: Olha, eu até que gosto sim.

E14C04: Como escolheu Filosofia?

E14Y04: Na verdade eu não escolhi, pois queria mesmo era fazer psicologia. Só que tentei em outras universidades e não passei, porque minha nota no ENEM não deu. Ai, conversando com uma amiga da minha mãe, fiquei sabendo que se fizesse filosofia ia acabar perto da Psicologia.

E14C05: Como assim?

E14Y05: É que ela me explicou que quem é formado em filosofia pode fazer um curso de especialização em psicanálise, de 2 anos. Aí eu me interessei, corri atrás e vi que podia ser legal.

E14C06: Então você pretende ser psicanalista?

E14Y06: Sim, eu queria mesmo ser psicólogo, mas não passei e não dá pra fazer em faculdade particular. Então, foi a melhor maneira que achei de atuar numa coisa que gosto.

E14C07: E você está se saindo bem?

E14Y07: Estou, só no início é que fiquei um pouco apertado, com matemática. No resto eu fui bem e continua tranquilo..

E14C08: Você tem hábitos regulares de estudo?

E14Y08: Hábitos não, mas eu estudo bastante.

E14C09: Como você estuda?

E14Y09: Meu curso é muito teórico, exige muita leitura, e a gente recebe muitos textos pra ler, então estudo basicamente assim, lendo muito.

E14C10: E você costuma discutir os textos com colegas ou professores?

E14Y10: Ah, sim, eu tenho um colega que já esteve no seminário, sabe, ele é muito bom! Sempre que dá eu converso com ele, a gente troca ideias sobre os textos antes das provas.

E14C11: E durante o período, fora da época de provas, você também costuma ler e discutir os textos?

E14Y11: Mais ou menos, eu leio sempre, mas discutir textos mais é na época das provas.

E14C12: E você participa de algum grupo de estudos?

E14Y12: Olhe, eu até gostaria, mas na filosofia é difícil, o pessoal não e muito envolvido não.

E14C13: Como assim?

E14Y13: Ah, é um curso, eu não sei se são todos, mas ao menos na minha turma, muita gente está ali por estar mesmo e acho que isso vai continuar agora com a aprovação dessa lei para alunos de escola pública.

E14C14: E o leva você a pensar dessa forma?

E14Y14: A turma fala que só entrou por causa do ENEM, que quer trocar de curso, que é um dos cursos menos concorridos da Universidade, então fica mesmo mais fácil de entrar. E não leve a mal não mas, eu pelo menos acho que o ensino médio das escolas públicas não dá base nenhuma. Imagine só daqui pra frente que vai poder entrar pelas cotas públicas, eu penso que o pessoal vai vir mais sem base ainda.

E14C15: E você concorda com isso?

E14Y15: Não, assim, realmente a nota de corte é baixa, mas acho que já que entrou, tem que levar a sério, fazer o curso direito. Teve uma palestra, num evento que chamou muito minha atenção.

E14C16: Conte-me como foi.

E14Y16: Foi num colóquio de Filosofia que teve aqui no ano passado, eu tava meio desanimado com o curso, achava os professores distantes demais, porque assim, os professores nem falam com a gente... Mas aí, na palestra, veio um cara que contou a história dele, ele estudava Engenharia Florestal e depois foi estudar Filosofia em outra Universidade.

E14C17: E o que exatamente chamou sua atenção na história dele?

E14Y17: Foi ele falar que largou tudo pra fazer o que ele gostava e que também ficou meio desanimado no primeiro e segundo período, ele explicou que enquanto fica nestas matérias básicas é meio chato mesmo, mas que depois melhora e que vale a pena a gente persistir, que é um curso muito bom.

E14C18: E você já sentiu essa diferença?

E14Y18: Sim, agora já me livrei da matemática fundamental, do inglês... Então melhorou bastante.

E14C19: O que você considera necessário para ser um bom profissional?

E14Y19: Olha, em primeiro lugar é fazer um curso bem feito, não dá pra querer exercer uma profissão se você não estudou, se você não se preparou para aquilo. Para mim mesmo, vai demorar para exercer uma profissão.

E14C20: Como assim?

E14Y20: Ah, porque eu não pretendo tipo, dar aula de filosofia... Então, depois que eu formar eu ainda vou estudar mais dois anos, vou fazer a especialização em Psicanálise, vai demorar um pouco.

E14C21: Muito obrigada!

E14Y21: Disponha.

ENTREVISTA 15

E15C01: Bom dia!

E15S01: Bom dia. Sabe que eu nunca dei uma entrevista?

E15C02: Não? Agradeço por você participar deste trabalho.

E5S02: Tudo bem, acho que vai ser legal.

E15C03: Por favor, diga-me sua idade, e qual o curso que você faz.

E15S03: Faço Administração, estou no quarto período. E tenho 19 anos, quase 20.

E15C04: Você gosta de seu curso?

E15S04: Gosto sim, gosto muito, os professores são ótimos, e a Universidade, bom, é uma das melhores do país não é? Para mim foi uma vitória entrar aqui.

E15C05: E está se saindo bem?

E15S05: No começo eu tive muita dificuldade, porque eu não sou daqui e nunca tinha saído de casa sabe, foi difícil me adaptar por que é tudo muito diferente.

E15C06: Você teve dificuldades foram em relação à Universidade também?

E15S06: O começo eu estranhei mais foi morar fora mesmo, porque a minha mãe fazia tudo pra mim, aí vim morar numa república, não dei muito certo com as outras meninas, nossa, foi um sufoco!

E15C07: E isso afetou seus estudos?

E15S07: Sim, eu pensei até em voltar, mas meus pais conversaram e alugaram um apartamento para mim e outra menina da minha cidade, que eu já conhecia. Aí eu fiquei e ficou mais fácil pra estudar, sem barulho, sem bagunça.

E15C08: E à Universidade, você se adaptou facilmente?

E15S08: Foi mais ou menos igual à mudança, no começo eu estranhei um pouco mas agora já está melhor.

E15C09: E quais foram suas dificuldades?

E15S09: Ah, eu até comparei com a minha saída de casa... Assim, no ensino médio os professores são meio parecidos com mãe, se preocupam com a gente, chamam pra conversar se notam que as notas baixaram, essas coisas. E na Universidade não tem isso, é cada um por si mesmo, a gente tem que ter mais responsabilidade.

E15C10: Entendo. E na aprendizagem, você teve alguma dificuldade?

E15S10: Tive também, e muito! Eu nunca fui boa em matemática e física, então já sabia que ia ser difícil. Minhas colegas até falavam que eu tinha que fazer Direito, Psicologia, algum curso que não tivesse nada de exatas...

E15C11: E como você fez sua escolha, pelo curso de Administração?

E15S11: Minha família tem uma empresa, assim, não é uma grande empresa, mas é uma empresa. Meu pai sempre falou que eu deveria fazer, pra trabalhar com ele, para administrar nossos próprios negócios e tal. E eu gosto dessa área também.

E15C12: O que você fez para solucionar esse problema?

E15S12: Tentei estudar sozinha, fazia muitos exercícios, ficava até sem dormir, sem sair pra estudar, mas não adiantava nada. Então comecei a estudar com meus colegas, foi ficando mais fácil.

E15C13: E atualmente, como você estuda?

E15S13: Eu acabei me acostumando a estudar com outra pessoa, vi que a gente aprende mais assim.

E15C14: Mas como você estuda, tem algum hábito regular de estudos?

E15S14: Assim, eu quando vejo que uma matéria está mais difícil, faço perguntas na aula, tento entender. Uma coisa que acho legal é aqueles professores que usam exemplos pra explicar, isso ajuda muito.

E15C15: Você se sente a vontade para fazer perguntas durante a aula?

E15S15: Sim, eu pergunto e eles sempre respondem de boa vontade, mas tem matéria que é mais difícil mesmo, a gente tem que se dedicar mais, não tem outro jeito.

E15C16: Você se comunica bem com seus professores?

E15S16: Então, quando a gente faz perguntas eles respondem de boa vontade, como eu te falei, mas acho que poderiam conversar mais, estender mais os assuntos... Eles só respondem e pronto, meus colegas também já comentaram isso.

E15C17: Como assim?

E15S17: Que seria bom se os professores conversassem mais, mesmo a gente já sendo adulto, na Universidade e tudo, a gente sente falta assim, do professor saber que a gente tá ali, você entende?

E15C18: Entendo. E os estudos com seus colegas, são frequentes, duramente todo o período de aulas?

E15S18: Mais ou menos, a gente não estuda junto todos os dias, mas também não deixa pra estudar só no dia da prova não. Pelo menos uma vez por semana a gente senta pra estudar alguma coisa.

E15C19: E sozinha, você estuda regularmente?

E15S19: Sozinha eu estudo mais, não direto, mas estudo mais. Mas eu sei que para aprender melhor as matérias de um período, por exemplo, eu tenho que ter aprendido as matérias do período anterior, então agora eu estou me esforçando mais.

E15C20: Como foi seu ensino médio?

E15S20: Ah, meu ensino médio foi bom, eu estudei em uma escola particular, meu problema com exatas já é meu mesmo, eu nunca gostei. Meu colégio, o que estudei lá na minha cidade é muito bom, os professores são bons, isso tem me ajudado com as outras disciplinas.

E15C21: O que acha necessário para ser um bom profissional em sua área?

E15S21: Conhecer bem a área, se manter informado, assim, acompanhar as mudanças, é uma área que tá sempre mudando.

E15C22: Muito obrigada!

E15S22: Por nada, disponha.

ENTREVISTA 16

E16C01: Bom dia.

E16T01: Bom dia.

E16C02: Por favor, me diga sua idade e qual é o curso que você faz.

E16T02: Ok, eu tenho 20 anos e faço Ciências da Computação, quarto período.

E16C03: Você é de qual cidade?

E16T03: Sou de Belo Horizonte, vim pra cá só para estudar nesta Universidade mesmo, nem tentei nas outras..

E16C04: E o que o levou a escolher esta Universidade?

E16T04: O conceito mesmo, é uma das melhores, assim, a de BH também é excelente, mas eu gosto de interior, de sossego então uni o útil ao agradável

E16C05: Entendo. E como escolheu o curso de Ciências da Computação?

E16T05: Por gostar da área mesmo, até antes de entrar no ensino médio, lá pela oitava série eu já pensava em alguma coisa relacionada com computadores.

E16C06: E você está se saindo bem?

E16T06: Até que estou sim, minhas notas, a maioria são boas.

E16C07: Você tem dificuldade em alguma disciplina?

E16T07: Em disciplinas mais teóricas eu tenho. Sempre gostei mais de exatas, meu negócio é número. No comecinho, aquelas matérias básicas, só teoria, nossa! Foi barra...

E16C08: Agora você não tem mais este tipo de disciplina?

E16T08: Tem, tem sempre que ler algum texto e é aí que pega... Só que eu acho que preciso me esforçar mais, porque eu dependo de entender bem estas matérias mais teórica, mesmo não gostando, pra entender bem depois as outras matérias do curso.

E16C09: E o que você tem feito para solucionar isto?

E16T09: Ah, isso é difícil de solucionar... Minha namorada me dá umas dicas, pra fazer resumo, anotar as coisas... Mas pra resumir tem que ler, não é?

E16C10: E você faz os resumos?

E16T10: É o jeito, vou lendo e escrevendo o que eu acho que é mais importante, ou que é mais difícil de guardar, o resumo ajuda sim, mas é difícil de fazer.

E16C11: O que mais você faz pra aprender?

E16T11: Essas matérias que exigem leitura, só isso mesmo, vou lendo, não gosto, mas leio, e vou resumindo, depois leio os resumos, assim, meio que estudo por eles para as provas.

E16C12: E as outras disciplinas?

E16T12: Ah, as outras são bem mais fáceis.

E16C13: E como você estuda para as outras disciplinas?

E16T13: Faço muito exercício, acho que é a melhor maneira de aprender cálculo, fazendo exercício mesmo.

E16C14: E você faz isso regularmente?

E16T14: Como assim, regularmente, se faço todo dia?

E16C15: Sim, você estuda assim durante todo o período, ou apenas em época de provas?

E16T15: Ah, entendi... As de teoria só quando aperta mesmo, tipo, a prova já é amanhã, então em que ler os textos e tentar fazer os resumos pra ajudar.

E16C16: E as outras disciplinas?

E16T16: As outras eu estudo mais, bem mais. Como eu gosto, eu acabo que em casa, às vezes aqui mesmo na Universidade eu estudo um pouco, resolvo exercícios e tal.

E16C17: Você costuma estudar sozinho ou com colegas?

E16T17: Às vezes sozinho, às vezes com o pessoal, não têm um padrão não.

E16C18: E você sente alguma diferença entre estudar sozinho ou com seus colegas?

E16T18: Bom, com os colegas é melhor, parece que rende mais. Tem sempre aqueles que entenderam melhor alguma matéria, ou que tem mais facilidade pra explicar.

E16C19: E em sala de aula, quando tem alguma dúvida, você costuma fazer perguntas aos seus professores?

E16T19: Muito raramente.

E16C20: Caso precise, você se sente a vontade para conversar com eles e pedir uma nova explicação?

E16T20: Não pergunto muito não viu... Uma ou outra vez que perguntei o professor foi tão seco que evito perguntar depois disso.

E16C21: Mas como você faz para tirar sua dúvida, neste caso?

E16T21: Vejo depois com o pessoal da sala, quem entendeu melhor, prefiro assim.

E16C22: Você acha que aprenderia melhor se fosse diferente?

E16T22: Claro, tem colega que às vezes sabe mais do que a gente, mas professor é professor! Se eles conversassem mais, dessem mais liberdade pra gente perguntar, sei lá, seria mais fácil, eu pelo menos ficaria mais a vontade.

E16C23: Entendo. O que você acha necessário para ser um profissional bem sucedido em sua área?

E16T23: Informação. Informação no sentido de ficar por dentro dos programas que surgem, das mudanças, ficar atento às novidades da área e ser competente, claro!

E16C24: Muito obrigada!

E16T24: Por nada.

ENTREVISTA 17

E17C01: Boa tarde.

E17I01: Boa tarde.

E17C02: Por favor, diga-me sua idade e qual o curso que você faz.

E17I02: Engenharia Florestal, estou terminando já, último período.

E17C03: E qual é a sua idade?

E17I03: Tenho 23 anos.

E17C04: Está satisfeita com o curso que escolheu?

E17I04: Muito! Quando eu entrei não tinha muita certeza se era exatamente agronomia que eu queria fazer, mas hoje sei que fiz a escolha, certa.

E17C05: E a Universidade, por que você escolheu esta Universidade?

E17I05: Porque é uma das melhores na minha área.

E17C06: Bom, você já está quase se formando, poderia me contar um pouco sobre seus estudos durante a graduação?

E17I06: Sim, claro... Eu sou de Ribeirão Preto, no estado de São Paulo. Na minha região todos conhecem esta Universidade, vem muita gente do estado de São Paulo estudar aqui. Eu fui mais uma...

E17C07: E como foi esta mudança de estado e de cidade?

E17I07: Estranhei um pouco no início, mas não foi muito difícil não, eu já morava longe de casa, meus pais moram no interior e eu fui morar em Ribeirão preto pra fazer o ensino médio, então, já estava acostumada a ficar longe deles, acho que para a maioria das pessoas que vão estudar fora, esta é a parte mais complicada.

E17C08: E a transição do ensino médio para a Universidade, como foi?

E17I08: Isso eu estranhei, mais, porque é muito diferente... O ritmo até que não, porque eu fiz cursinho pré-vestibular no terceiro ano inteiro, estudava de manhã e de tarde e ainda fazia inglês à noite no final. Já estava acostumada a estudar muito.

E17C09: E o que você estranhou?

E17I09: Foi mais a questão das disciplinas mesmo e da maneira como a gente tem que ser mais responsável, se virar sozinha...

E17C10: Como assim?

E17I10: Na universidade não dá pra ficar correndo atrás do professor o tempo todo, pedindo explicações... A gente tem que se dedicar mesmo, se esforçar ou não aprende nada. É diferente do ensino médio.

E17C11: Mas você faz perguntas aos professores quando sente necessidade?

E17I11: Faço, mas não demais, não gosto de passar aquela impressão de que não entendi nada.

E17C12: Por que você pensa desta forma?

E17I12: Porque os professores são bons, explicam bem, se a gente presta bem atenção, leva o curso a sério, não precisa ficar perguntando.

E17C13: E você sempre pensou assim?

E17I13: No início do curso não, eu perguntava muito e os professores eram muito receptivos, atenciosos... Isso me ajudou a me entrosar mais com o curso e entender melhor as matérias.

E17C14: Como você estuda?

E17I14: Com leituras, resumo, anotações, coisas assim. Gosto de ler e de escrever também, por isso sempre anoto as coisas durante a aula, durante a explicação do professor e depois leio com calma, vou repassando e vendo o que não entendi muito bem e a que devo dar mais atenção, focar mais.

E17C15: Você costuma estudar sozinha ou com colegas?

E17I15: Os dois. Estudo muito sozinha, aproveito bem o meu tempo pra ver como é que eu estou, em que tenho mais dificuldade, depois estudo com um pessoal da minha turma que já é acostumada a estudar junto desde o segundo, terceiro período.

E17C16: E você nota diferença, em sua aprendizagem, entre estudar sozinha e estudar com colegas?

E17I16: Acho sim, eu estudo bem sozinha, mas com colegas é sempre melhor. E a gente já tem esse grupo há um tempão, têm mais duas meninas do grupo que fazem iniciação científica, como eu, a gente tem muito a ver.

E17C17: Você tem ou já teve, durante o curso, dificuldades em alguma disciplina?

E17I17: Acho que dificuldade não... Teve uma ou outra matéria que eu achava mais difícil, mas estudava mais para ela, me dedicava mais e no final dava tudo certo.

E17C18: Você foi e continua sendo uma estudante bem sucedida, a que você atribui?

E7I18: Olhe, eu realmente me considero uma boa aluna, mas tive muita ajuda também. Tive ajuda de professores e dei sorte, tenho um grupo de amigos que estuda junto que está sempre pronto pra ajudar um ao outro. Espero que seja assim também na Pós.

E17C19: Você pretende continuar seus estudos com a Pós-Graduação?

E17I20: Sim, vou tentar o próximo mestrado já. E se tudo der certo, depois vem o doutorado, pretendo seguir a carreira acadêmica mesmo.

E17C21: O que pensa ser necessário para ser bem sucedida profissionalmente em sua área?

E17I21: Estudar, estudar e estudar... Quero lecionar, então tenho que estudar demais para passar em um bom concurso, em uma universidade boa. Ainda tenho uns bons anos pela frente, mas espero ser uma boa profissional.

E17C22: Muito obrigada!

E17I22: Pornada, disponha.

ENTREVISTA18

E18C01: Bom dia!

E18R01: Bom dia.

E18C02: Por favor, me diga qual o curso que você faz e em que período está.

E18R02: Faço Letras, licenciatura e estou no primeiro período ainda, mas estou gostando muito.

E18C03: Que bom! Qual a sua idade?

E18R03: 18 anos.

E18C04: Conte-me como você optou pelo curso de Letras.

E18R04: Eu sempre gostei muito de ler, de escrever... Quando eu era criança, minha brincadeira preferida era de escolinha, e eu sempre era a professora. Na escola, depois de maior, eu acabava sempre ensinado alguém, gostava mesmo.

E18C05: Então você acha que tem aptidão para lecionar?

E18R05: Eu e a maioria das pessoas que convivem comigo, tem sempre alguém comentando que eu levo jeito pra dar aula.

E18C06: Entendo. Mas por que Letras?

E18R06: Então, no terceiro ano eu comecei a pensar no ENEM, em que faculdade que eu ia fazer e decidi fazer alguma coisa que eu pudesse dar aula. Escolhi Letras por causa do inglês, eu gosto muito de inglês. Eu tive uma professora de inglês que eu gostava muito, acho que isso influenciou também.

E18C07: E você está gostando do curso?

E18R07: Estou sim, tá no começo ainda, mas estou gostando.

E18C08: E como você está se saindo?

E18R08: Na maioria das matérias eu estou bem, minhas notas estão boas.

E18C09: Você tem dificuldades em alguma disciplina?

E18R09: Matemática! Tem uma matéria, Matemática Fundamental, nossa, você não tem noção do quanto é difícil! A professora chega, enche o quadro de coisa e eu não entendo nada, sabe o que é nada, nada mesmo? No ensino médio era assim também, eu nem sei como é que me formei, nunca aprendi matemática, nem física, nem química. Nesta área, meu ensino médio foi péssimo, a maioria dos meus colegas fala a mesma coisa, que não aprenderam essas matérias, e agora a gente tá passando aperto aqui.

E18C10: E você conversa com a professora, pede para que ela explique novamente?

E18R10: Ah, não tem nem jeito, minha turma é muito grande, o pessoal conversa muito, eu só copio, já desisti de aprender alguma coisa nessa aula.

E19C11: Mas como você faz para aprender, se não aprende na aula?

E18R11: Eu tô frequentando a monitoria pra ver se consigo passar.

E18C12: E com os monitores você entende melhor?

E18R12: É mais fácil de entender lá, porque a monitora, ela é legal, explica com mais calma, e vai pouca gente também.

E18C13: Você costuma estudar com seus colegas?

E18R13: Pra matemática não, porque lá na minha turma a maioria tem dificuldade em matemática.

E18C14: E para as outras disciplinas?

E18R14: Para as outras eu estudo com duas colegas minhas, a gente também faz trabalho junto, em grupo, quando é um trabalho de grupo maior entra mais gente, mas nós três sempre fazemos juntas.

E18C15: E como você estuda?

E18R15: Eu primeiro leio todos os textos e vou marcando as partes mais importantes. Depois eu faço um resumo e mostro para as minhas colegas, elas fazem assim também, e uma lê o resumo da outra.

E18C16: Você tem um hábito regular de estudo, se reúne sempre com suas colegas para estudar?

E18R16: Não, tanto eu como minhas colegas, nós estudamos mais para as provas mesmo.

E18C17: Como foi para você a entrada na universidade?

E18R17: Foi muito tranquila, eu consegui passar aqui nesta universidade mesmo, não precisei mudar nada na minha vida, tá do mais ou menos como era antes, eu só preciso estudar mais. Ah, e também eu nunca tinha estudado a noite, dava um pouco de sono no começo, mas agora já me acostumei.

E18C18: E sobre as aulas, sobre as diferenças entre o ensino médio e a universidade, como foi?

E18R18: Bem diferente! A turma é muito grande, porque tem umas matérias que junta com a turma do curso de Filosofia, é muita gente. No primeiro dia levei um susto, era gente demais, tipo, umas 100 pessoas... Mas já acostumei também.

E18C19: O que você considera ser necessário para ser uma boa profissional em sua área?

E18R19: Acho que dedicação, antes de tudo. Eu quero ser professora, então, pensando em professor... Acho que para ser bom professor tem que gostar mesmo, gostar de ensinar e se interessar pelos alunos. Acho que isso é essencial.

E18C20: Muito obrigada!

E18R20: As ordens!

ENTREVISTA19

E19C01: Boa tarde!

E19V01: Boa tarde!

E19C02: Qual é o curso que você faz?

E19V02: Nutrição.

E19C03: Por favor, diga-me sua idade e de onde você é.

E19V03: Sou do Rio de Janeiro e tenho 22 anos.

E19C04: Qual período você está cursando?

E19V04: Segundo período.

E19C05: E você gosta do curso?

E19V05: Não muito, acho muito difícil.

E19C06: Como você escolheu o curso de nutrição?

E19V06: Na verdade eu não escolhi o curso, eu escolhi a universidade...

E19C07: Como assim?

E19V07: Eu queria sair do Rio, não aguentava aquela cidade e a única maneira de sair de casa era pra estudar fora. Fiz o ENEM e procurei na lista de universidades alguma que ficasse no interior. Aí, tinha que escolher um curso,

escolhi Nutrição por escolher mesmo. Nem sabia direito pra que esse curso serve e na verdade ainda não sei.

E19C08: Entendo, mas por que se inscreveu no curso de Nutrição?

E19V08: Pelas notas de corte daqui, minha nota do ENEM foi baixa, dei uma Olha,da e vi que Nutrição aqui não era muito concorrido, a nota de corte é mais baixa que as outras, aí eu tinha mais chance de passar.

E19C09: Entendo. E você acha que fez uma boa escolha,?

E19V09: Da Universidade sim, é muito melhor do que eu esperava, eu não conhecia nenhuma universidade, achava que era só um colégio maior... Fiquei impressionada com o tamanho daqui, e é muito bonito também.

E19C10: E como você está se saindo no curso?

E19V10: Mal... Não vou mentir não, só nota baixa!

E19C11: E a que você atribui isso?

E19V11: Bom, eu já sabia que seria meio complicado, difícil pra mim.

E19C12: Como assim?

E19V12: É que eu sou mais velha que meus colegas, já tenho 22 anos, mas eu não fiz o ensino médio, então vim sem base, acho que isso ta me prejudicando muito aqui também..

E19C13: Explique-me melhor, como não fez?

E19V13: Eu fiz o EJA, sabe, aquele supletivo? Porque eu estava muito atrasada, parei de estudar no primeiro ano e fui trabalhar. Depois resolvi voltar, aí fiz o EJA pra adiantar, entende?

E19C14: Entendo sim. E você se adaptou bem ao interior?

E19V14: Demais, eu adoro o sossego daqui.

E19C15: Você se dá bem com seus colegas?

E19V15: Muito bem, o pessoal é muito legal.

E19C16: E com os professores, você se dá bem?

E19V16: Não os conheço direito, assim, são muitos professores e a turma também é grande, mas as aulas, assim, eu não posso culpar as aulas sabe, eu é que não tenho base mesmo e não entendo direito as aulas.

E19C17: E o que você faz para solucionar isso?

E19V17: Ah, eu vou levando, tem uns trabalhos também, que dá para garantir uns pontos e já ajuda, vou levando.

E19C18: E como você estuda?

E19V18: Isso de estudar, eu não sou muito de estudar não, não tenho muita paciência de ficar estudando em casa não.

E19C19: E na universidade, você costuma estudar fora dos horários das aulas?

E19V19: Bom, vou te contar, eu falto bastante, se eu saio à noite por exemplo não consigo acordar cedo. É coisa de universitário mesmo, né? Aí eu as vezes pego a matéria com uma colega depois.

E19C20: Você estuda junto com suas colegas?

E19V20: É, quando eu falto e acumula matéria eu estudo, copio as coisas, porque senão eu fico sem nada, não tem nem jeito de fazer prova.

E19C21: O que pretende fazer para melhorar seu desempenho na universidade?

E19V21: Vou ter que melhorar né? Este período eu vou levar mais a sério, vou vir em todas as aulas e ver se melhora.

E19C22: O que você acha necessário para ser uma profissional bem sucedida em sua área?

E19V22: Dedicção, conhecer bem a área, essas coisas.

E19C23: Muito obrigada!

E19V23: Por nada!

ENTREVISTA 20

E20C01: Olá B.

E20B01: Olá.

E20C02: Qual é o curso que você faz?

E20B02: Engenharia Florestal, sétimo período.

E20C03: Qual sua idade?

E20B03: 22 anos.

E20C04: Você gosta de seu curso?

E20B04: Sim gosto muito.

E20C05: Como foi sua escolha, pelo curso de Engenharia Florestal?

E20B05: Eu sempre gostei do campo, de natureza. Quando fui escolher a faculdade, pensei também em Agronomia, mas acabei escolhendo este, achei que me realizaria mais. A gente tem que gostar do que faz, não é?

E20C06: E como você se sai no curso?

E20B06: Agora estou me saindo bem, graças a Deus!

E20C07: Não foi sempre assim?

E20B07: Não, no começo do curso passei muito apertado, tinha umas disciplinas que eu não conseguia acompanhar.

E20C08: A que você atribui essas dificuldades?

E20B08: Acho que universidade é isso mesmo, o curso é bem apertado. Mas meu ensino médio também não foi muito bom, sabe, eu não tinha muita base pra universidade.

E20C09: Como foi sua adaptação à universidade?

E20B09: Não foi muito fácil não... Muito longe, sentia muita falta de casa... O que me ajudou é que fiz boas amizades e os professores do meu curso também são muito legais.

E20C10: Então você se relaciona bem com seus colegas e professores?

E20B10: Muito bem, tenho muitos amigos aqui.

E20C11: Sobre as dificuldades de aprendizagem, o que você fez para solucionar este problema?

E20B11: Ah, eu estudei muito. Quando vi que estava apertado eu passei a estudar mais, a me dedicar mais, principalmente para as matérias mais difíceis, até pra entender as matérias dos próximos períodos, eu tinha que ter uma base.

E20C12: E como você estuda?

E20B12: Hoje eu acho que estudo melhor, sabe, no começo eu não sabia direito como estudar. Ficava só lendo a matéria, e tem coisa que só ler não adianta.

E20C13: Estudava sozinha?

E20B13: Sim, eu chegava em casa, as vezes nem comia direito, comia com apostila na mão...

E20C14: E hoje, como você estuda?

E20B14: Ah, tive um professor que me ensinou umas técnicas, me deu umas dicas.

E20C15: E como foi isso?

E20B15: Eu pedi ajuda mesmo, não entendia quase nada da matéria. Aí um dia, o professor estava me explicando uma matéria e me sugeriu ler as apostilas e resumir, para identificar o que eu não estava entendendo e depois trazer as dúvidas pra aula. Por que assim, eu não sabia direito nem como perguntar, entende?

E20C16: Entendo. E você continua fazendo isso?

E20B16: Sim, e comecei a ir às monitorias também.

E20C17: Você costuma estudar sozinha, ou com colegas, fora do horário das aulas e das monitorias?

E20B17: Às vezes eu estudo sozinha, mas estudo bastante com meus colegas também, temos um grupo que se reúne pra estudar.

E20C18: E você acha diferença entre estudar sozinha e estudar em grupo?

E20B18: Sim, muito, em grupo facilita muito, porque cada um coloca suas dúvidas e vamos vendo o que cada um sabe e discutindo. É muito bom.

E20C19: E você estuda durante todo o período?

E20B19: Ah sim, dou uma lida na matéria quase todos os dias e, tipo, umas três vezes por semana estudo com meus colegas.

E20C20: O que você considera importante para ser um bom profissional em sua área?

E20B20: O mesmo que em todas as áreas, seriedade, dedicação e competência. E estudo, assim, a pessoa tem que investir, se especializar na área que escolheu, porque hoje em dia a concorrência é muito grande.

E20C21: Muito obrigada!

E20B21: As ordens!

ANEXO E - Questionário meta- aprendizagem do PAAA.

Reproduzido de Gonçalves, Junqueira e Plácido (2009, p. 96-97).

Como organizo o estudo?	Sim	Não
1-Sigo um horário de estudo todos os dias.		
2-Costumo estar em dia no estudo das diferentes matérias?		
3-Resta-me algum tempo para revisões todos os dias?		
4-Costumo estudar unicamente quando se aproxima um exame ou teste?		
5-Costumo atrasar a entrega dos trabalhos que me pedem?		
6-Acabo a tarefa dentro do prazo que me propus?		
7-Depois de começar uma sessão de estudo, noto com frequência que não disponho do material necessário?		
8-Estudo habitualmente no mesmo lugar?		
9-Costumo estudar em frente à televisão ou ouvindo música?		

10-Tenho, na minha mesa de estudo, algo que possa distrair a minha atenção?		
Que técnicas de estudo utilizo?	Sim	Não
11-Leio com rapidez o que estudo?		
12-Costumo ler pronunciando as palavras?		
13-Estudo rapidamente o tema para ter uma ideia do conjunto antes de lê-lo com maior atenção?		
Tenho dificuldade em encontrar as ideias principais nos temas que estudo?		
1-Costumo ignorar as ilustrações (gráficos, fotografias, desenhos, etc.) dos livros de estudo?		
18-Começo a leitura de um livro e estudo sem antes ler o índice?		
19-Quando estudo, sublinho o que me parece mais importante?		
20-Tenho dificuldade em resumir o que li?		
21-Faço, frequentemente, esquemas dos temas que estudo?		

22-Consulto outros livros para completar os temas do livro de texto?		
23-Relaciono o que aprendo com o que já sabia?		
24-Aplico no estudo de uma matéria o que aprendi noutra?		
25-Faço anotações na aula?		
26-Ao tomar anotações, procura escrever tudo que o professor diz?		
27-Entendo as anotações que realizo durante a aula?		
28-Revejo os apontamentos com a finalidade de ordená-los e completa-los?		
29-Costumo fazer perguntas na aula?		
30-Leio com atenção as perguntas de um exame escrito antes de respondê-las?		
31-Faço uma distribuição do tempo entre as diferentes perguntas do exame antes de começar a respondê-las?		
32-Esqueço-me, com frequência, de rever o exercício antes de entregá-lo ao professor?		

33-Tenho dificuldade em expressar oralmente as minhas ideias?		
Qual meu interesse em relação ao estudo?	Sim	Não
34-Tenho dificuldade em começar a estudar todos os dias?		
35-Desanimo com frequência perante as dificuldades no estudo?		
36-Dedico mais tempo às matérias em que tenho mais facilidade?		
37-Costumo esperar que a data do exame seja marcada para começar a estudar?		
38-Estudo somente quando me sinto disposto?		
39-Fico entediado, frequentemente, ao longo do estudo?		
40-Não consigo evitar as distrações durante o tempo de estudo?		